

DEPÓSITO LEGAL

# A CAPITAL

Ano II (2.ª Série)  
N.º 510 — 1969  
Quinta-feira  
24 de Julho  
Preço 1\$00

Director: NORBERTO LOPES

Director-Adjunto: MÁRIO NEVES

Editor: AMÉRICO COVÕES

PROPRIEDADE: S. G. C. — SOCIEDADE GRAFICA DA CAPITAL — S. A. R. L. • RUA DO SÉCULO, 34 — LISBOA-2 • TELEFONES: 30455/30456/30457/30631 • ENDEREÇO TELEGRÁFICO: ACAPITAL • TELEX: 1386

## O HOMEM REGRESSA DA LUA

### ASSEGURAR A CONTINUIDADE

**F**RANCO designou o seu sucessor. A escolha não causou a menor surpresa, pois se sabia de antemão e de longa data que recairia sobre D. Juan Carlos de Bourbon y Bourbon, logo que atingisse a maioridade estabelecida por lei para ser designado. O filho do pretendente fora educado, por iniciativa do «Caudillo» e de acordo com seu pai, para ocupar um dia o trono de Espanha, mas apenas quando o Generalíssimo julgasse o momento oportuno. São mais ou menos conhecidas as desinteligências que surgiram, ao longo deste processo político, que se arrasta há vinte anos, pela circunstância de o filho de Afonso XIII se considerar o único representante da legitimidade dinástica, desinteligências que não obstaram a que os factos se consummassem, e que tiveram um significado apenas aparente na evolução dos acontecimentos. A declaração do Conde de Barcelona não deixou dúvidas a tal respeito e aqueles dos seus partidários que não estão de acordo com a solução adoptada não podem, em boa verdade, mostrar-se mais realistas do que o rei.

Dissolvendo o seu Conselho Privado e o seu secretariado político, D. João aceitou tácitamente a decisão do Generalíssimo, no propósito de não ser para os espanhóis um factor de divisão e para a fami-

(Continua na pág. 2)

### A OPOSIÇÃO A FRANCO REJEITA A MONARQUIA

**M**ADRID, 24 — Indica-se nos círculos políticos de Madrid que as forças, agora clássicas, da Oposição ao regime franquista observaram a mesma atitude para com o seu sucessor, o príncipe Juan Carlos de Bourbon. Passadas quarenta e oito horas sobre a comunicação do «caudillo» diversos movimentos da Oposição manifestaram já a sua intenção de rejeitar a Monarquia criada para assegurar a continuidade do regime. Os carlistas — quatro dos quais votaram nas Cortes contra a designação do príncipe Juan Carlos — publicaram um curto manifesto condenando esta designação.

Em segundo lugar, um comunicado comum da es-

**H**OUSTON, 24 — O voo da «Apolo-11» nasceu no fogo da rampa de lançamento e termina hoje na água, com a descida no Pacífico.

A demorada e silenciosa viagem desde a Lua completa um dos momentos mais emocionantes dos voos siderais — a incandescente reentrada na atmosfera terrestre e a descida no oceano.

Com ignição perfeita para sair da órbita lunar e com as correcções adequadas durante a rota, a «Columbia» deve caminhar para uma amarração a salvo. O risco principal é a atmosfera terrestre.

A nave espacial deve encontrar-se no ângulo correcto quando chegar aos primeiros assomos da atmosfera a cerca de 134 mil

**CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON, 24 — Às 13 e 32 de Lisboa a «Apolo-11» estava a 60 000 quilómetros da Terra e deslocava-se à velocidade de 12 000 quilómetros por hora. — (F. P.)**

metros e a uma velocidade de 2060 metros por segundo.

Se o ângulo for demasiado baixo, a nave afastar-se-á da beira exterior da atmosfera como uma pedra atirada a rasar a superfície de um lago. Se tal se registar não haverá

energia suficiente para tentar de novo a manobra e os astronautas ficarão perdidos em órbita.

Se o ângulo for demasiado inclinado, a fricção com a atmosfera transformará a nave num meteoro ardente, incinerando os astronautas Armstrong, Aldrin e Collins, e acabando, assim, no meio do fogo, a odisseia da «Columbia».

#### O LOCAL DE AMARRAGEM

Entretanto, tendo sido assinada das tempestades na zona de recuperação dos astronautas da «Apolo-11» no Pacífico, foi decidido dirigir a nave espacial para 215 milhas marítimas, ou seja, 400 quilómetros ao norte do local previsto — anunciou o Centro Espacial de Houston.

Ao entrar na atmosfera terrestre, os astronautas modificarão, pois, o ângulo de descida da cabina especial, de maneira a fazê-la planar por mais algum tempo. Esta manobra fá-la-á mergulhar no oceano a 2780 quilómetros do ponto de penetração,

aproximando-se, assim, do arquipélago das ilhas Hawaii.

Tinha sido previsto, originalmente, que a cabina espacial efectuasse a amarração a 2380 quilómetros do ponto de penetração da atmosfera terrestre.

#### PROGRAMA DO VOO

E o seguinte o programa, sujeito a alterações, das últimas horas de voo da «Apolo-11» (horas de Lisboa):

As 11 e 32, despertar da tripulação que começa a

(Continua na pág. 8)

### TEL-AVIV PODE SER BOMBARDEADA

— AFIRMA DAYAN

**TEL-AVIV, 24 —** O ministro da Defesa israelita, general Moshe Dayan, afirmou hoje ao fazer os primeiros comentários ao discurso proferido a noite passada pelo presidente Nasser, que os egípcios poderão bombardear Tel-Aviv em qualquer novo surto da guerra no Médio Oriente.

O general Dayan afirmou durante uma visita a Hebron: «As declarações do presidente Nasser segundo as quais o cessar fogo nunca existiu devem ser tomadas à letra». — R.)

## OS INCÊNDIOS NAS FLORESTAS — RISCO GRAVE (E PERMANENTE) PARA A ECONOMIA NACIONAL

Ascendem a muitos milhares de contos os prejuízos que, anualmente, afectam a economia nacional, decorrentes dos incêndios que, particularmente no tempo quente de Verão, dizem grandes extensões das zonas florestais do País.

Não sendo possível apurar dados — que parecem ser inexistentes — relativos aos danos provocados por fogos em propriedades rústicas particulares afectadas a fins silvícolas — onde os prejuízos se fazem sentir com a maior intensidade, atingindo cifras elevadíssimas, dada a quase total

falta de meios preventivos e de combate dotados de um grau mínimo de eficiência —, limitamo-nos a registar que nos perímetros florestais do Estado, aos quais se confina praticamente a fiscalização e vigilância, se verificaram em 1967 uns 81 fogos em 184 matas do património estadual.

Dois terços dos incêndios florestais devem-se a negligência

Na classificação adoptada pelos Serviços Florestais e Aquícolas da Secretaria de

(Continua na pág. 6)

**JOAQUIM AGOSTINHO corre esta noite em Paris**

(Notícia na pág. 14)

VISADO PELA CENSURA

### A TV E OS JOVENS

Educadores e pais discutem um tema de hoje

(Ler mesa-redonda na pág. 5)

2.ª EDIÇÃO

HOJE: 28 PÁGINAS INCLUINDO OS SUPLEMENTOS «ECONOMIA & TÉCNICA» E «EXTRA»



# Pontos de vista

## A conta nacional de pagamentos

**P**ROVIDENCIAIS factores exógenos continuam a sustentar o saldo positivo da balança de pagamentos de Portugal metropolitano, sem que os suportes reais e fundamentais da economia, no seu crescimento positivo e no seu desafogo intrínseco, tenham melhorado de perspectivas. A conjuntura interna, de facto, não apresentou sinais favoráveis nos primeiros meses do ano corrente, em numerosos aspectos que se documentam na «Análise Trimestral» recentemente divulgada pelo Secretariado Técnico da Presidência do Conselho. Em matéria de balança de pagamentos, porém, os indicadores conjunturais são os que seguem, à luz da análise referida:

— Em primeiro lugar, processou-se um aumento de cerca de meio milhão de contos no «superavit» já existente ao nível das transacções correntes da Metrópole com o estrangeiro que fica agora em perto de 670 milhares de contos. Tal evolução ficou a dever-se a um melhor comportamento das receitas, uma vez que as despesas se mantêm praticamente ao mesmo nível. Por outro lado o novo «superavit» resultou mais da contracção do «deficit» do movimento de mercadorias do que do aumento aliás razoável do «superavit» em matéria de invisíveis correntes.

— A diminuição do «deficit» de mercadorias derivou em partes aproximadamente iguais da redução da despesa em importações e do aumento da receita das exportações.

— Para o melhor comportamento do saldo dos invisíveis correntes, concorreram fundamentalmente um acréscimo excepcional das remessas de emigrantes portugueses. O turismo teve uma quebra importante (as receitas baixaram cerca de 450 000 contos) enquanto se notavam diminuições nos «deficits» havidos por transportes e rendimentos de capitais, um leve incremento do «deficit» de seguros e a passagem para sinal negativo do «superavit» anteriormente existente no referente a «Diversos».

— As operações de capital, pelo contrário, que no último trimestre de 1968 tinham registado um «superavit» de cerca de 1,63 milhões de contos, apresentaram agora um pequeno «deficit» (150 milhares de contos), devido tanto a uma mudança de sinal do saldo das operações de curto prazo, anteriormente positivo em algumas centenas de milhares de contos, como a uma baixa de cerca de 1 milhão de contos no saldo positivo das operações a médio e longo prazos (fundamentalmente derivada de menores entradas de capitais por operações do sector público).

Há diversas observações e reflexões a formular em face destes dados, fornecidos pelo Secretariado Técnico da Presidência do Conselho. Nelas se evidenciarão, a quem o quiser lucidamente, realidades fundamentais da vida portuguesa de hoje.

# SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

Na Sociedade de Geografia reuniu-se a respectiva secção de Arqueologia sob a presidência do arq.º Gustavo Marques, tendo o dr. Eduardo da Cunha Serrão apresentado um ensaio de periodização dos tempos pré-históricos posteriores ao neolítico inicial na

região dos estuários do Tejo e do Sado, principalmente com fundamento nos dados fornecidos pelas poucas estações portuguesas que contribuem com elementos estratigráficos. Desde o neolítico inicial (5000 a. C.) até ao florescimento do proto-histórico reino de Tartesso — (século VII a. C.), estabeleceu quinze períodos diferenciados uns dos outros ou por características paleo-etnológicas de feição local sui generis, ou por influências de culturas oriundas do litoral mediterrâneo da Península; do Egeu, e da Europa Central. A comunicação foi discutida pelos arqueólogos Eduardo Prescott Vicente, arq.º Gustavo Marques e José Morais Arnaud.

## A ALIMENTAÇÃO E O CANGRO

Decorre amanhã, pelas 21 e 30, na sede da Sociedade Portuguesa de Naturologia, Rua do Alecrim, 38, 3.º, em Lisboa, uma conferência proferida pelo dr. J. Matos da Silva, com o título «A alimentação e o cangro». A entrada é livre.



— Decididamente não tens ainda um ar muito saudável ...

# A AQUISIÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS DE OBRAS EM LÍNGUA NÃO PORTUGUESA POR EDITORES DE PORTUGAL E DO BRASIL

Decorreu, em princípios deste mês, no Rio de Janeiro, uma reunião da Comissão Mista, prevista no Acordo Cultural Luso-Brasileiro, para debater assuntos referentes ao problema do livro que interessam a Portugal e ao Brasil e estavam já a ser discutidos neste último país. Estes debates vêm na sequência de um contacto havido em Janeiro de 1968 entre um director do Sindicato Nacional dos Editores e Livreros do Rio de Janeiro e o Grémio dos Editores e Livreros,

Esta matéria, referida numa circular enviada pelo Grémio dos Editores e Livreros aos seus associados, foi tratada na Imprensa brasileira antes da reunião da referida Comissão Mista, com representação portuguesa organizada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, que solicitou a

presença do representante do Grémio no grupo de trabalho. A agenda de trabalhos consignava, para o assunto do livro, «a possibilidade de regimes de co-edições e subcedências de direitos autorais a observar pelos editores brasileiros e portugueses». Deliberou, ainda, o ple-

durante o qual o representante daquele organismo brasileiro entregou um ofício em que se dava conta da intenção do S. N. E. L. de celebrar um convénio no qual se estabeleceria o princípio da divisão, para o Brasil e para Portugal, dos direitos autorais de obras de escritores de língua não portuguesa, impedindo-se, portanto, a prática generalizada, em Portugal e no Brasil, da compra de tais direitos por um editor para a totalização do mercado de língua portuguesa.

nário que cada um dos assuntos fosse tratado em subcomissões integradas por elementos de ambos os países.

## As sugestões da comissão portuguesa

A subcomissão portuguesa apresentou as seguintes

conclusões para apreciação no plenário: «Considerando a grande vantagem que advém para o maior enriquecimento cultural de cada um dos países, de uma ampla difusão das obras dos autores nacionais; considerando a conveniência de se estabelecer instrumento adequado à facilitação da publicação, em ambos os países, das obras dos autores nacionais de cada Parte Contratante; considerando que a difusão dessas obras requer também uma contribuição dos Governos, na sua esfera de competência; considerando que tais aspectos constituem expressa preocupação

(Continua na pág. 15)

# ASSEGURAR A CONTINUIDADE

(Continuação da pág. 1)

lia um motivo de discórdia. No entanto, tornou bem claro o seu pensamento ao afirmar nesse documento histórico: «Quando foi dado a público o texto da chamada Lei de Sucessão, expressei as minhas reservas e salvaguardas em relação ao conteúdo desse ordenamento legal no que tinha de contrário à tradição histórica de Espanha. Aquelas previsões viram-se agora confirmadas, quando ao fim de vinte anos se anuncia a aplicação daquela lei.» E acrescenta: «Para levar a cabo esta operação não se contou comigo, como também não se contou com a vontade livremente manifestada do povo espanhol.» E em face do que se estava a passar, consi-

derou-se «mero espectador», ao qual nenhuma responsabilidade caberia nas decisões que houvessem de ser tomadas.

Pretendia o Conde de Barcelona que «a Instituição (monárquica) funcionasse como instrumento da política nacional ao serviço do povo, e que a Coroa se erguisse em poder arbitral acima e à margem dos grupos e sectores que compõem o país». E, «a acrescentar a tudo isso, uma autêntica representatividade popular; a vontade nacional presente em todos os órgãos da vida pública; a sociedade manifestando-se livremente através dos canais de opinião estabelecidos; a garantia integral das liberdades colectivas e individuais, alcançando com tudo isso o nível político

da Europa Ocidental, de que a Espanha faz parte».

E a concluir, afirma: «Nunca pretendi, e tão-pouco agora, dividir os espanhóis. Continuo a crer como necessária a evolução pacífica do sistema vigente em direcção a estes rumos de abertura e convivência democrática, única garantia de um futuro estável para a nossa pátria, que continuarei servindo como um espinhal mais e para a qual desejo, de todo o coração, um futuro de paz e prosperidade.»

Alguns dos seus partidários, embora em número reduzido (contam-se pelos dedos os procuradores às Cortes que votaram contra a lei agora aprovada), não aceitaram, porém, a solução adoptada pelo Chefe do Estado, o que tem apenas um significado simbólico.

Franco designou o seu sucessor, mas continua a governar. D. Juan Carlos, nomeado pelas Cortes «príncipe de Espanha», só por morte ou invalidez do «Caudillo», isto é, «quando vagar a direcção do Estado», será proclamado rei. A fórmula escolhida, para iludir o princípio dinástico e assegurar a continuidade do regime, não deixando ilusões aos partidários da monarquia liberal, foi a de uma instauração e não restauração da monarquia espanhola. «Só depois de instaurada a Coroa na pessoa de um príncipe começa a ordem regular de sucessão», declarou o general Franco, que não quis deixar dúvidas acerca da sobrevivência do regime, acrescentando: «A resolução deste problema sucessório fica deste modo perfeitamente definida, e dará, tanto aos

de dentro como aos de fora, uma garantia de continuidade, acabando definitivamente com as especulações internas e externas e com os enredos políticos de determinados grupos, ao ter o príncipe um estatuto que o define como herdeiro, que lhe permitirá consolidar a meu lado a sua formação e aperfeiçoar o conhecimento dos problemas nacionais.»

A expulsão de Espanha do pretendente carlista foi o primeiro passo dado para pôr termo a essas especulações e desferir o golpe de misericórdia em pretensões ou desejos que nunca chegaram a ter consistência apreciável ou probabilidades de êxito, quer aqueles que proviham da minoria carlista quer da oposição de um certo número de falangistas, que nunca aceitaram a solução da monarquia.

Seja como for, com a lei aprovada pelas Cortes, definiu-se uma situação política que, embora não deixasse ilusões acerca do seu desfecho, dava no entanto lugar a divisões e contestações que criaram, inevitavelmente, um clima de controvérsia quando estavam em causa os problemas da sucessão. Para a pergunta tantas vezes formulada sobre o que viria depois de Franco, deve-se agora uma resposta. Mas é legítimo perguntar, ainda, se no dia em que o Generalíssimo desaparecer da cena política o problema ficará inteiramente resolvido e se todos os espanhóis estarão dispostos a aderir à solução adoptada pelo «Caudillo», mercê dos poderes constitucionais que os leis orgânicas do Estado lhe conferem.



Deste mundo e do outro

UM SALTO NO TEMPO

Foi magnífico, sem dúvida. Uma longa noite branca, com os olhos pregados no rectângulo luminoso do televisor, à espera do momento em que ia ser dado o primeiro passo na Lua. Horas e horas a lutar contra o sono, para que não se perdesse a imagem que nunca mais se repetiria. Mas se a imaginação não viesse ajudar (a tal imaginação que tantos milhares de anos da Lua se alimentou também), talvez se instalasse em cada um de nós um pesado e amargo sentimento de decepção: tudo aquilo nos aparecia como um simples episódio de filme de ficção científica, tecnicamente primário, de montagem deficiente. Os próprios movimentos dos astronautas tinham flagrante semelhança com os gestos das marionetas, como se braços e pernas fossem puxados por invisíveis fios — uns fios longuíssimos, presos aos dedos dos técnicos do Centro de Houston e que, através do espaço, empelham as atitudes necessárias. Tudo estava cronometrado. Até o perigo se incluía num esquema. Na maior aventura da história da Humanidade não houve lugar para aventuras...

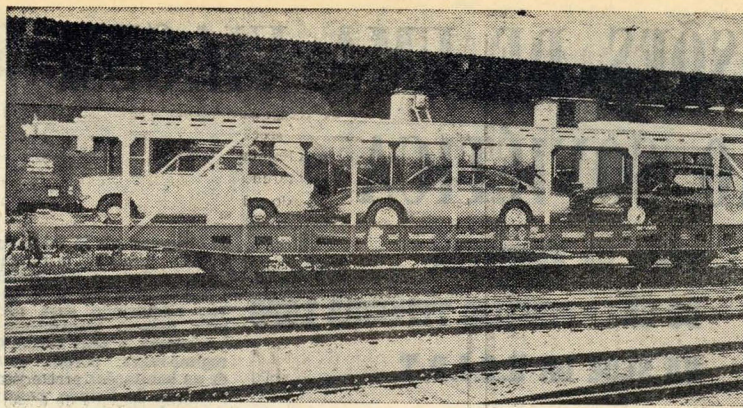
Mas a companhia imaginação ajudou. Sobretudo naquelas rápidas segundas em que a câmara de televisão varreu o breve horizonte lunar. Ai sentimos o aperto de garganta, o pânico, o medo do desconhecido — o real prestígio da grande incógnita do espaço. Depois, para desconsolo de todos nós (para meu desconsolo, pelo menos), aquele inefável, aquele extravagante círculo em que apareceram o telefone e o perfil do presidente dos Estados Unidos. O terrível silêncio lunar merecia melhor que um discurso de pompa e circunstância.

Foi assim que eu vi a primeira alunagem. Mas quando as imagens acabaram, não se acabou a imaginação. Tinha ainda diante dos olhos a paisagem árida e deserta da Lua, as pedras que nunca mão alguma fizera mudar de lugar, a planura decerto coberta de pó que nunca nenhuns passos haviam calcado. E foi aí que a imaginação me agrediu em cheio. Decidiu ela que a viagem à Lua não fora um salto no espaço, mas um salto no tempo. Argumentei, mas logo renunciei. Já agora ia saber aonde a imaginação me queria levar. E foi muito simples. Segundo ela, os astronautas, lançados no espaço, haviam caminhado ao longo do fio do tempo e pousado outra vez na Terra, não a Terra que conhecemos, branca, verde, morena e azul, mas a Terra futura, uma Terra que ocupará ainda a mesma órbita, circulando à volta de um Sol apagado — morta ela também, deserta de homens, de aves, de flores, sem um riso, sem uma palavra de amor. Um planeta inútil, com uma história antiga e sem ninguém para a contar.

Não sou excepção. A minha morte pessoal é uma certeza que me incomoda hoje, depois de me ter aterrizado na adolescência. Revivi esse terror quando os olhos agudos da imaginação me mostraram a morta imagem de um planeta em que nada haveria que me tenha pertencido, em que nada haveria que tenha pertencido à humanidade de que sou parte. A morte individual parece pouco diante desta mão do tempo, que inevitavelmente há-de varrer da Terra os homens e as suas obras. O homem estará, então, definitivamente morto. E se estiver ainda vivo em algum lugar, se tiver transportado a sua casa para outro planeta, ficará este globo talvez como um remorso — de um bem que não se mereceu e por isso foi perdido.

A Terra morrerá, será o que a Lua é hoje. Ao menos que a sua história não seja para todo o sempre o estendal de misérias, guerra, fome e torturas que tem sido até agora. Para que não comecemos a dizer já hoje que o homem, afinal, não vale a pena.

JOSÉ SARAMAGO



**OS AUTOMOVEIS TAMBÉM VIAJAM DE COMBOIO** — Conforme referimos ontem, a C. P. inaugurou um novo serviço de transportes de viaturas: o «auto-expresso». Serviço diário, opera em ambos os sentidos do percurso Lisboa-Paris, durante o período de maior movimento turístico, de 1 de Junho a 27 de Setembro, e em ligação com o restante serviço do mesmo tipo que funciona em toda a Europa, e é unicamente destinado a passageiros. Assim, para o transporte da viatura é exigida a apresentação de um bilhete com destino quer a Lisboa quer a Paris, isto independentemente de se utilizar ou o comboio rápido onde vai integrado o vagão transportador ou o «Sud-Express». Com preços compatíveis (que sofrem reduções consoante o número de passageiros utilizadores da viatura transportada), não há dúvida de que o sistema pode entrar nos hábitos do turista ou do homem de negócios.

NAVIO AFRETADO

Foi declarado afretado pelo Ministério do Exército, a partir de 11 de Agosto, para transporte de tropas e material de guerra, o paquete «Niassa», da C. N. N., «com direito ao uso de bandeira e flâmula e ao gozo das imunidades inerentes aos navios públicos».

SESSÃO MÉDICA NO HOSPITAL DO ULTRAMAR

Decorreu no Hospital do Ultramar mais uma reunião mensal ordinária do corpo clínico referente às actividades culturais do ano de 1968/69. Após algumas palavras introdutórias proferidas pelo director do hospital, dr. Manuel Torquato Viana de Meira, tomou a palavra o dr. Domingos Filipe que falou sobre «Seis anos de experiência do antibiofotograma». O conferencista começou por apresentar as bases técnicas, que permitiram estabelecer o trabalho experimental que levou à criação da técnica do antibiofotograma. Referiu-se a seguir às vantagens e inconvenientes da técnica, com base nas observações que foram feitas pelos inúmeros utilizadores e durante as largas dezenas de palestras, realizadas em muitos países. Por fim disse que seria conveniente que este método se generalizasse, o que, aliás, já está a suceder em outras regiões.

LOTES DE TERRENO EM HASTA PÚBLICA

No próximo dia 31 efectuar-se, no Pavilhão dos Desportos, a hasta pública de 14 lotes de terreno, sendo 9 destinados à construção de prédios de rendimento; dois, na Avenida General Carmona, a instalações de características oficiais (artesanato); e dois em Chelas, a estabelecimentos industriais, tendo estes últimos o preço-base de 575\$00 por metro quadrado.

Mafalda Sofia no Festival da Canção de Malta

A canção portuguesa fez as malas e viajou uma vez mais. Desta vez com destino a Malta, que decidiu efectuar, também, o seu I Festival da Canção. A representante portuguesa será Mafalda Sofia, que partiu, esta manhã, de avião, com destino a Roma, de onde seguirá, amanhã, para Malta.

numa versão portuguesa da autoria de António José: «Eu andarei contigo». De Malta, a cançonetista Mafalda Sofia voltará a Roma, onde assistirá, como convidada, ao Prémio Internacional do Disco.

O Festival começará depois de amanhã, no Astra Teatre, terminando no dia 29, com a cerimónia da entrega de prémios.

Aquela artista, que ainda este ano obteve o 1.º prémio no Festival da Canção Atlântica, interpretará uma canção inglesa (já que não houve qualquer compositor português a interessar-se pelo certame), mas

CURSO DE PREPARAÇÃO DE DECORADORES NA FUNDAÇÃO ESPÍRITO SANTO SILVA

Encontra-se aberta, até ao dia 20 de Setembro, a matrícula para o Curso de Preparação de Decoradores, criado em 1956, na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, em cumprimento da vontade do seu instituidor. O curso é de três anos, com direito a diploma, prevendo-se um quarto ano facultativo.

A idade mínima para a

admissão à matrícula é de 16 anos e a máxima de 40, exigindo-se o quinto ano do liceu e habilitações equivalentes. A admissão será sempre precedida de exame de aptidão que consta de uma prova de desenho e outra de cultura geral.

Aos alunos são facultados estágios nas oficinas da Fundação como necessário complemento da sua formação profissional.

No acto da matrícula o candidato pagará cem escudos que lhe serão restituídos na hipótese de ser reprovado naquele exame, sendo a mensalidade, durante o ano lectivo, de quatrocentos escudos. Seria desejo da Fundação que o curso fosse gratuito, como já foi; porém, as exigências do seu constante desenvolvimento obrigaram ultimamente a solicitar dos alunos essa colaboração que se espera poder dispensar, nos anos próximos, aqueles que, dispondo de poucos recursos, revelam excepcional aproveitamento.

A eficiência do curso está comprovada pelo significativo número de alunos diplomados

que conseguiram fazer vida pela profissão, e até mesmo nela triunfar, e a cuja especialização, inclusivamente, serviços oficiais têm recorrido.

A matrícula efectua-se na secretaria da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Rua de S. Tomé, 90 (telefone 862184).

NOVO REPRESENTANTE DA SWISSAIR EM PORTUGAL

Decorre, ao fim da tarde de hoje, no Hotel Tivoli, um «cocktail» oferecido pelo sr. René Schneler, para apresentar o sr. Ottone Braendle, seu sucessor nas funções de representante da Swissair em Portugal.

Estão convidadas numerosas individualidades relacionadas com os sectores do turismo, aviação comercial e outros, além de entidades das representações diplomáticas e organismos oficiais.

DOIS LARES EM LISBOA PARA RECUPERAÇÃO DE DOENTES

O ministro da Saúde e Assistência, segundo portaria publicada na folha oficial, mandou criar, integrados nos Hospitais de Miguel Bombarda e de Júlio de Matos, dois lares para convalescentes, destinados a residência dos doentes em fase de recuperação social que não tenham residência em Lisboa. Os lares serão considerados serviços oficiais do Ministério da Saúde e Assistência.

O BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

garante a cobertura de cheques sacados sobre as suas caixas

- emitidos correctamente em nome de qualquer pessoa ou firma;
- depositados, nos oito dias seguintes à sua data, numa das diversas dependências do BANCO espalhadas por todo o País, pela pessoa ou firma a favor de quem foram emitidos;
- de montante igual ou inferior a 500\$00.

Em transacções de valor superior a 500\$00, se desejar assegurar o pagamento dos seus cheques, poderá utilizar mais do que um cheque BPA.



# IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À UNIÃO SOVIÉTICA

Ao fim da tarde de hoje, na sede da U.C.I.D.T., o eng.º Virgílio Teixeira Lopo fará uma exposição sobre as impressões da sua recente viagem à União Soviética, aonde se deslocou a convite da F.A.O. — Comité Económico para a Europa — em visita de estudo. Trata-se de uma iniciativa que se integra no programa de actividades e intercâmbio daquela organização internacional, e que este ano reuniu cerca de 80 participantes de aproximadamente 30 países, especializados ou não só relacionados com as indústrias florestais. O objectivo da viagem foi, precisamente, o de possibilitar uma divulgação de conhecimentos e uma troca de experiências, no sector das indústrias florestais.

Da delegação portuguesa faziam parte, justamente, o sr. eng.º Teixeira Lopo, na sua qualidade de administrador da Celulose Billerud, e que já o ano passado também se deslocara em visita semelhante à Jugoslávia, e a dr.ª Sara Cabral, economista, que se deslocou na sua qualidade de representante da Secção Celulose e Aglomerados de Madeira da Associação Industrial Portuguesa. Deslocou-se também representantes da S. O. C. E. L. e da Companhia Portuguesa de Celulose.

## ● Visitas e contactos proveitosos

Para além dos contactos sempre proveitosos que se estabeleceram entre os vários participantes na viagem, a deslocação à União Soviética proporcionou visitas de estudo a fábricas, organismos de investigação e ensino superior, empresas de projectos, planificação de estruturas e investimento no sector das indústrias de base florestal.

Também se estabeleceram contactos com entidades oficiais dependentes do Ministério dos Trabalhos Florestais, designadamente com o próprio ministro, que assistiu às sessões de abertura e de despedida. A visita centrou-se, sobretudo, na região de Leninegrado, sem dúvida a capital industrial da União Soviética, onde se efectuaram, também, duas visitas à Academia Kirov de Ciências Florestais desta cidade, possibilitando um proveitoso contacto com cientistas e técnicos, cuja nota domi-

## — TEMA DA PALESTRA DO ENG.º VIRGÍLIO TEIXEIRA LOPO NA SEDE DA U.C.I.D.T.

nante foi o elevado interesse e a amabilidade que sempre caracterizaram esses contactos.

### ● Um alto nível de especialização

Um dos aspectos mais interessantes da viagem, focado na palestra do eng.º Virgílio Teixeira Lopo, foi a visita às instalações portuárias de Leninegrado, onde se encontra uma vasta secção especialmente preparada para a exportação de produtos da indústria florestal. Com efeito, a nota saliente consistiu na verificação do alto nível de especialização que caracteriza todos os ramos daquela indústria. O que envolve muitas vezes, até, o peso de uma burocracia quase incomportável, de efeitos prejudiciais. Aliás, um episódio curioso passado com um engenheiro soviético, com quem a nossa delegação contactou, bem o demonstra. Esse engenheiro revelava que, para coordenar uma série de problemas no âmbito da sua actividade tinha de se deslocar frequentemente a Moscovo, que dista de Leninegrado cerca de 800 quilómetros. E foi possível verificar, ao decorrer da visita, que esse engenheiro já andara mais quilómetros em viagem no interior da Rússia, no cumprimento da sua actividade normal, do que os que foram necessários percorrer para a nossa delegação lá se deslocar.

As duas visitas à Academia Kirov revelaram, também, o avançado índice de especialização do ensino e investigação, repartidos por várias Faculdades. Nelas se preparam não só os técnicos silvicultores, os técnicos de exploração florestal, os engenheiros, como até os economistas altamente especializados em problemas de desenvolvimento do sector. O próprio ensino está sujeito a uma planificação minuciosa, mesmo no capítulo da formação universitária, em função das necessidades em matéria de quadros, de soluções adequadas a cada região, dos caminhos da investigação, etc. Por exemplo, os filmes, de alto valor e qualidade técnicas, muitos deles levaram vá-

rios anos a realizar, dada a minúcia dos temas.

Os cursos universitários, funcionam quer durante o dia, quer durante a noite e, até, por correspondência, dada a imensa vastidão do território. A escolaridade obrigatória, até há pouco de oito anos, tem agora a duração de dez anos.

### ● Elevado índice de produtividade

Sempre recebidos pelos dirigentes superiores das empresas visitadas, foi dado observar, à delegação portuguesa, nas exposições e conversas havidas, uma acentuada preocupação em utilizar critérios de rentabilidade (falavam mesmo de lucro!) em relação à orientação da gestão. A acção do empresário, exercício, claro, sobre os custos de produção, mas tentando obter o máximo de rendimento em função dos preços superiormente fixados pelo Governo.

O índice de produtividade é altíssimo e nada se deixa ao acaso. Existe, por exemplo, um Instituto de Projectos destinado a estudar as condições de construção, organização, funcionamento e utilização de novas empresas que queiram constituir-se, e que deverão encomendar e pagar esses projectos ao Instituto.

O leque de remunerações do trabalho é muito apertado — roça pelos 200 rublos mensais. Esse salário base é quase uniforme, ao ponto de quase se equivalerem os ordenados de um motorista e de um professor catedrático, tendo este embora a possibilidade de multiplicar os seus réditos dentro dos muitos trabalhos que se lhe encomendam periodicamente.

É grande o destaque dado nos discursos, e na realidade isso se confirma, aos aspectos da actividade social da empresa, designadamente na construção de habitações para os operários, casas de cultura, segurança social e médica, etc.

### ● Impressões gerais

No entanto, o problema da habitação é grande, dada a expansão demográfica galopante. Mas é curio-

so observar que já foi introduzido, também, o regime da propriedade horizontal, e que muitos são já os que vão adquirindo casa própria, mesmo transmissível por morte, a seus filhos. O regime-regra, porém, é o de as habitações serem propriedade do Estado, pagando os locatários uma percentagem mínima dos seus ordenados.

No aspecto eminentemente social, tiveram os visitantes a oportunidade de observar a tradicional deslealdade dos soviéticos no trajar, mas a sua também tradicional sede de cultura que os leva diariamente a formar bichas em frente dos museus, casas de espectáculos, centros culturais, etc. Os discos clássicos são, aliás, baratíssimos.

As preocupações dominantes do homem médio são aliás, quase as mesmas das de qualquer homem médio no mundo ocidental, quer no que se refere a problemas de educação dos filhos quer, até, na forma como acentuam os seus desejos de paz, amizade e coexistência pacífica entre os povos.

### ● Breve comentário à palestra do eng.º Virgílio Teixeira Lopo

No fim da palestra, o dr. João Evangelista fará um breve comentário de natureza sociológica sobre a evolução recente da estrutura económica e social da União Soviética.

## ACTO DE HONRADEZ DE UM MENDIGO

Tornou-se familiar à população da Cova da Piedade a presença, na freguesia, de um homem que se dedica à venda de almanuques «Borda d'Água», actividade sob a qual encobre o exercício da mendicância. Chama-se Leopoldo de Couto, mas é mais conhecido por «O homem das luzes». Trata-se de um indivíduo de meia-idade, a quem as privações e o desalinho com que se apresenta dão aspecto de mais velho. Não tem residência certa. Dorme debaixo de qualquer árvore que lhe sirva de tecto, ou no vão de uma escada ou, ainda, num banco de jardim.

A inclemência do destino, que o tornou um esem cira nem beiraz, autêntico marginal da sociedade, não apagou, porém, do seu espírito os sentimentos nobres e, assim, quando ontem «O homem das luzes» passava na Estrada Nacional n.º 10, à saída da Cova da Piedade, encontrou caída no chão a importância de 720 escudos. Não era uma grande importância, mas para um mendigo, carecido de tudo, constituía uma pequena fortuna. Olhou em volta, não para verificar se alguém fora testemunha do seu achado, mas para indagar num relance de olhos a que estabelecimento das proximidades deveria dirigir-se a entregar o seu «precioso» achado. Entregou-o no mais próximo, um escritório de compra e venda de propriedades. O seu proprietário, sr. António Xavier de Lima, depois de se certificar de que a importância achada não pertencia ao pessoal da casa nem a qualquer dos clientes atendidos na ocasião, fez entrega do dinheiro à G. N. R. da Cova da Piedade, onde está depositado à espera que apareça o seu dono.

O comandante do posto da G. N. R., sargento Belo, mandou chamar o Leopoldo de Couto, a quem felicitou pela sua nobre atitude.

## SOCIEDADE MÉDICA DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Na sala de conferências do Hospital de D. Estefânia, efectuou-se, ao fim da manhã, uma reunião da Sociedade Médica dos Hospitais Civis de Lisboa tendo sido apresentadas as seguintes comunicações: «Coma mixodematoso. A propósito de um caso de tiroidite de Riedel», pelos drs. D. Maria do Carmo Martinho, Carlos Santos Carvalho, D. Cândida Barros e D. Carolina Silva; e «Pancreatite crónica calcificante — Sobre um caso juvenil», pelos drs. João Nunes Feijão, Manuel Lopes Lima e Jenny Cardoso.

## O MINISTRO DA SAÚDE VISITOU O HOSPITAL DE LAMEGO

VISEU, 24 — O titular da pasta da Saúde e Assistência, dr. Lopo Cancellia de Abreu, prosseguiu esta manhã a visita de trabalho ao distrito de Viseu. Durante a manhã, acompanhado pelo governador civil, eng.º Engrácia Carrilho, e pelo presidente do Município que é simultaneamente vice-provedor da Misericórdia em exercício, sr. eng.º Cunha Matos, pela vereação e outros elementos da sua comi-

tiva, o ministro visitou a delegação de Saúde, os terrenos na Quinta do Pereiro, próximo de Ranhados, onde vai construir-se o futuro hospital, bem como a escola de enfermagem desta cidade.

### ● A visita a Lamego

Ao fim da manhã, acompanhado pelo governador civil do distrito, pelo director-geral dos Hospitais, dr. Coriolano Ferreira, e pelo director da Zona Hospitalar do Norte, dr. Renato Cantista, o ministro deslocou-se a Lamego. Aguardavam a comitiva ministerial o provedor do hospital de Lamego, os mesários e todo o corpo clínico.

Depois dos cumprimentos de boas-vindas, o dr. Cancellia de Abreu percorreu algumas dependências do Hospital, ficando assim conhecedor das suas necessidades. No salão nobre daquele estabelecimento houve uma reunião de traba-

lhos na qual tomaram parte o provedor da Santa Casa da Misericórdia, mesários e médicos do Hospital.

Num dos momentos da reunião, o provedor lembrou ao ministro a necessidade urgente da construção do Hospital Regional. O director clínico, dr. António Manuel Pinto, falou sobre a orgânica e a insuficiência do Hospital. Finda a reunião, foi servido no Hotel Parque um almoço oferecido pelo governador civil.

A tarde a comitiva ministerial visitou o Hospital do Avelal (São João) e a Fundação Joaquim dos Santos, em Torredeita. O ministro da Saúde e Assistência deve regressar a Lisboa, em táxi aéreo, ao fim da tarde.

## MEDALHAS CONCEDIDAS

O ministro da Saúde e Assistência assinou despachos que concedem a medalha de ouro de serviços distintos ao Asilo da Infância Desvalida de Castelo Branco; a medalha de cobre de serviços distintos ao enfermeiro-chefe dos Hospitais da Universidade de Coimbra, sr. Adolfo Costa; e a medalha de prata de serviços distintos ao sr. José de Melo Gama de Vasconcelos.

## HOSPITAL MILITAR

No anexo do Hospital Militar, na Rua de Artilharia Um, efectua-se esta tarde um espectáculo destinado aos militares internados naquele estabelecimento hospitalar. A sessão, em que participam o Grupo Folclórico e a artista Herminia Silva, é organizada pela Secção Feminina da Cruz Vermelha Portuguesa.

escreva na  
**mini**  
**MESSA**

## MORADIAS

Lindíssimas, para férias e fins de semana, perto da Praia do Guincho e das Praias de Cascais (ALDEIA DE JUZO)  
a partir de 450 contos

Trata no local o próprio — CIPRIANO CÚPIDO ou pelo telef. 28 40 26

CHEQUES  
**BRA**  
PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO  
são mesmo dinheiro



Mesa redonda  
A TV  
e a Juventude

# UMA PROGRAMAÇÃO INADEQUADA DE EFEITOS PERNICIOSOS SOBRE O PÚBLICO DE JOVENS

• Problemas postos em relevo no encontro promovido pel'«A Capital» com a participação de pais, educadores e pedagogos (1)

Conscientes de que a R. T. P. tem estado longe de proporcionar aos jovens — crianças e adolescentes — uma programação adequada, e conscientes, também, dos graves inconvenientes que, naturalmente, daí decorrem, pensaram algumas pessoas — pais, educadores, pedagogos — que talvez fosse possível inflectir o curso dessa programação numa medida mais desejável, chamando a atenção da administração daquela organização para esses inconvenientes, e propondo concretamente uma possível colaboração futura, com vista a fixar linhas de orientação mais adequadas para a mesma programação.

Com esse objectivo, foi elaborada uma carta aberta à R. T. P., que o público já largamente conhece, através das entrevistas que decorreram perante as câmaras da televisão em dois números do conhecido programa «Horizonte». Essas entrevistas tiveram o condão de provocar um estado generalizado de ansiedade e, talvez até, de perplexidade em relação a um possível novo curso da programação infantil e juvenil da R. T. P.

Atenta a este movimento, que desde o começo lhe mereceu o mais franco apoio, «A Capital» promoveu uma mesa-redonda, com a participação de pais, educadores e pedagogos, no intuito de possibilitar um estudo mais atento dos problemas, muito graves e complexos, que colocam os efeitos da TV sobre o público infantil e juvenil.

Dessa mesa-redonda, que desejamos venha a ser a primeira de uma frutuosa série de outras que se lhe seguirão, na sequência de uma ideia há muito concebida, publicamos agora um resumo, tanto quanto possível claro. Tomaram parte activa no debate os seguintes subscritores da carta aberta à R. T. P.: dr.ª Maria Leonor Botelho (M. L. B.), bolsista da Fundação Gulbenkian, que na Voz do Operário acompanha grupos de crianças em actividades de expressão plástica; dr. Manuel Pina (M. P.), com uma longa actividade ligada ao movimento cineclubista português e interessado por problemas de cinema e televisão; dr. Sá Marques (S. M.), médico; e José Francisco Nereu (J. F. N.). Participaram ainda na mesa-redonda, além do numeroso grupo de interessados que se encontrava na assistência, os seguintes convidados: padre Paulo Ferreira (P. P. F.), professor; prof. Calvet de Magalhães (C. M.), director da Escola Preparatória Francisco de Arruda e distinto colaborador do nosso jornal; Correla da Fonseca (C. F.), crítico de televisão do nosso jornal, e que exerceu o papel de «moderador» do debate; e Pedro Jorge Pinto de Castro (P. J.), especialista em comunicações sociais, no ramo de cinema, formado pela respectiva Faculdade da Universidade de Roma.

## • Descobrir caminhos

CORREIA DA FONSECA

— Como todos sabem, alguns dos signatários da carta aberta tiveram a oportunidade de expôr, em breves minutos diante das câmaras da R. T. P., o enunciado dos seus pontos de vista. E, a partir dessa altura, ficou no ar a promessa, não sei se formal se apenas tácita, de que esses encontros breves se prolongariam e frutificariam melhor em encontros porventura mais reservados, por mais longos, onde se assentariam caminhos mais definidos para uma colaboração eficaz. E pelo menos esse o objectivo desta mesa-redonda.

«Suponho que todos os que aqui estão têm algum motivo que particularmente os feriu, para se interessarem pelos problemas, graves e complexos, que colocam os efeitos da televisão sobre o público infantil e juvenil. Concretamente, calculo que o padre Paulo Ferreira, sendo professor de adolescentes, e sendo telespectador, pressentiu que os programas de televisão produziram efeitos não desejáveis sobre os rapazes a quem ensina, salvo erro, a viver. Gostaríamos, pois, que particularizasse a sua experiência...»

**PADRE PAULO FERREIRA** — Creio que isso que agora disse — «ensiná-los a viver» — é fundamental! Tem sido esse o objectivo da minha actividade junto dos adolescentes com que contacto. Interrogá-los sobre a vida, sobre tudo aquilo que a vida lhes oferece e, por isso, tentar metê-los na própria vida que eles têm para viver... «E um dos aspectos dessa vida, que me impressiona

profundamente, são os meios de comunicação que lhes são dados. Não reflecti só sobre a TV, que creio ser um dos muitos aspectos importantes a considerar. Reflecti também sobre a imprensa que temos, se a temos, para os nossos jovens; sobre o cinema que eles vêem; sobre a música que eles ouvem...»

«Quanto à TV, preocupou-me de tal modo que me senti obrigado a fazer uma sondagem, mais uma análise de mentalidade do que um inquérito, para obter alguns testemunhos sobre o parecer deles em relação à TV...»

**C. F.** — Julgo, aliás, que na Escola Francisco de Arruda também se procedeu a uma audição...»

**CALVET DE MAGALHÃES** — Sim, é verdade! Para efeitos pedagógicos essa audição é «obrigatória». Faz parte das técnicas escolares. O professor tem que contar com esses elementos...»

**C. F.** — E a sr.ª D. Leonor Botelho, suponho que também terá tentado um certo tipo de prospecção junto de uma camada com idade diferente?»

**MARIA LEONOR BOTEELHO** — Eu não tentei. O que é facto é que eu convivo com crianças do ensino primário. Oriento um atelier de expressão livre — desenho e pintura livres — onde os pequenos se sentem bastante à vontade, portanto conversam com a maior liberdade... E os assuntos mais frequentes são sem dúvida os relacionados com os programas de TV.

«Por vezes, até, eu própria estímulo a conversa e os comentários. E constato uma coisa significativa: é

que os programas referidos são da programação geral da R. T. P. Eles raramente mencionam os programas infantis... e trata-se de



Um aspecto da mesa-redonda, que decorreu na redacção do nosso jornal, vendo-se, da esquerda para a direita: dr. Alfredo Barroso, Pedro Jorge, dr.ª Maria Leonor Botelho, Correia da Fonseca, padre Paulo Ferreira e dr. Manuel Pina

crianças entre os 8 e os 9 anos...»

## • Em que medida são responsáveis os pais e os educadores

**C. F.** — Creio que esse fenómeno de as crianças não reterem particularmente, muito ao contrário!, os programas que em teoria lhes são destinados se verifica em todos os países que têm televisão. Inquéritos levados a cabo em França, Inglaterra e nos E. U. A. confirmam essa constatação...»

«Aliás, os inquéritos dirigidos por um especialista que goza de particular audiência na U. N. E. S. C. O. — William Schram — parecem conduzir-nos a outras conclusões importantes: é que também nos outros países é de todo inviável aos pais, aos educadores, controlarem o acesso das crianças à televisão. Há uma tendência acentuada para transferir, para os pais e

para os educadores, a responsabilidade dos efeitos que a TV possa exercer sobre as crianças. Não raro, entre nós, essa acusação tem sido feita, pretextando a imaturidade dos pais portugueses... Ora essa imaturidade parece que se estende a os pais franceses, ingleses e americanos...»

**PEDRO JORGE** — Eu também creio que assim é! Acho que a responsabilidade se deve assacar, não aos pais e aos educadores, mas sim aos próprios temas em que se baseiam os programas de diversão infantil. São eles que não atingem, porque são inadequados, esse público infantil a que são destinados. E verifica-se então uma lacuna. A criança vê-se perante programas odiosos, «ama» esses programas, mas esses programas agridem, até da maneira mais violenta... A televisão entra em nossa casa, apanha-nos «de chinelos», na altura em que a nossa personalidade é mais assente, em que estamos mais indefesos...»

**C. F.** — Mas o Pedro Jorge admite como possível a existência de tipos de programação distintos em função do público a quem se destinam?

res de TV deviam estar bem conscientes e esclarecidos sobre essa diferença. Diferença que é até mais acentuada entre os dois primeiros graus — infantil e juvenil — do que entre o segundo e o terceiro — juvenil e adulto... «Acho que só será justo impedir o acesso da criança à restante programação da

Reportagem de  
**ALFREDO BARROSO**

TV, com proveito para ela, desde que essa imposição seja contrabalançada pela existência de uma programação infantil adequada. E então aí já se poderia encerrar de outra forma a responsabilidade dos pais e dos educadores...»

## • Da possibilidade de obter uma selecção espontânea por parte da criança

**M. L. B.** — Eu estou convencida de que não existem

os programas para eles os melhores, sejam ou não os programas para adultos os piores. Até porque nem as casas os permitem...»

**P. J.** — Bem, mas eu insisto que a diferença se não deverá estabelecer a partir de casa, mas sim a partir da própria programação.

**C. F.** — Isso parece-me um ponto importante. Gostaria precisamente de saber se o Pedro Jorge crê que, uma vez que fossem fornecidos às crianças programas adequados, correspondendo aos seus reais interesses, seria a própria criança a renunciar à restante programação? Se ela, televisivamente satisfeita com os seus programas, já renunciaria espontaneamente a ver os restantes?

**P. J.** — Sim, penso que sim! Se, desde que teve início o mundo infantil televisivo, os programas infantis estivessem à altura de a atrair sempre, então a criança teria hoje formado um gosto estético, que absorveria a sua atenção, as suas tentações, a sua curiosidade por outros programas, que ela não chega a entender e que até a embaraçam...»

**C. F.** — Levanta-se aí um problema de ordem psico-

**P. J.** — Sim, admito. Julgo importante estabelecer uma distinção bem marcada entre o público infantil, o público juvenil e o público adulto. Os realizado-

as condições concretas para que se possa impedir o acesso das crianças aos televisores nas horas em que a emissão não se lhes destina. E isto, sejam ou não

lógica que creio não estar optimamente posto. E preciso não esquecer que a tendência natural da criança é

(Continua na pág. 13)

# CHEQUES

# BRA

PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

personalizam quem compra



# A NECESSIDADE DE IMPULSIONAR A CONSTRUÇÃO DE CASAS DE RENDA MODERADA

## POSTA EM RELEVO PELO PRESIDENTE DO FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

O Fundo de Fomento da Habitação procurará interpretar com fidelidade o espírito que presidiu às recomendações saídas do Colóquio sobre Política da Habitação, dentro de uma perspectiva ajustada às possibilidades e ao meio de que disponha — afirmou hoje o eng.º Jorge de Mesquita, ao tomar posse, perante o ministro e o subsecretário de Estado das Obras Públicas, do cargo de presidente do novo Fundo, organismo incumbido de coordenar a política habitacional definida pelo Governo.

O eng.º Jorge de Mesquita, que há dez anos dirige o Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Lisboa, lugar que acumulará com o de presidente do Fundo de Fomento, acrescentou que na base de toda a orientação que o mesmo Fundo venha a adoptar ao longo da sua actividade haverá sempre a tomada em linha de conta das conclusões do referido colóquio, que assim passará a constituir como que um breviário do seu trabalho futuro.

### Definição de «medidas de aplicação urgente» pelo ministro

A cerimónia da posse, efectuada ao começo da tarde no Ministério das Obras Públicas, teve a presença, além do ministro eng.º Rui Sanches e do subsecretário dr. Silva Pinto, de muitos antigos membros do Governo, do governador civil do distrito de Lisboa, do presidente e vice-presidentes da edilidade lisboitense, de funcionários superiores do Ministério e da C. M. L. e de outras entidades.

Cumpridas as formalidades legais, falou o titular da pasta das Obras Públicas, que, após citar declarações do Presidente do Conselho sobre a habitação económica, declarou dar-se agora mais um passo no longo caminho a percorrer. Dirigiu palavras de muito apreço ao eng.º Jorge de Mesquita, pondo em evidência a acção que tem desenvolvido à frente do citado Gabinete Técnico, e enalteceu a aten-

ção que o general França Borges tem dado ao problema da habitação social na cidade de Lisboa. E acrescentou:

— Não vou agora enunciar directivas para a sua actividade. O diploma que criou o Fundo define as grandes linhas a seguir e os objectivos a alcançar, o III Plano de Fomento dita também algumas orientações concretas e há ainda poucos dias tive eu próprio ocasião de sublinhar alguns aspectos deste importante problema, no encerramento do Colóquio sobre Política da Habitação. Não há dúvida sobre a necessidade de promover rapidamente a elaboração de estudos indispensáveis à definição de certas medidas de aplicação urgentes: medidas de carácter financeiro, medidas de carácter fiscal, providências de ordem jurídica e outras mais. Para tanto, muito útil será a análise e desenvolvimento de conclusões do colóquio, logo que disponíveis. A par disso, interessa sobremaneira executar um programa de acção prática e imediata, porque, neste campo, é efectivamente de acção imediata, embora progressiva, que o País carece urgentemente.

### Palavras do eng.º Jorge de Mesquita

Falando a seguir, o eng.º Jorge de Mesquita prometeu tudo fazer para que as esperanças nascidas com a criação do novo organismo se confirmem. «O País — disse — não está em condições de ver iniciativas como esta frustrarem-se e cabe-nos, a todos, empenharmo-nos para o não desluzir.»

Referindo-se, depois, ao Colóquio sobre Política da Habitação, recentemente efectuado, afirmou que as respectivas conclusões constituiriam com o que um breviário do trabalho futuro no Fundo de Fomento da Habitação.

### Estímulo à construção de habitações de renda moderada

Passou, em seguida, a comentar os objectivos visados com a criação da

quêle organismo e salientou:

— Em primeiro lugar julgo que, face à actual carência de alojamentos, se deverá agir no sentido de um maior estímulo à construção de habitações para renda moderada. Haverá não apenas que tomar a iniciativa da sua promoção, mas também que conjugar os esforços, hoje dispersos, de muitas e variadas entidades oficiais e officinas que despendem normalmente avultadas importâncias no sector, e obter ainda a colaboração de outras entidades que, embora de índole particular, podem vir a desempenhar um papel eminentemente social na resolução do problema.

Abordando, então, o problema da falta de habitações, considerou que ele deriva, em grande parte, de disparidades regionais acentuadas no processo de desenvolvimento económi-



O ministro Rui Sanches no uso da palavra, vendo-se à direita o empossado, e à esquerda o presidente do Município e o governador civil de Lisboa

co e numa desequilibrada redistribuição individual do produto. E acrescentou:

— O afluxo aos núcleos de maior vitalidade, de uma população instável, continuará a provocar penosos estrangulamentos, enquanto a situação se não modificar. Por isso se não conseguirá resolver, num sentido global, o problema das habitações sociais unicamente à custa de iniciativas isoladas ou dispersas. O planeamento

físico, em que as mesmas se inserem, deverá integrar-se efectivamente num programa de desenvolvimento socio-económico de âmbito nacional.

Mais adiante afirmou: — E sabido de todos que os investimentos canalizados para a construção de alojamentos atingem valores apreciáveis. Mas, predominantemente comandados pela iniciativa privada, nem sempre estes investimentos terão sido aplicados da melhor

maneira e, até com frequência, os beneficiários não foram os que mais necessitariam, os locais os mais adequados ou as soluções as mais económicas.

A terminar o orador evocou a necessidade de se estabelecerem princípios norteadores para corrigir este estado de coisas, declarando:

— A civilização rural, com os seus aldeamentos dispersos, as suas pequenas povoações centradas em torno da exploração agrícola, vai cedendo irremediavelmente o passo à civilização de carácter predominantemente urbano. A maioria da população procurará, cada vez mais, os grandes aglomerados. A cidade que teremos de projectar e expandir voltará, porventura, como nos tempos da velha Grécia, a readquirir uma importância determinante e a identificar-se, por si só, com o Estado ou a província a que pertença.

E nosso propósito contribuir para o fomento da construção social em toda a parte. As prioridades serão definidas, antes de mais nada, em função dos graus de urgência e necessidade dos vários casos. Mas, como regra, tentar-se-á nunca perder de vista o sentido inexorável da história.

## OS INCÊNDIOS FLORESTAIS

(Continuação da pág. 1)

Estado da Agricultura, entre 80 e 90% desses sinistros devem-se à acção do homem: mera negligência nuns casos (cerca de 65%), acção criminosa nos restantes.

E tendo em vista o primeiro destes factores, o qual, segundo reconhecem aqueles serviços, se radica no «baixo nível de educação e cultura do povo serrano», onde predominam as áreas arborizadas, os mesmos serviços adoptaram uma série de disposições tendentes a consciencializar as populações acerca dos riscos de incêndio florestal.

Para o efeito, serão exibidos «spots» na televisão e nos cinemas alusivos ao fogo, além de contactos com numerosas entidades cuja acção poderá contribuir para o mesmo fim.

É o caso das entidades eclesiásticas, a fim de que os párocos façam referência àquele problema nas suas prédicas dominicais, da Junta Central das Casas do Po-

vo e P. V. T., a fim de que sejam afixadas vinhetas alusivas nos veículos; Direcção-Geral dos Desportos, com vista à mentalização de grupos excursionistas; Comissariado do Turismo, Associação dos Escuteiros de Portugal, Legião Portuguesa (Defesa Civil do Território), etc.

Todavia, os Serviços Florestais e Aquícolas têm consciência de que uma acção verdadeiramente eficaz impõe toda uma série de providências que transcendem as suas actuais possibilidades. Reconhece-se desde logo que o maior impedimento a uma luta eficaz contra incêndios na floresta particular portuguesa consiste na estrutura da propriedade rústica.

### Impõe-se a criação de polígonos florestais

Por isso, se lê num relatório publicado por aqueles serviços que se torna «necessário o agrupamento da propriedade particular em «polígonos» com áreas da ordem dos 50 a 60 mil hectares, dimensão que suporte as despesas gerais da organização de prevenção e luta contra os incêndios florestais e permita uma planificação regional e a resolução de problemas de assistência técnica, conservação, produção e industrialização. Particularizando-se, sugere-se seguidamente a criação de um «polígono experimental que se aconselha ser localizado na bacia hidrográfica do Zêzere, região ultimamente devastada por importantes incêndios e onde o pinhal é mais extenso.»

Como fases do estabelecimento desse polígono, prevê-se no mesmo relatório, além de um inventário pormenorizado de toda a zona sob o aspecto florestal, a elaboração de um projecto

de infra-estrutura primária, nomeadamente quanto a localização de postos de vigia, estabelecimento de uma rede divisional, planificação da rede das vias de penetração, criação de reservas de água, constituição das brigadas de bombeiros florestais e sua localização e, ainda, evolução dos mercados, industrialização regional, escoamento dos produtos e orientação cultural aconselhável com vista à maior rentabilidade e defesa dos povoamentos.

Este nos parece ser o esquema básico de uma campanha verdadeiramente eficaz em matéria de luta contra incêndios na floresta particular portuguesa, a qual, mal ou bem, constitui hoje uma importante riqueza, com um poderoso influxo no produto global do País.

escreva na  
**mini  
MESSA**

## ROULOTTES CAVALIER

A única solução para umas férias felizes, com segurança e economia

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

## FONSÉ, LIMITADA

Calçada da Ajuda, 72-B (Garagem)  
Telefone 63 29 99 — LISBOA-3

CHEQUES

**BRA**

PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

identificam o comprador



# AS VANTAGENS DA «AGRICULTURA DE GRUPO» SALIENTADAS PELO ENG.º VASCO LEÓNIDAS

PORTO, 24  
No prosseguimento da visita de trabalho que está a efectuar ao Norte e Centro do País, o secretário de Estado da Agricultura, sr. eng.º Vasco Leónidas, visitou esta manhã a Cooperativa do Caíma, partindo depois para o Porto, onde almoçou na Pousada do Lidador.

Ao princípio da tarde, efectuou-se na sede da Federação dos Grémios da Lavoura de Entre Douro e Minho uma reunião com técnicos e lavradores, tendo o secretário de Estado da Agricultura pronunciado um importante discurso, de que salientamos os passos principais:

— Ao reunir-se com lavradores e técnicos o secretário de Estado da Agricultura tem de manifestar a sua satisfação por verificar que, mesmo num ano mau como o presente, as acções levadas a efeito pelas organizações da lavoura, com o apoio técnico e financeiro do Estado, já começam a ser susceptíveis de es-

timular as pessoas e fixar capitais na actividade agrícola, de modo a atenuar o êxodo excessivo e a auxiliar a formação do capital fixo na agricultura.

E depois de referir que a política agrária procura um equilíbrio entre a expansão da agricultura e dos restantes sectores da economia, prosseguiu:

— A redução quantitativa da população activa agrícola — que não se vê possibilidade de contrariar — deve ser acompanhada pela sua valorização qualitativa. A formação profissional e a educação de base constituem factores decisivos de desenvolvimento. Seja qual for o sector considerado. A preparação profissional dos agricultores mais aptos à realização das tarefas da moderna agricultura exige uma actuação constante, destinada a permitir que a saída de mão-de-obra não qualifique, em vez de constituir um prejuízo, seja um factor de valorização, mercê da permanência de empresários e operários agrícolas suficientemente preparados para levar a cabo os trabalhos complexos exigidos pela modernização e renovação permanentes de uma agricultura em transformação.

Noutro passo, falando sobre o dimensionamento das explorações agrícolas, o eng.º Vasco Leónidas declarou:

— So mediante uma colaboração contínua e uma participação em actividade de uma agricultura industrializada, com quadros das formações mais diversas — desde a contabilidade à comercialização, da tecnologia à conservação e transformação dos produtos, etc. — será possível utilizar instalações tecnológicas complexas e caras, movimentar capitais avultados, dispor de uma adequada organização comercial e financeira capaz de lutar nos vastos espaços económicos que os modernos e os futuros tempos lhe deparam.

Mais adiante evocou nestes termos as dificuldades que atingiram o sector agrícola:

— É exacto que o empresário tradicional viu em dada altura reduzir-se substancialmente o quantitativo de mão-de-obra com que contava para os trabalhos da terra, ao mesmo tempo que o nível de remuneração dos trabalhadores passou a corresponder a um padrão de vida mais elevado. Vencidas as primeiras hesitações, procurou adaptar-se rapidamente a mutação tão profunda, introduzindo novos esquemas de trabalho na exploração agrícola e uti-

lizando a maquinaria em escala muito apreciável. Essa «revolução» da maquinaria prossegue e terá de prosseguir por bastante tempo. Não sem naturais dificuldades, que vão sendo superadas, as diversísimas modalidades daquilo a que se chama «agricultura de grupo», têm resolvido satisfatoriamente as dificuldades mais instantes.

Referiu-se seguidamente aos aspectos da comercialização dos produtos agrícolas e ao papel que nesse sector cabe às organizações de agricultores, convenientemente dimensionadas e preparadas.

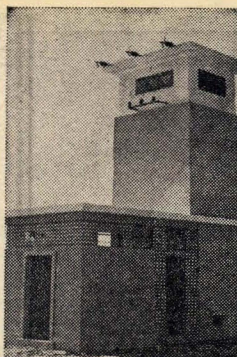
— E a terminar afirmou: — Desta Federação de Grémios da Lavoura saíram grandes e frutuosas iniciativas de comercialização e industrialização dos produtos agrícolas, nela surgiram os apóstolos pioneiros às grandes organizações cooperativas da região e aqui se formou uma mentalidade renovadora dos processos e das técnicas para a agricultura nortenha.

Durante a sessão de trabalhos, o presidente da Federação dos Grémios da Lavoura, sr. António da Cunha e Melo, usou da palavra para pôr o visitante ao corrente dos vários problemas, como sejam os de planeamento regional, da reconversão agrícola, do fomento pecuário, da motomecanização e infra-estrutura de armazenagem de frio e da melhoria de assistência técnica à lavoura, além de outros. Pedeu depois uma orientação segura e firme sobre a política da produção de leite, do seu comércio e da sua indústria, e disse que, presentemente, existem mil e quinhentas cabeças de gado que estão a aguardar abate e que essa demora se deve ao facto da falta de armazenagem e de frigorificação, pelo que julga da maior importância o estudo deste caso.

## RÁDIO CLUBE DO HUAMBO E O NOSSO JORNAL

Sempre aberto às mais diversas iniciativas, desde que contribuam para uma convivência mais íntima entre a metrópole e o ultramar, Rádio Clube do Huambo não hesitou em apoiar, voluntariamente, o aparecimento d'«A Capital» divulgando em Angola a iniciativa de nos lançarmos neste nosso empreendimento.

Registamos sensibilizados tão grande prova de simpatia e compreensão.



A estação elevatória de água inaugurada na freguesia de Pechão

# AS FESTAS DE SETÚBAL COMEÇAM AMANHÃ

SETÚBAL, 24 — É já amanhã que começam as tradicionais festas da cidade de Setúbal. A Feira de Sant'Iago e II Festa Nacional do Mar serão solenemente inauguradas, às 21 e 30, pelo secretário de Estado da Informação e Turismo.

Está já em fase de acabamento a montagem dos vários sectores oficiais das actividades económicas, este

ano largamente representadas, destacando-se a Junta Nacional dos Produtos Pecuários pela extensão da área ocupada, o que demonstra o interesse e flagrante oportunidade.

As actividades económicas, embora nem todas se façam representar, umas por carência de pavilhões próprios, outras por falta de espaço, como é o caso dos Serviços Hidráulicos, têm interesse próprio para o grande público que ocorre em elevado número aos referidos sectores, admirando e tomando conhecimento do que de importante se opera em cada um desses sectores.

## O CONCURSO DE ARTE INFANTIL «SETÚBAL E O MAR»

São em elevado número os trabalhos recebidos da secretaria da Comissão de Festas destinados ao concurso pela primeira vez aberto à nossa juventude, à qual foi oferecido o tema «Setúbal e o mar». Inspirada numa enorme diversidade de motivos alegóricos, a criança soube transmitir a cada «obra» o que a sua imaginação idealizou, o que prova o interesse pedagógico de que se revestem estes concursos. Os concorrentes apresentam-se com idades dos 4 aos 14 anos, representando escolas particulares, ensino preparatório, liceal, Academia de Belas Artes Luísa Todt, Casa dos Pescadores, etc.

O júri irá considerar o valor expressivo e psicológico de cada um, quer eles sejam feitos a aguarela, guacho, recortes ou outros. A entrega destes trabalhos constitui mais uma prova de que a juventude está disposta a colaborar e de que a iniciativa teve para si grande aceitação.

## PROVAS NAUTICAS NO RIO SADO

Organizadas pelo Clube Naval Setubalense, vão decorrer no período das Festas de Setúbal, no estuário do Sado, essa baía de condições excepcionais e inigualável no País para a prática da vela, provas de grande importância.

Desde 20 de Julho que está a decorrer o III Curso do Centro de Iniciação de Aperfeiçoamento Náutico, iniciativa que vem granjeando maior interesse. Dia 26, Regata de Sant'Iago: Belém-Setúbal aberta a grandes e pequenos cruzeiros; dia 2 de Agosto, Campeonato Nacional de Vougas e VI Troféu Sant'Iago em «snipes»; dia 9, Troféu Moscatel de Setúbal; dia 10, Regatas de saiveiros, dotes de espiça e de galeões.

## MELHORAMENTOS EM OLHÃO inaugurados pelo chefe do distrito

OLHÃO, 24 — Com o programa anunciado pelo nosso jornal, o concelho de Olhão foi visitado, pela primeira vez, pelo governador civil de Faro.

Na sessão solene, que decorreu nos Paços do Concelho, o presidente da Câmara Municipal da vila, Alfredo Timóteo Ferro Galvão, ao tomar a palavra, agradeceu a presença do sr. dr. Manuel Sanches Inglês Esquivel, bem como a de todos os presentes, dirigindo-se particularmente à imprensa, com palavras que muito nos sensibilizou. Referiu-se à significativa homenagem do povo olhanense à memória do benemérito Calouste Sarkis Gulbenkian, cuja Fundação tem vindo a desenvolver uma obra inestimável entre os municípios da vila cubista e das restantes freguesias do concelho.

Falaram, depois, os sr.s. dr. Guida, presidente da U. N. do concelho; professor Manjua Leal; eng.º Guimarães Lobato, este em representação da Fundação Calouste Gulbenkian e, por último, o chefe do distrito. Todos os oradores se referiram à pessoa e à obra do homenageado, com grande respeito e reconhecimento.

O sr. dr. Inglês Esquivel, a seguir, inaugurou a Biblioteca «Calouste Gulbenkian», descerrou a lápide toponímica que dá o nome de «Calouste Gulbenkian» a uma das ruas da vila, inaugurou a exposição «Portugal Além-Europas», a Agência-Geral do Ultramar, e a estação elevatória de águas, na freguesia de Pechão.

Seguiu-se o almoço, no «Conjunto Turístico Siroco», que decorreu muito animado, já pelo ambiente agradável do local em que foi servido, já pela brilhante actuação do gracioso «Rancho Infantil» da Casa dos Pescadores da Fuseda que foi constantemente ovacionado até por estrangeiros ocasionalmente presentes.

Findo o almoço, seguiu a comitiva em automóvel para Moncarapacho, onde o governador civil de Faro, que foi recebido festivamente, examinou os planos do futuro Mu-

seu de Moncarapacho e do campo de Jogos do grupo desportivo local, já em fase de acabamento.

Na Casa do Povo desta aldeia mui velhinha, foi organizada uma sessão de boas-vindas, em que usaram da palavra vários oradores que expuseram as prementes necessidades da freguesia e agradeceram, além da presença do chefe do distrito, todo o interesse que a Câmara Municipal de Olhão tem mostrado na concretização de alguns dos seus anseios.

Seguiu-se a difícil ascensão ao Pico de S. Miguel — miradouro impar pela variante de cores que se desfrutam em toda a extensão entre Vila Real de Santo António e Albufeira — onde foi inaugurada a iluminação eléctrica no lugar do Barranco de São Miguel e rezada missa na capela do mesmo nome.

## JOSÉ JÚLIO

Faz hoje seis anos que desapareceu o pintor José Júlio. Para além da obra do artista, que marcou um lugar inconfundível no panorama da nossa arte contemporânea, perdura a lembrança da incomparável personalidade de José Júlio Andrade Santos, nos mais variados aspectos da sua múltipla actividade. Ele era, com efeito, o pedagogo, o artista, o incansável curioso das coisas da sua época, o divulgador por excelência, que todos respeitavam e admiravam. Mas José Júlio era, acima de tudo, o homem bom e o nobre cidadão, que vivera a vida por forma a deixar nos que o conheciam, e que tiveram assim ocasião de o admirar, o exemplo extraordinário da sua integridade, da sua acção persistente de útil realizador.



**A tradicional qualidade japonesa a preços de mercado europeu**

**FUJICA**  
carregamento instantâneo

**Single-8**

**P1**

**A mais compacta câmara de filmar**



As famosas câmaras de filmar FUJICA são completamente automáticas e tornam o cinema mais fácil do que a fotografia.

REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL  
**HITZEMANN & C.ª, LDA.**

PORTO — R. de Sá do Boulevard, 520/526  
Teléfx. 22135/6 e 26301

LISBOA — R. de Filipe Folgueira, 2-C e D  
Teléfx. 59788/9

UMA DAS CARACTERÍSTICAS QUE, SEM DÚVIDA, ESTÁ NA ORIGEM DA PREFERÊNCIA QUE O PÚBLICO CONTINUA A DAR À

**FEIRA POPULAR de LISBOA**

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

é a quantidade de «stands» de firmas comerciais e industriais que se reúnem no Parque de Entrecampos

ALI HÁ DE TUDO — RESTAURANTES \* CAFÉS \* CERVEJARIAS \* ESPLANADAS \* VINHOS REGIONAIS \* SORTEIOS \* DIVERTIMENTOS PARA TODOS OS GOSTOS. etc.

ABERTURA AS 19 HORAS

Habilite-se ao sorteio de uma **MOTORIZADA CASAL** oferta da **METALURGIA CASAL** de Aveiro

CHEQUES

**BRA**

PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

são sempre bem recebidos



os acontecimentos mundiais

# A CONQUISTA DO ESPAÇO

**CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON, 24** — (Por Louis Deroche, de A. F. P.) — A «Apolo-16» poderia por um «mini-jeep» ao dispor dos dois astronautas que explorarão a Lua em Março de 1971 — anunciou o director do programa «Apolo», general Samuel Phillips, numa entrevista concedida ontem à Agência France-Press.

O general Phillips prevê também uma estação orbital gravitando com uma tripulação de uma centena de sábios à volta da Terra dentro de uma dezena de anos, a qual constituiria um provável primeiro passo para a conquista humana de Marte, três a seis anos mais tarde.

Por outro lado, o general Phillips pensa também que se passará um ano ou dois antes que os cosmonautas soviéticos pousem na Lua.

Ainda não regressaram à Terra os primeiros conquistadores da Lua e já o general Phillips estuda planos de «voos mais ambiciosos para este satélite terrestre, onde seria possível estabelecer uma pequena base» — afirmou.

A «Apolo-12» explorará, em Novembro, um dos mares da região ocidental da faixa equatorial lunar. «Aprendemos muita coisa com a «Apolo-11» — acrescentou o general — e utilizaremos nos próximos voos a experiência adquirida. Em vez de uma única passeata no solo lunar, como sucedeu com a «Apolo-11», os astronautas da «Apolo-12» sairão do módulo lunar duas vezes. Cada período de actividade durará, pelo menos, três horas e os pilotos descançarão no «Lem» entre cada saída.»

### ESTAÇÕES ORBITAIS

O módulo de dois lugares de Charles Conrad e de Alan Bean colocará na Lua seis aparelhos enquanto a «Apolo-11» só lá deixou dois.

A partir da «Apolo-12» haverá um voo lunar de quatro em quatro meses, revelou o general Phillips. A «Apolo-16», em 1971, poderá colocar na Lua os primeiros lunautas americanos motorizados. O seu «mini-jeep», que pesará uns 180 quilos, tem o nome de código de «Rover» (Vagabundo). Cada uma das suas quatro rodas será accionada individualmente por um motor eléctrico. O seu raio de acção será de 55 a 74 quilómetros. Será guiado com um simples «cabo de vassoura» como os aviões.

— Será então possível explorar um dia a face oculta da Lua?

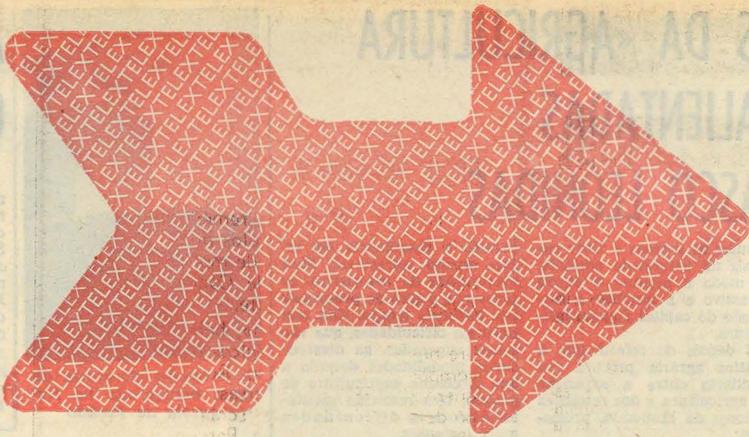
— Não está prevista semelhante tentativa no actual programa «Apolo», que terminará em fins de 1971 — respondeu o general Phillips. — Creio mesmo que tal não será possível antes dos anos de 75 a 80. Efectivamente, é necessário que tenhamos comunicações com a face oculta da Lua, a partir da qual, presentemente, é impossível o contacto com a Terra. Deveremos ter um satélite em órbita lunar — acrescentou o entrevistado — que recordou que para isso tal como para qualquer iniciativa que se faz a partir das actuais directrizes da Administração, será precisa uma decisão presidencial e a autorização do Congresso.

O director do programa «Apolo» evocou em seguida as estações orbitais da Terra. Começarão modestamente em 1972 com uma tripulação de três homens girando primeiro à volta do

## AS ÚLTIMAS HORAS DA MISSÃO «APOLO»

(Continuação da pág. 1)

preparar-se para a reentrada na atmosfera terrestre; às 11 e 37, uma última oportunidade para a correcção da rota de forma a que a cápsula fique dirigida para um buraco imaginário no céu pelo qual deve passar. E o chamado corredor de passagem. A manobra talvez não seja necessária; às 17 horas, o presidente Nixon chega a bordo do porta-aviões «Hornet» e inspecciona o habitáculo de quarentena em que os astronautas serão levados para Houston; às 17 e 20, o módulo de comando separa-se do módulo de serviço que contém o foguetão principal



# SISMOS NA LUA?

**HOUSTON, 24** — O sismógrafo colocado na superfície da Lua pelos dois astronautas americanos, Neil Armstrong e Edwin Aldrin, registou, ontem, às 19 e 20 (hora de Lisboa), uma série de ondas na superfície da Lua. O fenómeno durou cerca de cinco minutos. Os geofísicos americanos interrogam-se sobre a origem destas ondas — ligeiro tremor lunar ou impacto de meteoritos. A energia do fenómeno foi avaliada em várias dezenas de quilotoneladas.

Durante uma conferência de imprensa, o físico americano Frank Press declarou que pensava que se tratava de um sismo lunar, mas o seu colega Maurice Ewing inclina-se para o impacto de um meteorito. Está, assim, aberta uma controvérsia apaixonante entre os cientistas americanos. Se as ondas registadas pelo sismógrafo forem de origem sísmica, isso quer dizer que a Lua não é um astro morto no sentido geológico. Pôr-se-ia a questão de saber se o interior da

## A opinião dos argentinos

**BUENOS AIRES, 24** — Setenta e sete por cento dos argentinos consideram que a conquista da Lua é de importância capital para a humanidade, manifestando 21 por cento opinião contrária, revela um inquérito promovido pelo semanário de Buenos Aires «Primera Hora». Em contrapartida, 75 por cento das pessoas interrogadas afirmam que os americanos teriam feito melhor em aplicar os fundos necessários ao projecto «Apolo» na solução dos grandes problemas que afligem a humanidade; a fome, a falta de hospitais, os problemas económicos, sociais e políticos.

Na opinião do público argentino, os americanos estão nitidamente à frente dos russos na corrida espacial. Interrogados acerca do objectivo que os Estados Unidos têm em vista, 36 por cento citam o prestígio, 29 por cento o interesse científico, 15 por cento fins militares e 12 por cento motivos pacíficos. — (F. P.)

e atinge a orla da atmosfera terrestre sobre o Pacífico dezasseite minutos mais tarde; às 17 e 49, amargem a sudoeste do Pacífico e às 18 horas, os homens-rã partem para junto da cápsula.

Seguidamente, pelas 19 horas, os astronautas entram no habitáculo para iniciarem a sua quarentena de dezoito dias; às 20 horas, o presidente Nixon saudou os astronautas por um telefonema especial; às 20 e 15, o presidente Nixon deixa o «Hornet» partindo para a ilha de Guam e às 20 e 55, o módulo de comando «Columbia» é depositado no tombadilho do porta-aviões «Hornet». — (ANI, F. P. e R.)

## A LUA NÃO TEM DONO

**NAÇÕES UNIDAS, 24** — Colocando na Lua a bandeira americana, os primeiros visitantes do nosso satélite não reivindicaram a soberania dos Estados Unidos sobre aquele planeta. Segundo o Direito Internacional, este gesto não adquire um significado jurídico e político para além do seu valor simbólico se não for acompanhado duma declaração de intenção pela qual o explorador proclama a soberania do seu país sobre o território que acaba de descobrir. Ora Armstrong e Aldrin não fizeram tal declaração.

O Tratado das Nações Unidas para a exploração e utilização do Espaço que entrou em vigor em Outubro de 1967, não menciona a implantação duma bandeira, mas proíbe estas declarações, estipulando que «os corpos celestes... não podem ser objecto de apropriação por proclamação de soberania, nem por via de utilização ou de ocupação».

Segundo o Tratado, a Lua não tem um estatuto jurídico internacional. Como o Antártico, «o espaço extra-atmosférico, compreendendo a Lua e outros corpos celestes, pode ser explorado e utilizado livremente por todos os Estados sem qualquer discriminação, em condições de igualdade e de acordo com o Direito Internacional, devendo todas as regiões dos corpos celestes ser livremente acessíveis». O Tratado acrescenta (artigo 1.º) que «as investigações científicas são livres no espaço extra-atmosférico incluindo a Lua e os outros corpos celestes e os Estados devem facilitar e encorajar a cooperação internacional nestas pesquisas».

O Tratado proíbe, também, a instalação, nos corpos celestes, de qualquer objecto portador de armas nucleares ou qualquer outro tipo de armas de destruição maciça e, bem assim, a instalação de bases militares. — (F. P.)

acontecimentos mundiais os acontecime

# A TERRA NÃO SERÁ CONTAMINADA

**HOUSTON, 24** — Os Estados Unidos tomam rigorosas precauções para evitar qualquer possível contaminação da Terra por algum microrganismo lunar desconhecido que os astronautas da missão «Apolo-11» possam trazer hoje no seu regresso.

Embora a opinião geral dos cientistas seja que são quase nulas as probabilidades de existir vida no nosso estéril e inóspito satélite, a Agência Espacial norte-americana não está disposta a correr riscos.

Durante dezoito dias depois de terem sido retirados do Pacífico, os astronautas Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins, juntamente com o seu carregamento de amostras lunares, ficarão completamente isolados do resto do mundo.

Os funcionários da Agência estão convencidos que, caso existam alguns organismos na superfície lunar, este período será amplamente suficiente para o revelar na fértil atmosfera terrestre.

### PREMIERAS PRECAUÇÕES

As precauções tomadas contra qualquer contaminação, tanto da Lua como da Terra, iniciaram-se no fim da semana passada quando os astronautas Armstrong e Aldrin se encontravam ainda sobre a superfície lunar.

Assim, o módulo lunar estava equipado com um filtro de bactérias para evitar a contaminação da Lua ao expulsarem o ar da cabina e ao abrirem a escotilha. Além disso, ambos os cosmonautas fecharam a escotilha logo que saíram.

Antes de regressarem ao módulo removeram cuidadosamente a poeira lunar dos fatos espaciais e raspam as botas na escada que ficou quando regressaram ao módulo de comando. As mochilas e os sapatos protectores foram lançados pela borda fora antes de descolarem.

## DESVENDADO O MISTÉRIO

**HOUSTON, 24** — O mistério de um ataque de peles-vermelhas contra a «Apolo-11» começou a parecer, a noite passada, com a primeira brindeada ao espaço exterior.

Ruídos como uma locomotiva apitando partiram, durante cerca de meio minuto, da «Apolo-11».

«Poderéis dizer a «Buzz» astronauta Edwin Aldrin para não se jactar demasiado?» — comunicou o «Control» de Terra.

«O que queréis dizer?» — perguntou a «Apolo». A seguir, ouvintes escutam novamente ruídos semelhantes a peles-vermelhas em pé de guerra e a risos macabros, que já tinham surpreendido anteriormente toda a gente na Terra.

«O. K. 1 — E um de nós a fazer esse barulho» — comunicou, pela rádio, o comando de Terra.

A «Apolo-11» recusou-se a fazer comentários, mas observadores ficaram convencidos de que os astronautas, com as suas caras impávidas e serenas, estavam a fazer uma utilização enganadora do gravador de som que possuem a bordo. — (R.)

reuniram ao seu colega o módulo de comando. Antes disso, toda a aparelhagem que devia regressar à Terra foi cuidadosamente limpa antes de ser transferida para o módulo de comando.

### INTO FLUTUANTE

Quaisquer microrganismos que possam ter passado do exterior do «Águia» para a «Columbia» têm uma probabilidade extremamente reduzida de sobreviver à temperatura de 2 mil graus centígrados desenvolvida quando a cápsula entrar em atrito com a atmosfera terrestre.

Por outro lado, durante a trajetória para Terra a cabina foi periodicamente limpa a vácuo para remoção de todas as partículas de poeira.

As amostras de pedras e solo lunar foram colocadas em recipientes de plástico hermeticamente fechados e o oxigénio da atmosfera do módulo de comando é continuamente filtrado durante o regresso à Terra para eliminar quaisquer agentes de contaminação.

Quando a «Apolo-11» amarrar, um homem-rã envergonhado um fato especial a que darão o nome de «fato de isolamento biológico» (Big — Biological Isolation Gar-

ment) irá pôr o cinto flutuante em volta da cápsula.

### RISCOS INSIGNIFICANTES

O homem-rã abrirá a escotilha o tempo estritamente necessário para passar mais três fatos desses para os astronautas que estão no interior.

A escotilha será aberta novamente para que os cosmonautas possam subir para jangadas largadas junto à cápsula antes de serem recolhidos por helicóptero.

Esta secção do plano de anticontaminação foi bastante discutida por alguns críticos que afirmavam que, no caso de existir algum microrganismo estranho na cápsula, poderia nesse momento escapar-se para a atmosfera terrestre.

No entanto, os funcionários da Agência confiam que o plano que idealizaram resultará. O chefe da equipa médica, dr. Charles Berry, numa comunicação feita ontem à imprensa declarou: «Julgamos que o processo que criámos para purificação do ar na cápsula durante o regresso é suficiente para garantir que na fase de saída dos astronautas não haverá risco significativo de contaminação.»

Na jangada, o homem-rã regará os astronautas com um desinfectante líquido especial.

Os «Big» são feitos de um tecido leve verde-azeitona que cobre o astronauta dos pés à cabeça. Na parte superior há uma máscara facial, algo parecida com as máscaras antigas da Segunda Guerra Mundial, com um visor de plástico, uma válvula de entrada de ar e um filtro biológico à saída do ar expirado.

Quando o helicóptero aterrar no convés do «Hornet», cerca de hora e meia depois da amargem, os astronautas são rapidamente encaminhados através de um túnel para a unidade móvel de quarentena (M. Q. F. — Mobile Quarantine Facility).

### MÚSICA PARA OS ASTRONAUTAS

Quando o «Hornet» chegar no sábado a Ford Island, no Havaí, o «MQF» será transportado num camião para um jacto de carga «C-141» que estará no campo de aviação de Hickam para o transportar até Houston.

O avião deve chegar a Houston cerca da meia-noite e meia hora (T. M. G.) de 27 de Julho. Duas horas depois já os astronautas estarão nas suas instalações de quarentena deste centro.

O «MQF» contém uma sala de estar forrada a bege com cadeiras reclináveis como a dos aviões de passageiros, receptor de televisão e um gravador de fita com músicas pré-gravadas que incluem seleções de «Herb Alpert and His Tijuana Brass» e da «Baja Marimba Band».

As análises pormenorizadas das amostras recolhidas na Lua começarão a ser feitas depois do período de quarentena, data em que serão enviadas para 36 cientistas e equipas diversas representando cerca de 20 instituições na Austrália, Alemanha Ocidental, Bélgica, Canadá, Finlândia, Grã-Bretanha, Japão e Suíça. — (R.)

## POSTO DE ESCUTA

### DROGA MILAGROSA

Foi descoberto um remédio milagroso com perto de cinco séculos numa urna encontrada durante obras de modernização da mais velha farmácia de Ovada, perto de Alessandria, no Piemonte.

Trata-se da «teriaca», beberagem célebre nos anais farmacológicos do século XV, composta por Girolamo Rossi, com cinquenta substâncias diversas, entre as quais pó de víbora, cebola de Ischia, suco de acácia, gálbano e aristóloco. Parece que a «teriaca» curava todas as doenças.

### QUERIA ASSASSINAR NIXON

A Polícia de Oakland prendeu ontem George Donahue, de 28 anos, um «marine» prestes a ser desmobilizado, por ter ameaçado matar Richard Nixon com uma carabina. Na altura em que proferiu esta ameaça, o presidente encontrava-se em San Francisco, portanto, a escassos quilómetros de Oakland.

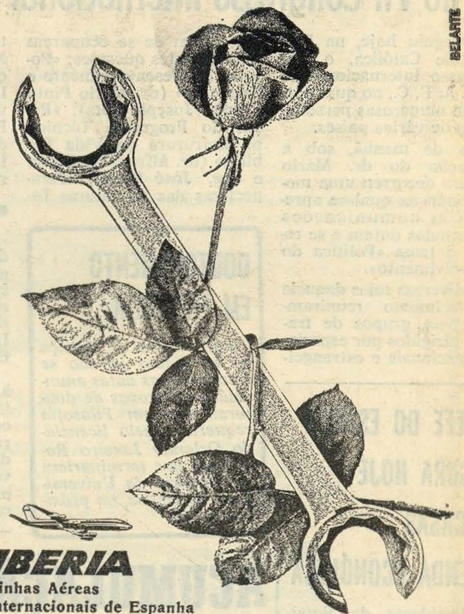
Foi graças à perspicácia de uma telefonista local, Felicia Harris, de 24 anos, que a Polícia pôde deitar a mão a Donahue. Este ligara ao serviço de informações para saber o nome do hotel onde se hospedara o presidente. Mostrando-se conversador, deu depois conta do seu propósito à telefonista. «Miss» Harris não perdeu tempo em alertar as autoridades sem deixar, porém, de alimentar a conversa. Os polícias tiveram assim tempo de entrar em casa de Donahue onde encontraram, não uma carabina, mas um revólver carregado.

### GREVE DOS «VAPORETTI»

Uma greve surpresa dos «vaporetto» (barcos a motor para os transportes públicos) provocou um engarrafamento monstro em Veneza, onde milhares de turistas estão bloqueados no enorme «parking» à entrada da cidade.

Na origem da greve está uma proibição do Município, que instituiu um sentido único no rio Nuovo, um canal estreito, a fim de facilitar o serviço dos «vaporetto». Mas os gondolieiros recusam o sentido único e voagam como no passado no seu canal. Os condutores dos «vaporetto», exasperados com os riscos de colisão, desencadearam a greve surpresa e pediram que lhes fosse reservado o rio Nuovo, sendo expulsas as velhas gondolas.

# Pense em Maiorca:



**IBERIA**  
Linhas Aéreas  
Internacionais de Espanha

# Pense em Iberia:

Onde só o avião recebe mais atenções que V

Consulte o seu agente de viagens ou:  
**IBERIA** - Avenida da Liberdade, 107  
Informações e bilhetes, telef. 562018  
Reservas, telef. 539571

**COMPANHIA DE SEGUROS GARANTIA FUNCHALENSE**  
UMA ANTIGA COMPANHIA TRABALHANDO COM MÉTODOS MODERNOS

SEDE: Av. da República, 45, 2.ª — Lisboa  
FILIAL EM SETÚBAL: R. Dr. Paula Borba, 36, 1.ª

O CAFÉ É A MELHOR BEBIDA, NÃO HÁ DÚVIDA MAS SE NÃO O PODE BEBER

**BEBA PIONIER**  
Deliciosa bebida — absolutamente inofensiva  
À venda em todos os bons estabelecimentos do ramo

Distribuidores:  
**SCHROETER & ALMEIDA**  
Rua da Madalena, 128-2.ª, LISBOA \* Telef. 86 91 09

QUALIDADE ESTILO VALOR

**EMERSON**

FRIGORÍFICOS DE LUXO  
A PREÇOS NORMAIS

à venda nas casas especializadas  
distribuidores: EST. M. SIMÕES JR., S.A.R.L.  
43, RUA DOS DOURADORES, TELEF. 36 1763 — LISBOA

**CAPITAIS**  
Colocam-se com todas as garantias e nas melhores condições hipotecárias

**EMPRESA PREDIAL NORTENHA**  
MEDIADOR OFICIAL

Praça da Alegria, 58-2.ª — Telef. 362228-366731-366812

**1001 viagens**  
PREÇOS COM AVIÃO, HOTEL, alojamento e pequeno almoço; taxas e visto de cidade incluídos.

Exemplos:  
LONDRES - 8 dias • do Porto 3950\$ • de Lisboa 4220\$  
PARIS - 7 dias • do Porto 4660\$ • de Lisboa 4400\$

Peça brochura à

**AGÊNCIA ABREU DESDE 1840**  
LISBOA: Av. Liberdade 160 • PORTO: Av. Aliados 207 • COIMBRA: R. Soto 2

LA MAIOR E MAIS ANTIGA DE PORTUGAL



# «Política do desenvolvimento»

— tema que está em debate no VII Congresso Internacional do S. I. I. A. E. C.

Prosseguiu hoje, na Universidade Católica, o VII Congresso Internacional do S. I. I. A. E. C., no qual participaram numerosas personalidades de vários países.

Hoje de manhã, sob a orientação do dr. Mário Monteiro decorreu uma mesa-redonda na qual se apreciaram as comunicações apresentadas ontem e se estudou o tema «Política do desenvolvimento».

Em diversas salas daquele estabelecimento reuniram-se, depois, grupos de trabalho, dirigidos por especialistas nacionais e estrangeiros.

ros, a fim de se ocuparem das seguintes questões: «Política do Desenvolvimento e Sindicato» (dr. Mário Pinto e eng.º Joseph Bots); «Papel do Progresso Técnico na Estrutura da Vida Pública» (dr. Alfredo de Sousa e eng.º José Poch); «Perspectivas das Estruturas In-

ternacionais das Empresas Multinacionais» (eng.º François Clerc e eng.º Mecker Dessables); e «O Desenvolvimento como Evolução Participada e Disponibilidade para Convenção» (eng.º Luís Navarro e dr.ª D. Maria Manuela da Silva).

## • Assembleia estatutária

Ao fim da tarde, o presidente da Câmara de Lisboa, general França Borges, oferecerá, na Estufa Fria, uma recepção em honra dos participantes do VII Congresso Internacional do S. I. I. A. E. C.

Também decorrerá, hoje à noite, uma assembleia estatutária dos engenheiros e economistas católicos, durante a qual serão abordados problemas internos. Haverá depois a eleição do presidente e secretário-geral daquele organismo.

## DOUTORAMENTO EM FILOSOFIA

Por motivo de doença do candidato já não se efectuam nas datas anunciadas as provas de doutoramento em Filosofia requeridas pelo licenciado Orlando Janeiro Romano e que terminariam na Reitoria da Universidade de Lisboa, no próximo dia 26.

## O CHEFE DO ESTADO

INAUGURA HOJE

200 CASAS

DE RENDA ECONÓMICA

O Presidente da República, acompanhado pelo ministro das Corporações e pelo governador civil de Lisboa, inaugura, hoje, às 18 horas, um bairro de duzentas casas de renda económica, construído com fundos da Previdência, na zona residencial de Santo António dos Cavaleiros.

EUSEBIO

TENCIONA ALINHAR

NUM CLUBE

ESTRANGEIRO

— crê-se em Lourenço

Marques

LOURENÇO MARQUES, 24 — Eusébio, a «Pérola Negra» do futebol português, deixaria em breve as fileiras do Benfica para alinhar por outra turma de classe internacional, segundo se crê nos círculos desportivos de Lourenço Marques, na véspera do torneio triangular que oporá a partir de sábado, na capital de Moçambique, o onze do Benfica aos do Sporting Club de Portugal e do Racing Club de Buenos Aires.

Segundo as mesmas fontes, o célebre avançado-centro de origem moçambicana não estaria disposto a aceitar a oferta de um prémio mensal de nove mil escudos (além de prémios especiais em caso de vitória) que lhe fez o Benfica para que continue a jogar nas suas fileiras.

Eusébio, vedeta do Campeonato Mundial de 1966 e feliz rival do «rei» Pelé, estaria tentado a alinhar por um clube italiano de Roma, o qual estaria pronto a desembolsar 700 000 libras pela transferência do jogador português. — (F. P.)

N. da R. — A referência a clube italiano carece de fundamento, considerando que, presentemente, está proibida a contratação de jogadores estrangeiros por parte de qualquer colectividade transalpina.

escreva na  
**mini**  
**MESSA**

# ACUMULAÇÃO DE INDEMNIZAÇÕES

A Procuradoria-Geral da República emitiu um parecer segundo o qual um funcionário do Estado subscritor da Caixa Geral de Aposentações que seja vítima de um acidente simultaneamente de viação e de serviço tem o direito de, por um lado, exigir indemnização aos responsáveis pelo acidente de trânsito, e, por outro lado, de receber do Estado a assistência e os vencimentos a que se referem os artigos 8.º e 10.º do Decreto-Lei n.º 38 523, de 23 de Novembro de 1951;

Estas duas responsabilidades — do Estado e dos responsáveis pelo acidente de viação — conservam a sua autonomia, mas as indemnizações que lhes correspondem não se acumulam, só podendo o funcionário sinistrado exigir de uma parte o que da outra não recebeu;

Os vencimentos e as despesas pagos pelo Estado destinam-se a ressarcir, embora só em parte, os mesmos prejuízos que são cobertos pela indemnização devida pelos responsáveis pelo acidente de viação;

O funcionário que tenha recebido o que pelo Estado lhe era devido ao abrigo dos citados preceitos do Decreto-Lei n.º 38 523 e a indemnização

pelos danos resultantes do acidente de viação, incluindo os que foram ressarcidos por aquela prestação, fica obrigado, por virtude do enriquecimento sem causa que assim se verifica, a restituir ao Estado, nos termos do artigo 473.º do Código Civil, o que dele recebeu;

Fora do caso referido na conclusão anterior, assiste ao Estado, por sub-rogação legal nos direitos do seu funcionário sinistrado, o direito de reclamar dos responsáveis pelo acidente de viação as prestações que aquele satisfizes nos termos do Decreto-Lei n.º 38 523.

## DISTRIBUIÇÃO

DOS PRÉMIOS ACADÉMICOS

DE 1968

NA ACADEMIA DE CIÊNCIAS

Sob a presidência do sr. prof. Amorim Ferreira, efectua-se hoje, às 18 e 30, uma sessão plenária da Academia de Ciências de Lisboa para entrega dos prémios académicos de 1968 aos autores das obras premiadas no respectivo concurso: «Prémio Ricardo Malheiros», «Era o terceiro dia de vento sul», de José Rodrigues Júnior; «Prémio Artur Malheiros», de ciências matemáticas, «Aspectos da decisão estatística para a distribuição dos extremos de Fréchet», do prof. José Tiago de Oliveira, nosso prezado colaborador; «Prémio António Larragóiti», «Angola perante a escravatura», de Alfredo Diogo Júnior.

A entrada é pública.

## LAR DOS VETERANOS MILITARES

O ministro da Defesa visitará amanhã, dia 25, pelas 10 e 30, o Lar dos Veteranos Militares em Runa, presidindo às comemorações do 142.º aniversário da sua inauguração pela fundadora.

# acontecimentos mundiais os acontecime

## O REGRESSO DO ESPIÃO

LONDRES, 24 — O professor britânico Gerald Brooke, que cumpria, havia mais de quatro anos, uma pena de trabalhos forçados na U. R. S. S. por actividades subversivas, foi libertado esta manhã e já saiu de Moscovo a caminho de Londres.

A libertação de Brooke foi conseguida ao fim de várias semanas de negociações em Londres entre o embaixador da U. R. S. S. e o Foreign Office.

Por outro lado, ainda nada se sabe da sorte dos espíões Kroger, que cumprem uma pena de 20 anos de prisão na Grã-Bretanha e que seriam «trocados» por Brooke. Prevê-se, no entanto, que Peter e Helen Kroger sejam postos bre-

vemente em liberdade, se é que não o foram já.

Michael Stewart, secretário do Foreign Office, deve fazer uma declaração nos Comuns, esta tarde, sobre as negociações anglo-soviéticas acerca da troca eventual entre Brooke e o casal Kroger.

Gerald Brooke foi entregue, esta manhã, pelas autoridades judiciais soviéticas ao representante da Embaixada britânica, B. E. Banks, vice-cônsul, nos edifícios do aeroporto internacional de Chermetievo.

Pouco depois, Gerald Brooke era metido no avião da carreira regular da Aeroflot para Londres, onde chegará por volta do meio-dia. — (F. P.)

# PROVAS CONTRA EDWARD KENNEDY

ARLINGTON (Virgínia), 24 — Uma jovem de 26 anos, que esteve na festa a que o senador Edward Kennedy assistiu na sexta-feira passada, declarou a jornalistas que a reunião não passou de uma brincadeira e que não se bebeu muito.

«Miss» Esther Newburg falava a noite passada, após regressar do funeral de Mary Jo Kopechne, de 28 anos, que morreu afogada quando o automóvel guiado pelo senador se despenhou num lago, a seguir à festa.

A revista «Newsweek» afirmara, na terça-feira passada, que amigos íntimos do senador, de 37 anos, estavam preocupados acerca «da forma como bebia, da maneira ousada como guiava e da sua tendência para caras bonitas».

Mais tarde, o acusador público de Edgartown, no Massachusetts, perto do local onde ocorreu o desastre, disse que a Polícia es-

tava a investigar a possibilidade de libações alcoólicas na festa de sexta-feira, à noite.

Numa conferência de Imprensa que concedeu ontem em Edgartown, o chefe da Polícia, Dominick Arena, interrogado sobre se as pessoas envolvidas tinham estado a beber, respondeu que se estava a entrar no capítulo das hipóteses.

«Não há qualquer necessi-

dade de um exame ao hábito neste estado. Teréis ainda de ver um automobilista efectuar uma manobra errada para que seja sujeito a um exame.»

O senador, o último dos irmãos Kennedy, comparecerá na próxima segunda-feira numa audiência acusada de ter abandonado o local de um desastre.

Kennedy, que tem afirmado repetidas vezes que mergulhou na água da lagoa, numa tentativa vã para salvar «miss» Kopechne, não comunicou o desastre senão cerca de oito horas depois, dizendo à Polícia que se encontrava em estado de choque.

O chefe Arena afirmou ainda, na conferência de Imprensa, que o senador «iria» provar onde se encontrava entre a 1 e as 9 horas (5 e 13 T. M. G.).

## PROVAS CONTRA O SENADOR

O acusador público, Walter Steele, declarou: «Possuímos certas provas que apoiarão a incriminação.»

Pedi ao chefe da Polícia para não falar acerca disso. Trata-se de um caso que será julgado dentro dos próximos dias e seria injusto para este réu apresentar nitidamente o caso desde já.»

Entretanto, Robert Clark Júnior, antigo juiz do tribunal distrital de Massachusetts, chegou a esta cidade, a fim de chefiar a defesa do senador, constituída por três advogados. — (R.)

# PORTUGAL REJEITA AS ACUSAÇÕES DA ZÂMBIA

NAÇÕES UNIDAS (Nova York) 24 — «A minha delegação desafia seja quem for a provar que Portugal está a utilizar, fora do âmbito da Aliança Atlântica, armamento que lhe tenha sido fornecido por qualquer dos países seus aliados na N. A. T. O.» — acentuou o dr. Bonifácio de Miranda no discurso hoje proferido perante o Conselho de Segurança das Nações Unidas, recusando, assim, uma acusação formulada por quase todos os delegados de países africanos ou comunistas que, desde sexta-feira, têm participado no debate acerca da queixa apresentada contra Portugal pela Zâmbia.

O representante de Portugal deu depois a versão de Lisboa dos incidentes que, afirmou, ocorreram em território português, uma vez em Moçambique, outra em Angola, onde forças de segurança portuguesas tiveram recontros com infiltradores armados vindos da Zâmbia.

O diplomata português lembrou ao Conselho, declarando que este não poderia ficar indiferente a este caso, que dois soldados portugueses recentemente presos pelas autoridades de imigração zambiana e depois liberta-

dos por ordem do Supremo Tribunal zambiano continuavam presos por decisão do Governo da Zâmbia.

## A U. R. S. S. DENUNCIA «O COLONIALISMO PORTUGUÊS»

Os representantes do Quênia, da República Árabe Unida, do Paquistão e do Nepal colocaram-se, entretanto, inteiramente ao lado da Zâmbia.

O delegado do Paquistão, Agha Shahi, declarou que a assistência de países vizinhos a movimentos de libertação nacional e a imunidade de tais países em relação a eventuais represálias era natural. Estigmatizou o uso do «direito de perseguição» que, disse, é uma noção do Direito da era pós-colonial que seja aplicado na África, no Médio Oriente ou noutro lado.

O delegado soviético, Alexis Zakharov, denunciou o «colonialismo português» e associou-se aos pedidos do delegado zambiano para que o Conselho condene Portugal.

A próxima sessão efectuar-se-á hoje, às 20 h. (hora de Lisboa). — (ANI e F. P.)

## AMÁLIA EM DURBAN

DURBAN, 24 — A «rainha do fado», Amália Rodrigues, chegou de avião a esta cidade, onde vem dar um recital na Câmara Municipal.

A célebre fadista devia ter chegado na véspera, vinda de Lourenço Marques, mas as centenas de admiradores que a esperavam não puderam aclamá-la como queriam, pois, por lhe faltar um «visto sul-africano», foi retida à última hora. Um telegrama enviado a Pretória permitiu regularizar rapidamente a situação.

Amália, que ontem festejou o seu aniversário, chegou a Durban acompanhada pelo marido e por dois guitarristas. — (F. P.)



# PROGRAMA DOS CINEMAS

**ALVALADE** — Tel. 763080 — As 15.45 e 21.45 — Adultos — Um filme de Dick Sanders — «**Esta noite não!**», com Karen Blanguernon e Frederic de Pasquale.

**EDEN** — Tel. 320768 — As 15.15, 18.30 e 21.45 — Adultos — Um milhão de dólares no banco... Uma dúzia de garotas nos braços... — «**Amar nas horas vagas**», com James Coburn, Camilla Sparv e Aldo Ray.

**ESTÚDIO** — Tel. 555134 — As 15.30, 18.30 e 21.45 — M/ 12 anos — Technicolor — O extraordinário filme de Walt Disney — «**O deserto maravilhoso**».

**EUROPA** — Tel. 661016 — As 15.15 e 21.30 — 70<sup>m</sup>/m — Technicolor — M/ 12 anos — Natalie Wood, Tony Curtis e Jack Lemmon em «**A grande corrida à volta do mundo**».

**IMPERIO** — Tel. 555134 — As 15.15 e 21.30 — Adultos — Technicolor — Ele, Strange... ela, Frederika... para quem o amor tinha qualquer coisa de proibido... — «**O caso Strange**», com Michael York, Susan George e Jeremy Kemp — Um filme de David Greene.

**MONUMENTAL** — Tel. 555132 — As 15.15 e 21.30 — M/ 12 anos — 2.ª semana — «**Spartacus**» — Espectacular obra de Stanley Kubrick, com Kirk Douglas, Laurence Oliver e Jeans Simons.

**SAO LUIZ** — Tel. 327172 — As 15.15, 18.15 e 21.30 — Adultos — Um filme de Dick Sanders — «**Esta noite não!**», com Karen Blanguernon e Frederic de Pasquale.

**CINEARTE** — Tel. 660446 — As 15.00 e 21.00 — Adultos — «**Com a pedra no sapato**» — Uma comédia colorida, com Rex Harrison e Rosemary Harris. — Em complemento: «**Rio Conchos**».

Telef. 5 05 95  
As 3 e 6.15 da tarde (p. red.)  
e 9.30 da noite (ADULTOS)

**FIVOLI**  
Um espectáculo maravilhoso  
de acção e aventuras!  
com John Wayne, Ernie Kovacs,  
Stewart Granger e Capucine  
**A TERRA DAS  
MIL AVENTURAS**

Telef. 32 62 83  
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30  
(COL.) (M. 12 anos)

**ODEON**  
A TRIUNFAL NOVIDADE  
DO CINEMA PORTUGUÊS  
**O CANTOR  
E A BAILARINA**  
Realização de Armando Miranda  
com Domingos Marques, Nancy  
Rimaldi, Zeloni, Ballet de Fernan-  
do Lima e outras atracções  
Admiráveis canções e bailados

Telef. 72 77 78  
As 15.30 e 21.45 (ADULTOS)

**ROMA**  
Um filme que todos desejaram  
recordar!  
**PAO, AMOR  
E FANTASIA**  
com Gina Lollobrigida e Vittorio  
de Sica  
AR CONDICIONADO

Telef. 61 03 75  
As 21.30 (M. 17 anos)

**RESTELO**  
Uma extraordinária comédia  
cheia de graça e improviso  
EM TECHNICOLOR  
**VIUVO...  
MAS ALEGRE**  
com Bop Hope, Phyllis Diller,  
Shirley Eaton e Jill St. John  
Sala higienizada contra bacté-  
rias, fungos e outros microorga-  
nismos

Telef. 77 90 95  
As 15.30, 18.30 e 21.45  
(ADULTOS)

**ESTÚDIO 444**  
UM POEMA DE GRAÇA  
E DE IMAGENS!  
**O CASAMENTO**  
(Le Mariage ou Mazel Toy)  
com  
Claude Berri e Elisabeth Wiener  
EASTMANCOLOR  
Ar condicionado

Telef. 4 71 63  
As 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)

**AVIS**  
Divertidíssima comédia musical!  
**RITA PAVONE  
A PEQUENA PARÓDIA**  
com  
Francis Blanche e Mario Girotti  
EASTMANCOLOR  
Ar condicionado

Telef. 32 63 05  
HOJE, às 21.30 (M. 17 anos)

**POLITEAMA**  
Eastmancolor — Cromoscope  
EM SENSACIONAL  
CONTINUAÇÃO DE ESTREIA  
**TEMPO  
DE MASSACRE**  
c/ Franco Nero e George Hilton  
UM FILME ARREPIANTE!  
HOJE, às 18.30 (M. 17 anos)  
SESSÃO CLASSICA

**LIDO**  
AMADORA  
As  
21.30  
(M. 12 anos)  
A cura radical de todas  
as tristezas!  
**DOCTOR...  
TENHA MANEIRAS!**  
É melhor que um tónico!  
É superior a um estimulante!

Telefs. 5 41 53 e 5 41 54  
HOJE  
As 15.15 e 18.15  
(Últimas sessões)  
(M. 17 anos)

**O PERIGO  
VEM DAS MULHERES**  
com Richard Johnson, Daliah  
Lavi e Beba Loncar

As 21.30, INICIO DO  
**FESTIVAL JAMES BOND**

HOJE — (M. 17 anos)  
**007 ORDEM  
PARA MATAR**

Em complemento, notável repor-  
tagem da visita do prof. Mar-  
cello Caetano ao Brasil

Telef. 53 87 43  
As 15.15, 18.15 e 21.45  
(M. 12 anos)

**MUNDIAL**  
EXITO  
Dean Martin, Jean Simmons  
e George Peppard num vigo-  
roso e explosivo «western»!  
**NOITE  
DE VIOLÊNCIA**  
UM FILME EM TECHNICOLOR  
E TECHNISCOPE  
No programa: Reportagem colorida  
da viagem do Presidente do  
Conselho ao Brasil

HOJE, às 21.45  
(Adultos)  
ESTREIA  
Telef. 72 08 08

**HELGA**  
**O Segredo da Maternidade**  
Assiste ao espectáculo a artista  
alemã Ruth Gassmann, que para  
o efeito se deslocou proposita-  
mente a Portugal  
(Ver anúncio especial)

No programa: A reportagem colorida  
da viagem do Presidente do  
Conselho ao Brasil

As 15.15 e 18.30 (Adultos)  
ÚLTIMAS DE  
**OS PROTAGONISTAS**

Telefs. 32 25 23 — 32 67 10  
As 18.15 e 21.30 (M. 6 anos)

**CONDES**  
O grande espectáculo de férias!  
Os Reis do Riso no seu melhor  
**O MELHOR  
DE BUCHA E ESTICA**  
As 21.30 (M. 12 anos)  
A obra-prima de Stanley Kubrick  
— A maior aventura da história  
da Humanidade  
2001 — ODISSEIA NO ESPAÇO  
70 m/m

Telef. 79 15 74  
As 21.30 (ADULTOS)

**LUMIAR**  
AR CONDICIONADO  
PARQUE PRIVATIVO  
Emoção! Movimento! Acção!  
**O GRANDE  
PISTOLEIRO**  
com  
Lee Van Cleef, Tomas Milian  
e Walter Barnes  
AMANHÃ  
«A CHAVE», com Sophia Loren

As 17.00 e 21.30  
**CASINO ESTORIL**  
TELEFONE: 26 07 29 (M. 12 anos)

**NINGUÉM FOGE  
PARA SEMPRE**  
(Nobody Runs Forever)  
COLORIDO  
A aventura de um detetive que  
corre contra o tempo para im-  
pedir um crime  
com  
Rod Taylor, Christopher Plum-  
mer, Lilli Palmer, Camilla Sparv  
e Daliah Lavi

# OUTROS ESPECTÁCULOS

**TEATROS**  
VASCO SANTANA — 21.45 — «Anatomia de uma história de amor» (12 anos).  
MONUMENTAL — 20.45 e 23.00 — «Ri-te, ri-te» (17 anos).  
PROMOTORA — 15.00 e 21.00 — «A beira do pânico» (12 anos).  
SPORT LISBOA E BENFICA — 21.15 — «Exequê à Scotland Yard» (12 a.).  
TERRA SÊ — 15.00 e 21.00 — «O ofício de matar» (17 anos).  
ROYAL — 15.00 e 21.00 — «Matar para viver» (17 anos).  
**CINEMAS**  
LYS — 15.00 e 21.00 — «A maior bolada do mundo» (17 anos).  
PARIS — 15.00 e 21.00 — «Colt, a lei do Oeste» (12 anos).  
JARDIM — 15.00 e 21.00 — «Kio-wa» (12 anos).  
IMPERIAL — 15.00 e 21.00 — «Estrada da vida» (17 anos).  
OLIMPIA — 14.00 e 19.00 — «Nada de Smith» (17 anos).  
ALMADA — Incrível Almadaense — 21.15 — «Selvagem é o vento» (17 anos).  
AMADORA — Recreios — 21.15 — «Assalto ao carro blindado» (12 anos).  
COVA DA PIEDADE — Sociedade Piedense — 21.30 — «A borboleta vermelha» (17 anos).  
CAPARICA — Copacabana — 21.00 — «Viva Django!» (17 anos).  
CASCAIS — São José — 21.30 — «Os protagonistas» (17 anos).  
DAMAIA — D. João V — 21.30 — «Não sou digno de ti» (17 anos).  
ESTORIL — Esplanada — 21.30 — «Em ponto de rebuço» (17 a.).  
MOSSAVIDE — Cine — 21.00 — «Boa-noite sr. Campbell» (17 a.).  
OBRAS — Cine — 21.00 — «Dialógicamente tuas» (17 anos).  
PAREDE — Royal-Cine — 21.00 — «Fanny» (17 anos).  
SINTRA — Carlos Manuel — 21.30 — «Um homem chamado Gringo» (12 anos).



## INFORMAÇÃO

A PARTIR DE AMANHÃ ÀS 15.15 E EM ESPECTÁCULOS DIÁRIOS ÀS 15.15 E 18.15 O CINEMA SAO JORGE APRESENTA UMA BELA E GENEROSA OBRA DA 7.ª ARTE



— 6 ANOS —

«ARQUERO DE ORO» para a melhor longa metragem no Festival de Gijon

«OSO PARDO ASTORIANO» para o melhor filme sobre a Natureza

«PLATERO DE PLATA» para o melhor filme sobre animação

Produção e Realização de:  
**LASLO BENEDEK e IVAN TORS**

★ VIVER E DEIXAR VIVER é o tema proposto por este Jôia de cinema

★ A PRIMEIRA PARTE DOS ESPECTÁCULOS, QUE TEM INICIO ÀS 18.15, É PREENCHIDA COM UMA DEMONSTRAÇÃO DE FANTOCHES, FEITA POR FRANCISCO ESTEVES DA «CASA DA COMÉDIA»

## FESTIVAL

**007 JAMES BOND 007**

★ DENTRO DE POUCOS DIAS VAI SER CANCELADA EM TODO O MUNDO A EXIBIÇÃO DA FAMOSA SÉRIE JAMES BOND, INTERPRETADA POR SEAN CONNERY

★ POR ESSA RAZÃO O CINEMA SAO JORGE PROMOVE, A PARTIR DE HOJE, SÓ NOS ESPECTÁCULOS DA NOITE E EM JEITO DE FESTIVAL, A EXIBIÇÃO DAS CINCO FELICIAS QUE VÃO SER RETIRADAS

HOJE ÀS 21.30

«007 ORDEM PARA MATAR»

AMANHÃ ÀS 21.30

«007 CONTRA GOLDFINGER»

SABADO ÀS 21.30

«007 OPERAÇÃO RELÂMPAGO»

DOMINGO E 2.ª-FEIRA ÀS 21.30

«SÓ SE VIVE DUAS VEZES»

3.ª-FEIRA E 4.ª-FEIRA ÀS 21.30

«AGENTE SECRETO 007»

Todos estes espectáculos nocturnos são para maiores de 17 anos

EM COMPLEMENTO

**VISITA DO PROF. MARCELLO CAETANO AO BRASIL**  
EXPRESSIVO DOCUMENTÁRIO A CORES REALIZADO POR PERDIGÃO QUEIROGA



# «A MAÇÃ» DE JACK GELBER

## ENTRE PIRANDELLO E O «HAPPENING»

Quando Avilez se ocupou da direcção do Teatro Gil Vicente imprimiu-lhe, e muito bem, a feição de Teatro Experimental. Começou por uma «Esopaida» diferente e passando por Lorca e pelo magnífico «D. Quixote», resolveu-se finalmente, depois de um período que ameaçava prendê-lo a uma espécie de conservantismo, a encenar «A Maçã», do americano Jack Gelber.

A escolha desta peça, representada pela primeira vez em 28 de Novembro de 1961, no Living Theatre, de Nova York, dirigido pela célebre Judith Malina, parece definir uma etapa decisiva na carreira de Avilez.

Afigura-se-nos que, com esta intrincada «Maçã», o encenador transpôs a barreira que o mantinha ligado a um teatro de respeitáveis mas sedicidas tradições e se dispôs a procurar Teatro novo, aquele Teatro por que ansiamos, capaz de reconquistar o transviado público, desanimadamente céptico, quando não hostil.

Quem for a Cascais à procura da velha cena com mesa de um lado e sofá do outro, quem quiser uma historiazinha adocicada com nexo e «happy-endings», fique desde já sabendo que não encontra nada disso. Quem julgar que vem de Cascais com as ideias arrumadinhas e uma verdade qualquer fechada na mão enganar-se redondamente.

«A Maçã» é fruto de escândalo. Eritis sicut Deus ocientes bonum et malum, disse a serpente a Adão para o tentar. «Serei como Deus, sabedores do bem e do mal», foi argumento irresistível. Que mortal poderá olhar com desdém o fruto dourado da árvore da ciência? Simplesmente quem come o fruto perigoso só tarde o assimila. O fruto proibido actua como um veneno a longo prazo, que muito lentamente se vai dis-

seminando. Não terá Jack Gelber pretendido parafrasear a Bíblia à sua maneira? No princípio era a Maçã dúvida e caos, mas também vida.

Em «A Maçã» o espectador passa por toda uma série de experiências: os actores situam-se no Teatro apenas como pessoas e usam os próprios nomes, embora assumindo personagens imaginadas pelo dramaturgo; a mais calculada improvisação conduz a um estranho surrealismo e, por seu lado, o público é constantemente alvejado, interpelado, atingido. As luzes ofuscantes encandeiam, os rit-

mos alucinantes electrizam, as palavras cortantes, magoam.

Avilez conseguiu na realidade dar à peça de Gelber uma cruzeta e uma ousadia pouco comuns e iluminou e articulou as figuras com verdadeiro artista. Nem um recanto da sala foi esquecido ou desaproveitado. Tudo teve a sua função, o seu papel.

Dos intérpretes assinalaremos a extraordinária criação de Santos Manuel, a lindíssima figura desenhada por Maria do Céu Guerra, a claríssima dicção de Vitor Ribeiro. Esforço gigantesco de todos. Trabalho extenuante para encenador e actores. Bela realização plástica de Espiga Pinto.

No árido panorama teatral deste Verão, «A Maçã» é um fruto vigoroso que mata a sede e dá esperança!

MARIA HELENA DA MESQUITA

HOJE estreia no

cinema VOX



**HELGA**  
O SEGREDO DA MATERNIDADE  
(Versão integral)

FILME EDUCATIVO DE CARACTER DOCUMENTAL CIENTIFICAMENTE ELABORADO

Falado em português Realização de Erich F. Bender  
Protagonista: Ruth Gassmann  
Distribuição de FILMES LUSOMUNDO

EXCLUSIVO FILMES LUSOMUNDO

maiores de 21 anos

### MARCHAS POPULARES NO ESTORIL

As marchas populares da Charneca, da Amoreira e de S. João do Estoril exibem-se no dia 26 do mês corrente, às 22 horas, no Pavilhão da Escola Salesiana do Estoril, dando também a sua colaboração o Rancho Coreográfico de Cascais.

TEATRO

**MONUMENTAL**

Telef. 55 51 33 HOJE, às 20.45 e 23 horas

VASCO MORGADO apresenta a 1.ª revista dos PARODIANTES DE LISBOA

RI-TE, RI-TE

com Camilo, Florbela, Octávio de Matos, Delfina Cruz, Orlando Fernandes, Alice Carla, Mariana Gama e as atracções Luis Guilherme, a orquestra Hy Kdoy e Paula Ribas

UM CORPO DE BAILE INTERNACIONAL

Direcção de Paulo Renato (Para Adultos)

Domingos, à tarde, às 16 horas 2.ª, 3.ª, 4.ª, descanso da Companhia

### COMUNICADO ESPECIAL

Compromissos contratuais anteriormente assumidos forçaram a retirada do cartaz, há algum tempo e em pleno êxito, de um dos mais empolgantes WESTERNS dos últimos anos. É com grande prazer que a Empresa do Politeama e Filmes Castelo Lopes informam o público de Lisboa, que esse fabuloso WESTERN será apresentado a partir de Hoje, em continuação de estreia:

Se deixou «escapar» este filme, não perca esta ocasião excepcional.



UM TUMULTO DE SANGUE, DE POEIRA, DE TIROS

**TEMPO DE MASSACRE**

com

**FRANCO NERO**

O inesquecível DJANGO, arrepiante de frieza e crueldade

GEORGE HILTON · NINO CASTELNUOVO

Realização de LUCIO FULCI EASTMANCOLOR-SCOPE

HOJE, em continuação de estreia no **POLITEAMA**

### FILMES LUSOMUNDO

Tem a honra de poder apresentar, a partir de hoje, nos CINEMAS

TIVOLI - S. JORGE - MUNDIAL - VOX

A VIAGEM

DO PRESIDENTE DO CONSELHO AO BRASIL

Expressiva reportagem a cores, realizada por PERDIGÃO QUEIROGA

REGRESSAM A ALEGRIA E O ENCANTAMENTO!

A PARTIR DE AMANHÃ NO **TIVOLI**

O FILME QUE NUNCA ESQUECE, MAS QUE TODOS QUEREM REVER!

UMA PRODUÇÃO DE RODGERS e HAMMERSTEIN  
ROBERT WISE

**MUSICA NO CORAÇÃO**

JULIE ANDREWS CHRISTOPHER PLUMMER

MAIORES DE 12 ANOS RICHARD HAYDN ELEANOR PARKER





# A TV E A JUVENTUDE

(Continuação da pág. 5)

de saltar barreiras, por qualquer forma...

C. M. — Bem, eu julgo que há a ter em conta vários condicionamentos. A existência de um maior ou menor número de compensações pode diminuir ou aumentar o problema dos reflexos da TV sobre as crianças que a ela têm acesso... Compensações de tempo ocupado em outras diversões de tipo escolar, cultural, familiar, etc... Por exemplo, os meus alunos vêem cinema todos os sábados, na escola. Isso já os distrai do televisor, a que não têm acesso durante a maior parte dos dias, salvo ao domingo...

«Se a educação, hoje, já estivesse devidamente integrada, se existissem os ingredientes áudio-visuais e auditivos necessários e adequados, o problema da televisão era outro, e as crianças defender-se-iam com certeza melhor... Elas pro-

C. F. — ... Conselho técnico esse que deveria ter intervenção sobre a totalidade da programação e não apenas sobre este ou aquele sector, sob pena de acabar por se tornar inoperante, não é?.. Um ou vários conselhos técnicos, mas, sendo vários, estariam sempre nesses representadas pessoas preocupadas por aspectos de educação e pedagogia, para que o trabalho de um dos conselhos não acabasse por inutilizar o de outro, e assim reciprocamente...

M. P. — ... É uma questão de organização racional do trabalho!... Acho mesmo que esse conselho, ou conselhos, se não deveriam limitar a um mero papel consultivo. Deveriam exercer um papel decisivo sobre toda a programação, quer se dirija a crianças, quer a adolescentes, quer aos adultos...

«Em Portugal, aliás, até há um caso muito especial a considerar: a população

clusão que tirei do esboço do inquirido que fiz, que os programas para a adolescência não vão ao encontro daquilo que o adolescente possui e deseja. Atiram-se-lhe programas, positivamente «a ver se pega! Nada há de definido em relação a eles. Ora é necessário que os responsáveis estejam a par das características predominantes do adolescente, das diversas fases desta idade emotiva, do que é ele quer, dos seus anseios, procura e inquietações...

E o mesmo no que se refere às crianças...

C. F. — Talvez concretizar um pouco. É que eu agora surpreendi-me a pensar em quais possam ser os programas para a adolescência que a R. T. P. dá, e assim de repente não me lembro de nenhum...

Padre P. F. — Pois... eu também não! Quer dizer, eu creio que os programas para os adolescentes estão

«Não podemos, por isso mesmo, julgar os vários problemas que se colocam na base de uma ignorância, de uma falta de conhecimentos por parte dos responsáveis... Há muitas vezes programas propositadamente apresentados com fins nem sempre aconselháveis, não é verdade?»

C. F. — Se o Pina me permitisse, eu diria que não há outros! O caso não tem qualquer intervenção! Não me lembro de qualquer programa que não seja um acto deliberado. E, para acutelar certas susceptibilidades, isto não corresponde, de modo algum, a uma responsabilização da R. T. P...

M. P. — Ah, desculpe, mas eu acho que sim!

C. F. — Os programas não são todos feitos na R. T. P...

M. P. — Não, mas são escolhidos pela R. T. P.!

C. F. — ... Até a um certo limite. O espírito da R. T. P. é o espírito de todas as televisões oficiais que nós conhecemos. As séries americanas que nós vemos na TV são deliberadamente assim, sem a menor dúvida!

M. P. — Eu conheço muito pouco a TV e, portanto, não tenho muita autoridade para falar concretamente dela. Mas conheço um pouco melhor a parte do cinema e, no caso do cinema, há provas concretas de que a mentalidade que preside à classificação dos filmes tem como preocupação tudo menos a escolha de programas adequados para as crianças, nem que fosse só sob o ponto de vista de divertimento. Bastaria analisar — e eu não suponho que isto viria a ser aqui abordado, e por isso não a tenho — uma lista de filmes normalmente classificados para maiores de 6 e maiores de 12... E veríamos que não há nenhuma razão pedagógica, educativa, formativa ou estética que tenha presidido a essa classificação...

«Há muitos obstáculos com que contar na abordagem destes problemas que aqui nos retinam... nomeadamente, lutar contra uma acção deliberada de informação que nós reputamos prejudicial...»

C. F. — Eu não vejo, em substância, qualquer diferença de fundo, entre a acção pedagógica e essa luta. Acho que são dois aspectos de uma mesma realidade.



Outro aspecto da assistência à mesa-redonda, nas instalações do nosso jornal, vendo-se em primeiro plano, à direita, José Francisco Nereu e ao fundo, terceiro à esquerda, o dr. Manuel Sá Marques, ambos com participação activa no debate

curam o televisor porque é das poucas coisas que julgam que as permite enriquecer culturalmente, uma vez que o acesso ao cinema lhes está vedado, dada a idade...

«Na situação portuguesa a televisão pode ser fatal, porque é a única coisa que os jovens têm, sobre a qual podem reflectir. E não têm de f e s a s próprias. Estão sempre à espera de uma coisa de que gostem. «Este programa não presta?», espera-se pelo seguinte... Agora vê-se aquilo!... e assim por diante.

«Os programas infantis, duma maneira geral, quando não são simples sofrem, por exemplo, uma crítica negativa na minha escola...

## • A ideia de um conselho técnico de programação

MANUEL PINA — Acho que já aqui se levantaram várias questões e que as temos abandonado sistematicamente. Penso que o que temos que considerar é o caso geral do indivíduo que vê televisão, ou em casa ou num local a que ele tem fácil acesso, fora do quadro da escola, dos programas especiais, de clubes que se possam vir a constituir, etc. Portanto, partir do princípio que ele vê todos os programas de TV. E, sob este aspecto, talvez fosse de encerrar a possibilidade (e a necessidade) da existência, dentro da própria R. T. P., de um conselho técnico de programação, constituído por pessoas com a formação e especialização necessárias para poderem aconselhar a televisão sobre os programas que deveriam ser feitos, sobre os que não deveriam ser feitos e, em certa medida, até sobre a forma por que devêssem ser abordado determinado tipo de assunto...

adulta que em vários pontos do País assiste à TV tem, numa medida considerável, preparação por vezes mais deficiente que a de muitos adolescentes...

## • Que critérios?

Padre P. F. — A televisão é hoje um facto, um acontecimento que nos atinge directamente. E parece-me que nos temos limitado demasiado aos aspectos negativos da questão: «este programa é mau», «aquele corta-se», «agora manda-se o menino deitar», «às 10 horas aparece o anúncio para os meninos irem para a cama», etc... E corremos o risco de assim continuar indefinidamente...

«Seria bom que se reflectisse um pouco sobre o porquê das coisas, para não correr o risco de nos andarmos a enganar.

«Creio que uma das razões pelas quais os programas da televisão não satisfazem é porque não há, talvez, da parte de quem os elabora, um estudo profundo sobre o que é a infância, sobre o que é a adolescência e sobre o que é o adulto. Os programas para os adolescentes, feitos pelos adultos, são vistos pelo prisma dos adultos... Dá-me por vezes a impressão, e foi a con-

simplesmente no catálogo, na revista TV ou coisa parecida, demarcados apenas pelo limite do horário em função da idade: até às 10 horas, para todos, depois das 10, só para cima de certa idade...

C. F. — E o tal critério da menor nocividade, e nada mais... Nem sequer significa que os programas antes das 10 horas possam trazer algum benefício...

M. P. — Acho até que a TV, dado o seu extraordinário poder de penetração, pode ser uma arma perigosa. Há muitos programas que não surgem por mero acaso, antes são deliberadamente feitos para obter determinados fins...

## LICEU - INSTITUTOS

1.º, 2.º e 3.º CICLOS  
2.º CICLO POR SECÇÕES E DISCIPLINAS

CURSOS DE LINGUAS  
Francês \* Inglês \* Alemão

\* ESCOLA SÃO VICENTE:  
— Rua do Paraiso, 28 — Telex 86 59 04

\* EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:  
— Rua Carrilho Vidreira, 10 — Telex 83 46 58  
— Rua Edith Cavelli, 8, 1.º — Telex 82 02 21

CURSOS DE FÉRIAS  
Julho, Agosto e Setembro

## O CONVÉS

### RESTAURANTE-SNACK

**ENCERRADO DE 25 A 31 DE JULHO**

**PARA FÉRIAS DO PESSOAL E REORGANIZAÇÃO**

# NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS  
TODOS OS DIAS  
DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"  
ACESSO LIVRE  
PARA M 21 ANOS

## CARMEN PERINA and THE TRIPLETS

Vedetas filipinas do "music-hall" internacional

---

## MICHEL DE LA VEGA

ilusão, mistério e levitação

---

## LIDIA RIBEIRO

---

## BLUEBELL GIRLS' SHOW

---

## SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto

JIRINA'S COMBO

## FERRER TRINDADE e sua orquestra

---

no grande salão restaurante às 23.30h m/17anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

## CASSANDRA

SÓ NO WONDER BAR

---

No CINEMA, às 21.30 h. M/12 anos

«NINGUÉM FOGE PARA SEMPRE»

## SÁ DE MIRANDA

EXTERNATO LICEAL E PRIMÁRIO

R. ALEXANDRE BRAGA, 17 — TEL.S. 45310 e 537532



# desporto

## MAIS UMA ATRIBUIÇÃO PARA A JÁ TÃO ATRIBULADA D.G.D.: AUTORIZAR A ALTERAÇÃO DE JOGOS DOS «NACIONAIS» DE FUTEBOL

Burocracia a imperar em mais uma entidade oficial. A Direcção-Geral dos Desportos de novo em evidência. O pedido formulado pela coligação Benfica-Sporting-Belenenses (a defesa dos interesses gerais fez estreitar laços demasiado lassos), quanto à antecipação de jogos para o «Nacional», sempre que alguma equipa participante na prova máxima tivesse de disputar vizinho encontro internacional, foi rejeitado.

Este o prólogo da reunião efectuada na sede da Associação de Futebol de Lisboa para o sorteio dos «Nacionais» de futebol. Presidiu à sessão o dr. Matos Correia, tesoureiro da Federação. Tentou explicar o assunto em causa. O seu tom, porém, era pouco audível, em especial para os assistentes instalados nos lugares mais afastados. Valeu, na circunstância, o apoio do seu colega de mesa, dr. Hermano Leite.

Informou o dirigente que a Federação não podia garantir a antecipação de todos os jogos que tivessem o respectivo pedido. Não deixaria, porém, de analisar caso por caso.

O dr. Matos Correia voltou a intervir, explicando o modo a seguir para o processamento da respectiva alteração: pedido formulado pelos clubes à F. P. F., com vinte dias de antecedência, estudo da Federação, consulta à D. G. D.

Discordou-se. Apresentaram-se teses. Conversa. Mais conversa.

### • O Barreiro em foco

Primeiro, pelo representante do Barreirense, a justificar a oposição ao trio B. S. B.: complicações no aspecto desportivo. «Ainda que os nossos jogadores sejam profissionais, alguns estão autorizados a trabalhar. E jogando ao sábado à tarde teremos de indemnizá-los» Concordou com a antecipação sempre que hou-

vesse dois jogos no mesmo dia, da mesma Associação. O visitante seria indemnizado em cinco contos. Isto até à 20.ª jornada.

O delegado do Desportivo da C. U. F., por seu turno, acentuou a dificuldade dos jogadores fabris em actuar de noite. No que se sentem inferiorizados pela deambiantação. Referiu-se ainda ao facto de, financeiramente, as jornadas ao sábado de tarde não serem favoráveis pela permanência de associados nos empregos. (Porquê o vazio habitual do Estádio «Alfredo da Silva» aos domingos?). Em suma, desacordo.

### • Acácio Rosa, na ordem do dia

Em nome da coligação, Acácio Rosa manifestou abalizadas opiniões. No calor que transmite nessas intervenções, o qualificado e esclarecido dirigente «azul» reportou-se à complicação que a própria Federação estava a causar, procedendo de modo diferente ao que

até então se tinha efectuado.

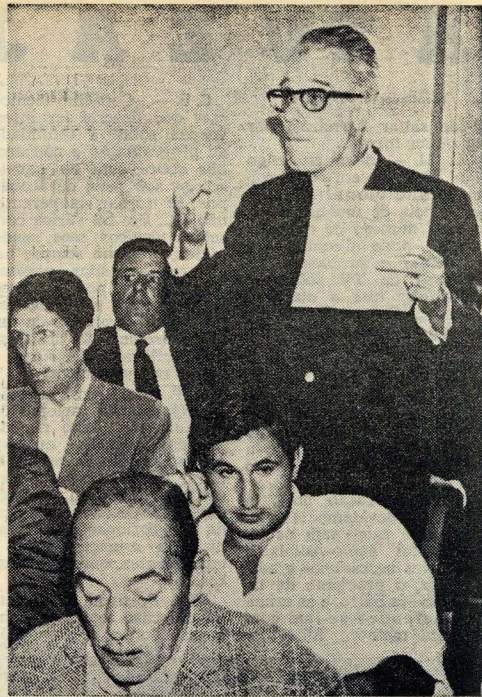
E foi mais longe. Começou a falar no Totobola. Mas tal assunto é «tabu». O dr. Matos Correia interrompeu-o. E só então se justificou a anómala atitude. Sempre a mania de complicar... O dr. Hermano Leite, finalmente, leu um officio emanado da D. G. D. com instruções a esse respeito. O documento, contudo, espraivava-se por curiosas divagações totobolísticas. E o odor que se presentia trestando. Justificado, portanto, todo o imbróglio anterior. Resignação e esperança de que, efectivamente, «na Praça Marquês de Pombal não deixem de atender os pedidos dos clubes», conforme acentuou Acácio Rosa.

### • TV-futebol

Novo assunto. Iniciou-o o delegado do Vitória mineiro. Prosseguiu-o, com clareza, o representante do outro Vitória. Mais uma vez a coligação B. S. B. em acção. Porta-voz: Acácio Rosa.

Com oportunas referências sobre as habituais sessões televisivas — treinos, jogos de «Promessas» e outros encontros de antecipada mediana.

Conclusão: nenhum clube visitado poderá autorizar a transmissão de um jogo pela TV sem o prévio acordo do adversário.



Acácio Rosa quando falava em nome dos três clubes de Lisboa, integrados na I Divisão

## Continuam em ponto morto as negociações Eusébio-Benfica

Como havíamos noticiado, e na tentativa de se arranjar uma plataforma conciliatória, houve, ontem, uma reunião entre Eusébio, Francisco Calado e o dr. Borges Coutinho. Ao que nos dizem, porém, da referida reunião nada de positivo resultou, mantendo-se, assim, as negociações em ponto morto. O dr. Silva Resende, advogado do jogador, não assistiu à reunião, já que a direcção dos «encarnados», entendendo que só Eusébio é seu empregado, não aceita a presença daquele advogado.

Entretanto, o famoso jogador manifesta-se aborrecido e parece disposto a passar uma temporada em Lourenço Marques. Pelo menos, até o Benfica aceitar as suas exigências.

### • Humberto assinou mas Jaime Graça continua em desacordo

Humberto Fernandes renovou o seu contrato com o Benfica por mais uma época.

Entretanto, Jaime Graça continua em desacordo com o clube. Além de 9 contos de ordenado, pede 750 contos por três épocas, enquanto o Benfica contrapõe 600. O caso

deverá ficar resolvido até ao próximo dia 29, data da partida dos «encarnados» para África. Na hipótese, porém, disso não suceder, o jogador não partirá.

## BELENENSES—F. C. PORTO CARTAZ DA JORNADA INICIAL DO «NACIONAL» DA I DIVISÃO

Resultado do sorteio para a jornada inaugural, a disputar no dia 7 de Setembro: Sporting-Sp. Braga, Boavista-V. de Setúbal, C. U. F. - U. Tomar, Académica - Barreirense, Belenenses-F. C. Porto, V. Guimarães-Vazim e Leixões-Benfica.

Refira-se, como curiosidade, o facto de ter pertencido ao Sporting o número um. Ao Benfica, por sua vez, coube-lhe o dois. O catorze pertenceu ao Leixões.

Os eternos rivais encontram-se na sétima jornada, em Alvalade, e os campeões nacionais, tal como há duas épocas, têm o Vazim como derradeiro

adversário e o F. C. Porto como penúltimo.

Por sua vez e relativamente à jornada inaugural, o sorteio designou os seguintes jogos para os «Nacionais» da II Divisão:

Na Zona Norte: Marinhense-Vizela, Salgueiros-Gouveia, U. Lamas-Beira-Mar, Torres Novas-Sp. Espinho, Acad. Viseu-Leça, Farnalção-Tirsense e Penafiel-Sanjoanense.

Na Zona Sul: Torriense-Luso, Montijo-Atlético, Sesimbra-Sp. Farense, Tramagal-Os Leões de Santarém, Oriental-Seixal, Sintrense-Portimonense e Lusitano-Peniche.

### • O Sporting - Sp. Braga deverá ser antecipado

Por da primeira jornada, constar o Belenenses-F. C. Porto, o Sporting oficiou ao Sporting de Braga, propondo a antecipação do seu jogo para sábado, 6 de Setembro.

### NOVO TRIUNFO DE EDDY MERCKX

BRUXELAS, 24 — Eddy Merckx triunfou no critério de Woluwe-Saint-Lambert, perante uma assistência de mais de quinze mil pessoas.

Classificação: 1.º, Eddy Merckx, 85 km em 1 h., 43 m. e 25 s.; 2.º, Roger de Vlaeminck, 10 s.; 3.º, Felice Gimondi, 12 s. — (F. P.).

## JOAQUIM AGOSTINHO PARTIU PARA FRANÇA

Convidado a participar numa série de doze a treze circuitos em França, por cada um dos quais receberá entre 1200 e 1500 francos (sensivelmente entre seis mil e quinhentos e oito mil escudos), partiu, esta manhã, por via aérea, para Paris, o ciclista sportinguista Joaquim Agostinho, a grande revelação do último «Tour».

A primeira daquelas provas efectuar-se-á, ainda esta noite, na capital francesa. No próximo dia 10, Joaquim Agostinho estará em Bruxelas, para disputar o Campeonato do Mundo, devendo regressar, no dia 11, a Lisboa, a fim de se preparar para a Volta a Portugal em Bicicleta.

Joaquim Agostinho disse-nos, à partida, ter recebido uma oferta da Robiallae de 20 mil escudos para participar no seu «Prémio» mas que não poderá aceitar em virtude de compromissos já assumidos, em França.

## MANUELA FRADINHO RAINHA DOS JOGOS LUSO-BRASILEIROS

### • Boa presença dos nadadores portugueses

BELEM DO PARÁ, 24 — A ginasta portuguesa Maria Manuela Fradinho foi eleita «Rainha dos IV Jogos Luso-Brasileiros» pelos jornalistas da Associação de Cronistas e Locutores Desportivos do Pará.

Na base da eleição esteve, afirmam os mesmos jornalistas, o facto de Maria Manuela Fradinho ter reafirmado nos presentes jogos a classe excepcional de que já dera mostras durante os II Jogos Luso-Brasileiros, há quatro anos.

A faixa de «rainha» foi ontem colocada na representante de Portugal pelo governador do Estado do Pará, coronel Alacid Nunes.

Disputaram-se, ontem, as provas de natação, sendo o Brasil representado pela selecção do Pará.

Uma portuguesa Susana Abreu foi a vencedora da prova de 200 metros estilos, com 2 m. e 47.1 s.

Portugal ganhou também a prova de 4 x 100 metros livres com 4 m. e 44.8 s., contra 4 m. e 51 s. do Brasil.

Nos 100 metros bruços femininos, a portuguesa Graça Maia classificou-se em segundo lugar com mais 1.2 segundos do que a vencedora, a bra-

sileira Alice Cristina, que fez 1 minuto e 26.8 segundos.

Os 800 metros masculinos, última prova do dia, terminaram com a vitória do brasileiro Eric Maria Figueiredo, em 11 minutos e 15.8 segundos.

Depois de Belém do Pará, os IV Jogos Luso-Brasileiros decorreram nas cidades de Fortaleza, do Recife, do Salvador, de Vitória, de Belo Horizonte, de Brasília, de São Paulo, de Cabo Frio (caça submarina), no Campo do Jordão (hipismo) e, por fim, na cidade do Rio de Janeiro. — (ANI).

## O ALMADA ISOLADO NO «NACIONAL» DE ANDEBOL

Disputaram-se, ontem, os encontros relativos à terceira jornada do Campeonato Nacional da I Divisão, de andebol de onze, tendo-se registado os seguintes resultados: Belenenses-Almada, 18-19 (9-8 ao intervalo) e F. C. Porto-Padroeiro, 27-15 (11-7).

Classificação: Almada, 6 p.; Belenenses, 4; F. C. Porto, 2; Padroeiro, 0.

Da próxima jornada, que se efectua no sábado, constam os jogos F. C. Porto-Belenenses e Padroeiro-Almada.

Apresentado na  
AGÊNCIA OFICIAL  
**TORRES**  
Joalheiros  
**TISSOT**  
PR 516

Rua Áurea, 253

LISBOA



**INDICE**  
**BORGES & IRMAO**  
COTAÇÃO DAS ACCOES (Base: Dez. 65-100)

	17/7/69	23/7/69	24/7/69
<b>GERAL</b>	129,7	130,4	130,6
<b>METROPOLITANAS</b>	126,5	126,5	126,5
<b>ULTRAMARINAS</b>	153,1	159,3	160,8

# A BOLSA DE LISBOA

**COTAÇÕES DE HOJE**

ACCOES	Efect.	Compra	Venda	FUNDOS DO ESTADO	Efect.	Compra	Venda
Bancos				Cons. 2 3/4 %		525\$	540\$
Agricultura	1280\$	1275\$	1285\$	Cons. 3 %	540\$	—	—
Alentejo	780\$	775\$	785\$	Cons. 3 1/2 %	—	—	—
Angola	—	2580\$	2600\$	Cent. 4 %	—	—	1490\$
Credito Predial	2970\$	2950\$	3000\$	Ob. Tes. 5 % — 1967	1000\$	—	1000\$
Espirito Santo	—	15000\$	—	Ext. 1.ª serie	700\$	—	—
Fonseca & Burnay	—	17000\$	—	Ext. 1.ª serie car.	—	—	—
Lisboa & Açores — p.	7020\$	7020\$	7100\$	Ext. 3.ª serie	—	—	800\$
Nac. Ultramarino — p.	2380\$	2380\$	2400\$	Ext. 3.ª serie car.	—	—	890\$
— cp	—	—	—	Caut. da 3.ª serie	—	—	175\$
Port. do Atlantico	2600\$	2600\$	2620\$				
Porto — n.	—	2950\$	6500\$				
Portugal — n.	3550\$	2550\$	3600\$				
Totta Aliança	6250\$	6260\$	6280\$				
<b>Seguros</b>							
Alentejo	75\$	74\$	75\$				
Bonança	—	—	—				
Mundial	—	500\$	—				
Nacional	—	—	2200\$				
Soberana	—	—	—				
Tranquilidade	—	45000\$	—				
Ultramarina	—	15000\$	30000\$				
<b>Agua, Electricidade e Gas</b>							
Agua de Lisboa — p.	410\$	405\$	—				
Agua de Lisboa 1934	—	—	—				
— d	408\$	407\$	410\$				
Agua de Lisboa 1936	—	390\$	—				
Electricidade das Beiras	1580\$	1580\$	1590\$				
Gas e Electricidade	414\$	413\$	415\$				
H. E. Alto Alentejo	157\$	156\$	157\$				
H. E. Cavado	1265\$	1265\$	—				
H. E. Douro	1245\$	1244\$	1245\$				
H. E. N. de Portugal	—	300\$	310\$				
H. E. S. Estrela	—	—	1750\$				
H. E. Zêzere	1335\$	1332\$	1338\$				
Nac. de Electricidade	—	1311\$	1330\$				
Termoelectrica Port.	1330\$	1320\$	1340\$				
União E. Portuguesa	196\$	196\$	197\$				
<b>C.ª Diversas</b>							
Celulosa do Guadiana	—	—	—				
Cida	7350\$	7320\$	7400\$				
Cimentos Tejo	—	—	6000\$				
Cimentos Leiria	4100\$	4000\$	4200\$				
Empor	—	—	370\$				
F. Ramada	—	1080\$	1100\$				
Fornas Electricas	119\$	118\$	119\$				
Industrial Aliança	—	540\$	545\$				
Industrial Port. e Col.	—	1500\$	1530\$				
Nac. Navegação	3200\$	3180\$	3200\$				
Navegação (Colonial)	980\$	970\$	1000\$				
Nitratos	—	—	—				
Petroquímica	—	—	—				
Port. de Celulosa	4100\$	4080\$	—				
Port. de Pesca	—	1060\$	1100\$				
Sacor	4950\$	4900\$	4970\$				
Siderurgia — p.	1327\$	1325\$	1330\$				
H. S. de Portugal	2920\$	2910\$	2920\$				
Tabacos (Portuguesa)	643\$	641\$	643\$				
Tabacos de Portugal	1200\$	1200\$	1230\$				
Tabaqueira	—	—	—				
União Fabril	—	1220\$	1235\$				
U. F. Azoto	765\$	765\$	773\$				
<b>C.ª Ultramarinas</b>							
Açúcar de Angola	750\$	745\$	750\$				
Ag. Casseque	700\$	695\$	705\$				
Ag. Incomati	—	1800\$	3000\$				
Ag. das Neves	—	—	400\$				
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	250\$	360\$				
Angolana de Agricult.	—	1100\$	1140\$				
Borç	—	—	—				
Borç Comercial	—	—	—				
Buzi	73\$	72\$	74\$				
Cabinda	193\$	191\$	195\$				
Combustiveis do Lobito	820\$	818\$	825\$				
Diamantes de Angola	1815\$	1805\$	1810\$				
H. S. de Portugal	—	—	640\$				
Iha do Príncipe	—	—	950\$				
Mocambique	—	1185\$	120\$				
Sonete — d.	361\$	361\$	362\$				
Zambézia	76\$	76\$	76\$				

**COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS**

NOTAS	Compra	Venda	OURO	Compra	Venda
Africa Sul — Rand	35\$00	37\$50	Alemanha — 20 marcos	470\$00	520\$00
Alemanha — Marco	7\$05	7\$30	América — 5 dólares	—	—
América — Dolares	—	—	Cab. mulher	1350\$00	1550\$00
de 1 e 2	28\$15	28\$55	5 dólares	—	—
de 5 a 1000	28\$35	28\$75	Cab. Indio	1900\$00	2200\$00
Argentina — Peso	\$06	\$09	10 dólares	—	—
Austria — Schilling	1\$08	1\$15	Cab. mulher	1350\$00	1550\$00
Bélgica — Franco	\$52	\$55	10 dólares	—	—
Brasil — Cruz. novo	5\$50	7\$50	20 dólares	1900\$00	2200\$00
Canada — Dólar	26\$10	26\$60	Cab. Indio	1900\$00	2200\$00
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$00	20 dólares	1850\$00	2100\$00
Espanha — Peseta	\$402	\$417	Bélgica — 20 francos	390\$00	430\$00
Francia — Franco	5\$40	5\$80	Francia — 20 francos	390\$00	430\$00
Holanda — Florim	7\$75	8\$00	Holanda — 10 florins	390\$00	430\$00
Inglaterra — Libra	67\$20	69\$20	Inglaterra — Libra isobel	317\$00	332\$00
Itália — Lira	\$0445	\$0465	Libra Antiga	345\$00	365\$00
Marrócos — Dirham	4\$75	\$525	1/2 libra	255\$00	275\$00
Noruega — Coroa	3\$90	4\$20	Itália — 20 liras	390\$00	430\$00
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70	México — 50 pesos	1900\$00	2050\$00
Suiza — Franco	6\$55	6\$75	Portugal — M. de 2000	600\$00	800\$00
			M. de 5000	1350\$00	1600\$00
			M. de 10000	2900\$00	3300\$00
			Barra fina	385\$00	400\$00
			Suiza — 20 francos	390\$00	430\$00

Obs.: Todas as operações de venda são cativas do imposto de transacções (1,5 por mil)

**HOMENAGEM EM FARO AO CORONEL PIRES VIEGAS**

FARO, 24 — Val ser erigido nesta cidade, numa praça já designada para esse efeito, um monumento à memória do coronel Pires Viegas, combatente das campanhas da pacificação no sul de Angola, em 1914/15.

Concretiza assim o Município um voto expresso no Conselho Municipal, e espera-se que a inauguração se verifique até fins do ano corrente.

O bronze a figurar no monumento é da autoria da escultora D. Maria Emilia de Sousa Praes Ramires Fernandes.

**AMBULANCIA PARA OS VOLUNTARIOS**

A benemérita Corporação dos Bombeiros Voluntários desta cidade adquiriu uma moderníssima ambulância, dotada de todos os requisitos necessários para a sua prestimosa acção.

**O ESTADO DO TEMPO**

**SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE** — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado, o vento era fraco e havia neblina em alguns locais, do litoral para norte do cabo Carvoeiro.

**AMANHA** — Céu pouco nublado ou limpo, vento geralmente fraco; nevoeiro ou neblina no litoral a oeste, para norte do cabo do Tejo.

**SOL** — Amanhã — Nascer: 6.32; ocaso: 20.54.

**FASES DA LUA** — Dia 29: Lua cheia. Dia 5 de Agosto: Quarto minguante.

**MARÉS** — Preta-mar — Amanhã: 0.06 (3,3 m); 12.53 (3,5 m). Dia 26: 1.26 (3,5 m); 14.00 (3,7 m). Dia 27: 2.32 (3,6 m); 15.00 (3,9 m).

**Baixa-mar** — Amanhã: 6.17 (1,5 m); 18.57 (1,4 m). Dia 26: 7.20 (1,3 m); 20.00 (1,2 m). Dia 27: 8.20 (1,2 m); 20.56 (1,1 m).

**TEMPERATURAS DO AR, AS 9 HORAS DE HOJE** — Lisboa, 21°; Porto, 19°; Coimbra, 19°; Penha Dourada, 22°; Portalegre, 23°; Faro, 27°; Funchal, 25°.

**TEMPERATURAS NA COSTA DO SOL, AS 9 HORAS DE HOJE** — Na água do mar, 20°; na atmosfera, 22°.

**PREVISÃO GERAL ATE AS 24 HORAS DE**

# A AQUISIÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS

(Continuação da pág. 2)

do Acordo Cultural em vigor.

A subcomissão sugere: que os órgãos de classe representativos dos editores

de livros do Brasil e de Portugal recomendem aos seus associados, sempre que possível, co-edições com editores do outro país, daquelas obras de autores nacionais

de que detenham os direitos, ou, quando a co-edição não seja viável, se disponham a subceder, em condições equitativas, os direitos de edição para esse país e que o Governo de cada uma das partes contratantes proceda à distribuição permanente das obras dos autores seus nacionais, e, bem assim, de bibliografias, as bibliotecas públicas e universitárias do outro país.

Considerando o grande interesse para a cultura de ambos os países, que resulta da divulgação das traduções de obras literárias, científicas e técnicas; a subcomissão sugere: que os órgãos de classe dos editores de livros do Brasil e de Portugal recomendem aos seus associados, sempre que haja mútuo interesse, co-edições daquelas obras em que o editor de um dos países tenha adquirido os direitos para a área da língua portuguesa, ou, quando a co-edição não seja viável, se disponham a subceder, em condições equitativas, os direitos de edição de tais obras para o outro país.

Considerando que se impõe a preservação da área linguística portuguesa; a subcomissão sugere: que as partes contratantes estabeleçam medidas que desestimulem a importação de livros signatários, de edições em língua portuguesa, que não sejam de autores nacionais, publicadas em países de outro idioma e que não tenham sido editadas ou co-editadas por editor português ou brasileiro.

Considerando os benefícios gerais e comuns decorrentes da uniformização da terminologia utilizada na publicação de obras de carácter científico e técnico; a subcomissão sugere: que as partes contratantes promovam a reunião dos representantes dos órgãos de classe dos editores de livros de ambos os países, sempre que a Comissão Mista se reúna.

Diz, ainda, a circular remetida pelo Grémio aos seus associados que «todas estas considerações e sugestões foram aprovadas e incluídas sem qualquer alteração no texto do comunicado final da I Reunião da Comissão Mista do Acordo Cultural Luso-Brasileiro», recomendando a todos os seus agremiados a adopção das sugestões aprovadas.

# NECROLOGIA


**FALECIMENTOS**

**Dr. Panduranga Pissurrenlar**  
Com 75 anos, faleceu em Pangim, Estado da Índia Portuguesa, o escritor e investiga-

dor dr. Panduranga Pissurrenlar.

Nascido em Goa, a 30 de Maio de 1894, o dr. Panduranga Sacarama Sinal Pissurrenlar cursou o Liceu Nacional de Goa e a Escola Normal da mesma cidade, onde fez exame para advogado do provisionário. Foi arquivista-geral do Arquivo Histórico da Índia, chefe da secretaria da repartição do Gabinete, secretário do Conselho de Governo do Estado da Índia e vogal do Conselho de Instrução Pública. Representou o Governo da Índia Portuguesa nos Congressos Históricos de Puném, em 1935, e de Hiderabade, em 1941. O dr. Panduranga Pissurrenlar, que foi deputado à Assembleia Nacional, era sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa; sócio efectivo do Instituto Vasco da Gama, de Goa; académico correspondente da Academia Portuguesa da História e vogal do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. Desempenhou ainda o importante cargo de director do Arquivo Histórico de Goa. Em 1958, recebeu as insignias de doutor honoris causa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Deixou numerosos trabalhos de investigação histórica, relacionados na maioria, com o Estado da Índia Portuguesa.



**EDUARDO FERNANDES**  
**TOMAZ DE ARAÚJO SÁ**  
**CARNEIRO DE FIGUEIREDO**

Victima de um brutal acidente de automóvel ocorrido em Lisboa, na madrugada do passado dia 20, faleceu o sr. Eduardo Fernandes Tomaz de Araújo Sá Carneiro de Figueiredo, de 23 anos, natural do Porto, onde residia, casado com D. Maria Emilia Muacho da Luz e pai de uma menina de 15 meses. O extinto era filho do dr. José Sá Carneiro de Figueiredo, presidente do conselho distrital da Ordem dos Advogados do Porto e da dr.ª Maria Laura Fernandes Tomaz de Araújo de Figueiredo, professora da Faculdade de Letras da referida cidade, e irmão dos sr. dr. Pedro Araújo Sá Carneiro de Figueiredo, assistente da mesma Faculdade, do arquitecto Ricardo Araújo Sá Carneiro de Figueiredo, casado com D. Anabela Damas Mora Barreto Magalhães de Figueiredo e das sr.ªs dr.ª Maria Clara Araújo Sá Carneiro de Figueiredo, professora da Escola Preparatória Gomes Teixeira, D. Maria Margarida Araújo Sá Carneiro de Figueiredo, estudante universitária e D. Maria Daniela Araújo Sá Carneiro de Figueiredo, funcionária do Banco Português do Atlântico, e genro do sr. Fernando Viegas da Luz e cunhado da sr.ª D. Maria de Fátima Muacho da Luz e do sr. Alberto Muacho da Luz.

**Augusto de Jesus Cunha Farinha**  
Faleceu ontem o sr. Augusto de Jesus Cunha Farinha, de 66 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Alzira Marques Farinha. O funeral, a cargo da Agência Rodrigues, saí amanhã, às 10 horas, da igreja da Pena para o cemitério do Alto de S. João.

**FALECERAM:**  
Augusto dos Santos Reisinho, de 45 anos, casado com a sr.ª D. Júlia Nunes Reisinho, natural de Mora. O funeral, a cargo da Agência Mega, efectuou-se hoje para o cemitério do Monte de Caparica.

**AGÊNCIA MARTINS**  
FUNERAIS  
(Possuidora da Catedral Rolante)  
Telefa. 57528 - 553352  
RUA DO SACO, 42 — LISBOA



**2.ª EDIÇÃO**

PÁGINA DO FECHO

# NA BAIXA DA BANHEIRA

# VINTE MIL PESSOAS SEM ÁGUA DURANTE 35 HORAS

**ÁRVORE CLASSIFICADA DE INTERESSE PÚBLICO**

A Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas — Serviço de Inspeção de Caça e Pesca classificou de interesse público uma árvore denominada «Pinus pinea L.» (pinheiro-manso), situada na propriedade pertencente ao professor António Maria Júnior, em Santo António dos Olivais, concelho de Coimbra.

## TOMA POSSE (NO DIA 30) O NOVO PRESIDENTE DA CÂMARA DE ALMADA

No próximo dia 30, o governador civil de Setúbal, dr. José Cardoso Ferreira, confere posse do cargo de presidente da Câmara Municipal de Almada ao dr. Serafim de Jesus Silveira Júnior, para preenchimento da vaga deixada pelo falecimento do dr. Glória Pacheco.

A cerimónia, que decorre no Governo Civil de Setúbal, está marcada para as 18 e 30 daquele dia.

Uma avaria nas bombas que puxam a água para o reservatório da Baixa da Banheira obrigou cerca de vinte mil pessoas a adoptar as mais variadas medidas de emergência. Eram 15 horas da passada segunda-feira quando as torneiras das habitações da Baixa da Banheira deixaram de deixar água, situação que se manteve até ontem. A crise, com uma duração de 35 horas, originou uma autêntica romagem para o Barreiro e Lavradio, em busca do precioso líquido.

**Situação difícil**

Por razões ainda desconhecidas, não foi logo solicitado o auxílio das três corporações de bombeiros que existem num raio de pouco mais de três quilómetros. Entretanto, a Câmara Municipal da Moita, responsável pelo abastecimento de água à Baixa da Banheira, conseguiu fazer substituir

as bombas avariadas. Porém, a situação não se pode considerar já normalizada.

De acordo com informações dignas de crédito, a população da Baixa da Banheira está habituada às interrupções no abastecimento de água. Tais interrupções, muitas vezes motivadas pelas ligações a obras em curso, surgem inesperadamente, sem qualquer aviso prévio à população.

A falta de água durou 35 horas. Um grande número de pessoas mostra-se surpreendido pelo facto de os responsáveis não terem esboçado o mais pequeno gesto para acudir à crise, promovendo o funcionamento dos autotanques das corporações dos bombeiros da Moita ou do Barreiro.

Esta manhã, o comandante da Corporação de Bombeiros do Barreiro, declarou:

— Não foi pedido qualquer auxílio pelas entidades oficiais. Atendemos apenas a um pedido de alguns dos nossos bombeiros que vivem na Baixa da Banheira.

Efectivamente, um pronto-socorro do Barreiro foi deslocado na tarde de ontem para a Baixa da Banheira, transportando água destinada às residências de alguns elementos da corporação. Uma grande parte daquela água foi também aproveitada por particulares.

As dificuldades encontradas com a substituição das bombas prolongaram a duração da crise. Segundo estes informados, foi difícil encontrar bombas do mesmo tipo daquelas que garantiam a presença do precioso líquido no reservatório da Baixa da Banheira, instaladas no lugar de Vinho das Pedras, na freguesia de Alhos Vedros.

Comentando a falta de água, o sr. Brito Palma, secretário da Junta de Freguesia da Baixa da Banheira, afirmou:

— Julgo que a situação está resolvida. Embora não tenha conhecimento directo, a crise foi sanada com umas bombas que foram buscar a Faro.

Aquela fonte de informações declarou desconhecer qualquer pedido de auxílio às corporações de bombeiros vizinhos.

A água voltou à Baixa da

Banheira, mas a população, prevendo o pior, continua a encher todas as vasilhas disponíveis. As donas de casa entregavam-se, esta manhã, à lavagem de grandes quantidades de roupas e louças.



Aspecto da Baixa da Banheira, localidade que viu ceder espectacularmente uma das suas principais infra-estruturas: o abastecimento de água

**CAMPO PEQUENO** M/6 anos

HOJE, AS 22 HORAS

**7.ª corrida TV**

**PACO CAMINO**

**JOSÉ FALÇÃO**

COM 4 TOIROS DE CUNHAL PATRÍCIO, A GANADARIA TRIUNFADORA DAS PRINCIPAIS FEIRAS DE ESPANHA

CAVALEIROS

**MANUEL CONDE**

**FREDERICO CUNHA**

COM 4 TOIROS DOS HERD.º DE D. DIOGO PASSANHA (QUINTA DE S. PEDRO)

**FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM**

COMANDADOS POR JOSÉ MANUEL SOUTO BARREIROS

TELEFS.: 77 18 19 - 76 15 39 - 32 17 13 - 3 07 69

Instituto Superior de Línguas e Administração

ESCOLA SUPERIOR DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO (reconhecida oficialmente para fins militares e provimento de cargos públicos)

FORMAÇÃO DE TÉCNICOS DE ADMINISTRAÇÃO E PSICOLOGIA INDUSTRIAL

Habilitação mínima: 7.º ano dos Liceus ou equivalente

Aulas das 20 às 24 horas

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO

Pedidos de folhetos e informações para a Rua do Sacramento à Lapa, 16 - Telefs. 676395 - 673766

# RUTH GASSMANN

## — A intérprete de «Helga» falou aos jornalistas

Ruth Gassman, intérprete de «Helga — o Segredo da Maternidade», esteve hoje de novo perante os representantes dos órgãos da Informação, no decurso duma conferência de imprensa que decorreu esta manhã no Hotel Tivoli, onde a bela e, sobretudo, inteligente e culta actriz alemã se encontra hospedada.

Evitando quaisquer atitudes de «pose» que a pudessem confundir com vedeta, a «clean Helga» (assim lhe chamam os jovens do seu país) dispôs-se, sem quaisquer formalismos, a responder às perguntas dos repórteres, tendo começado, todavia,

por traçar um breve esboço autobiográfico em que resumiu toda uma vida normal duma mulher do nosso tempo.

Filha duma professora de Educação Física e dum funcionário da Câmara de Comércio de Munich, Ruth desde cedo começou a praticar desporto, enveredando posteriormente pelo «bal-let».

Enquanto frequentava o liceu e, mais tarde, a Universidade, fez teatro, interpretando Shakespeare, do qual desempenhou as personagens de «Ofélia» e «Julietta». Entretanto casou com um jovem físico nuclear, tendo então começado a trabalhar em filmes publicitários e a estudar canto, a fim de contribuir para o «orçamento doméstico». Tendo seu marido sido convidado para ir trabalhar para os Estados Unidos como bolseiro, Ruth acompanhou-o, servindo-se então do canto como meio de vida. Actuou em diversos programas de televisão e gravou discos de música clássica.

### • O convite para «Helga»

Foi no regresso à Alemanha que o realizador Erich F. Bender, aliás, formado em Medicina, a convidou para protagonista do filme que hoje começa a exhibir-se em Lisboa: «Helga — o Segredo da Maternidade», uma obra de carácter essencialmente educativo.

— Não aceitei o papel — esclareceu Ruth Gassman — sem, antes, ter mostrado o argumento a meu marido,

a fim de conhecer a sua opinião, que, aliás, foi francamente positiva. E fi-lo — continuou Ruth — porque não estou de acordo que uma mulher exhiba o corpo, a não ser quando isso tenha utilidade. Ora, era este o caso.

Depois de ter esclarecido que hoje a sua principal paixão é o canto, embora já tenha feito dois novos filmes depois de «Helga», interrompemos Ruth a fim de conhecer a sua opinião sobre determinados pormenores.

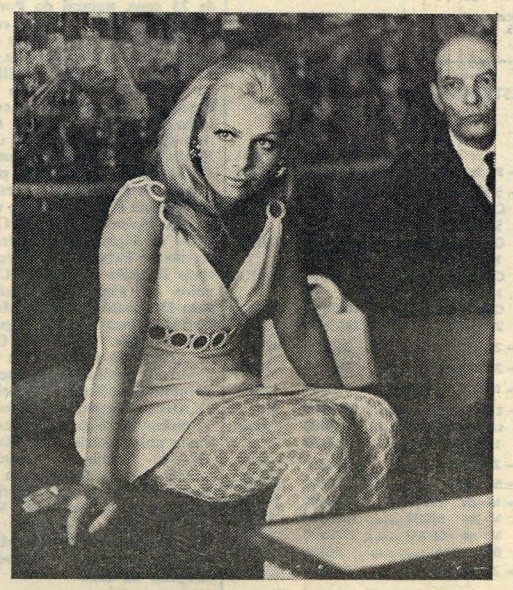
— Durante muitos anos o corpo foi considerado uma coisa vergonhosa — respondeu-nos a lúcida actriz. — Hoje essa concepção está posta de parte.

Tendo, entretanto, informado que «Helga», fora patrocinado pelas autoridades sanitárias alemãs, Ruth Gassman declarou, a respeito do papel da mãe na educação dos filhos.

— Acho que até aos 3 anos a mãe deve acompanhar intimamente os filhos. No entanto, como entendo ser necessário que a mulher não abdique da sua vida profissional, penso que nesse período lhe deveriam ser facultados empregos em regime de «part-time».

Perguntámos a Ruth se a maternidade constitui, de qualquer modo, um obstáculo à emancipação da mulher.

— Pessoalmente tenho dois filhos e gostaria de ter cinco. Mas reconheço que, para além de 3 filhos, é impossível à mulher desenvolver uma actividade profissional...



Ruth Gassmann enfrenta a Imprensa... António Lopes Ribeiro traduz...



# ECONOMIA & TÉCNICA

## O Estado e a realidade das empresas privadas

função que os organismos de coordenação económica exercem e os objectivos que prosseguem conferem-lhe títulos suficientes para legitimamente se integrar na esfera estadual». E este é apenas um exemplo da interligação existente da actividade privada e pública.

Como seria possível aquele privilégio, de entregar às empresas privadas os homens mais aptos, se toda uma orgânica foi criada exactamente no sentido de proporcionar aquelas empresas os meios que lhes permitam uma fácil realização da sua função económica, havendo o diálogo entre interlocutores, colocados em pé de igualdade, como se lê naquela referida comunicação: «Conferida às corporações portu-

(Continua na pág. 2)

por A. Sebastião Gonçalves

Conversava-se outro dia sobre problemas sem nexos, numa conversa sem responsabilidade. Eis senão quando, houve uma afirmação

departamentos em que o ambiente é de trabalho inerente à noção de responsabilidade que têm os seus membros, seja a nível esta-

comunicações apresentadas a um congresso realizado em Lisboa, em 1956. Como aquele grande industrial — homem prático e feito à sua custa — ignorava a vastidão de conceitos em que tanta gente colaborou, conceitos que foram apresentados como fundamentos na orgânica económica nacional e que se afirmam, de há muito, sido trazidos para a prática.

Que seria das indústrias e do comércio se não hou-

vesse todo um conjunto de serviços estatais que planeiam, que executam a preparação das vias por onde há-de caminhar a actividade privada, como preparam as estradas por onde os transportes circulam?

Que seria da indústria e do comércio se aqueles departamentos não estivessem entregues a pessoas válidas, conscientes dos seus deveres, que se entregam totalmente à sua função, abnegadamente, sem

outras preocupações que não sejam as de atender às necessidades de uma actividade económica evoluída, dinâmica, sem outros afazeres remunerados que não sejam os da sua própria função?

Aliás, nem é hoje assim tão nítida a separação da actividade estatal da actividade económica privada, e o industrial meu amigo sabê-lo-ia, se tivesse lido o que numa das comunicações foi afirmado: «A

que acendeu o interesse, e apareceram, solícitas, vozes a esclarecer aquele que assim afirmara, pois denotava desconhecimento da grandeza da função actualmente atribuída ao Estado.

A afirmação veio de um grande industrial que, referindo-se a um dos presentes, disse mais ou menos o seguinte: «Que pena Você, com as qualidades que tem, estar a prestar serviço num departamento do Estado. Você facilmente teria uma bela situação na actividade privada, que precisa tanto de gente capaz e tanta falta dela tem».

E daqui resultou o esclarecimento de aspectos curiosos do problema, um pouco ao correr da imaginação, mas mais ou menos sob os seguintes pontos:

1.º — Se podem, e devem, compartimentar-se as actividades pública e privada, chegando a viver como que em mundos separados;

2.º — Se a actividade pública ou para-pública não são da actividade privada, numa espécie de sector de segunda ordem, onde pouco conta a preocupação de maior produtividade e de maior rentabilidade;

3.º — Se a actividade pública ou para-pública não será hoje o ponto de apoio na formação da orgânica da actividade económica privada, fornecendo-lhe os homens preparados nas escolas; fornecendo-lhe as infra-estruturas nas grandes obras para a produção de energia e preparação das terras e toda uma estrutura de crédito em que se apoia o desenvolvimento económico; fornecendo-lhe, enfim, todo um clima actante de relações económicas, a nível nacional e a nível internacional, criando os departamentos técnicos para o comércio, para a indústria e para a agricultura, encabeçados por pessoas escolhidas de entre as mais aptas, sem outra ordem de preocupações que não seja a técnica, sem favores, sem pessoalismos,

tal, seja a nível corporativo ou paracorporativo.

E eu deixei a conversa, lembrando-me do que pouco antes tinha relido em

## Situação habitacional portuguesa

*A Imprensa diária deu largo relato do que se passou no colóquio sobre política de habitação. Frequentemente, esse relato abrangeu abundante matéria do maior interesse. Embora «A Capital» tenha acompanhado esse acontecimento com toda a atenção e procure, noutro local, estabelecer um balanço dos resultados do colóquio, através de depoimentos de pessoas interessadas no problema, parece-nos interessante recapitular aqui o que se passou, seleccionando o que julgamos mais importante.*

*A selecção que fizemos — e a maneira como a apresentamos — é forçosamente pessoal e parcial: não seguimos a ordem das sessões nem registamos todas as opiniões que foram proferidas sobre os assuntos mais candentes. Mas julgamos estar aqui o essencial: o diagnóstico da crise habitacional, a casa e a integração na cultura, as causas da crise, os problemas do financiamento da habitação e algumas propostas de solução.*

### (I) DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO ACTUAL

A situação habitacional do País foi autopsiada com um rigor e um realismo que há muito não se viam em realizações públicas.

«Deficit» habitacional — O número de 500 000 fogos, representativo do «deficit» de 1960, pode ainda aceitar-se para 1969, embora seja quase certo que a situação se agravou nestes últimos nove anos.

São por de mais conhecidas as consequências funestas, sob o ponto de vista moral e social, do problema da habitação, com a proliferação de barracas, ilhas bairros de lata, e a promiscuidade que resulta da ocupação por várias famílias de um mesmo fogo.»

(Eng. Virgílio Preto)

Desigualdade — «92 por cento da construção são dirigidos, no nosso País, apenas a 10 por cento da população.»

(Eng. Gastão Ricou)

Bairros de lata — «Este é o grande escândalo do nosso tempo: a quarta parte da população de Lisboa encontra-se alojada em barracas e partes de casa, sem o conforto de uma verdadeira habitação.»

(Dr. António Gonçalves Rodrigues)

Anarquia urbanística — «No estrangeiro, é já apontado como exemplo de destruição urbanística o caso de Lisboa — vítima de constante especulação no domínio do solo. Isto enquanto

outras cidades, tais como Varsóvia, procuram valorizar o seu património urbano.»

(Arq. Vasco Lobo)

Apontando no mesmo sentido, o sr. Vítor Silva, presidente da Câmara Municipal da Moita do Ribatejo, focou um caso concreto — mas típico — da anarquia urbanística: a Baixa da Banheira. Há três décadas, mercê de autoconstrução sem qualquer orientação dos poderes públicos.

«O pior é que o caso da Baixa da Banheira não serviu para alertar os responsáveis e eu continuo a ter mais «Baixas da Banheira» em embrião.»

As razões: a especulação provocada pelo loteamento ilegal de terrenos, que só beneficia os especuladores e deixa «frente a frente, numa luta tremenda, como num jogo de polícia e ladrões, as autarquias locais e os des-

### (II) HABITAÇÃO E SOCIEDADE

As casas não servem — ou não devem servir — apenas de refeitório e dormitório: devem poder proporcionar o desenvolvimento cultural e humano dos que nela habitam.

Para isso têm que integrar o homem numa comunidade cultural — significa isto que todas as casas devem ter perto de si os equipamentos culturais indispensáveis: bibliotecas, escolas, liceus, pis-

protegidos que compraram esses lotes de terreno.»

Habitação rural — A habitação rural foi a grande esquecida do colóquio. Fizeram-se-lhe algumas referências (o arq. Nuno Teotónio Pereira, o dr. Alves Caetano), mas não se fez um diagnóstico global da situação.

O pouco que se disse confirma a ideia geral que temos: excepto em algumas regiões não há uma falta de habitações; mas as casas existentes não têm os confortos mínimos que hoje exigimos.

Falta de uma política habitacional — «Não se devem responsabilizar as pressões demográficas e os movimentos migratórios para os centros principais, pelo caos existente, mas, sim, os sistemas económicos em que tais fenómenos se processam. Responsáveis são, também, a incapacidade de estruturar uma política de habitação e o necessário suporte físico de uma política de solos.»

(Arq. Vasco Lobo)

cinas, teatros, parques de jogos, cinemas, livrarias, galerias para exposições, etc.

A ausência destes equipamentos culturais, foi também assinalada, embora não lhe tivesse sido dado o relevo necessário:

Isolamento cultural — «O que se tem feito, neste sector, com a construção de bairros de habitação económica, é criar zonas absoluta-

mente estanques, sob o ponto de vista social.»

(Dr. António Alves Caetano)

Equipamento para crianças — «A sr.ª D. Maria Raquel Ribeiro pôs em relevo a ausência de equipamento para crianças até aos 7 anos, afirmando que essa falta acaba por ser a grande culpa da impreparação das crianças que chegam à escola desadaptadas — e daí as grandes percentagens de repetências nas primeiras classes do ensino primário.

As populações mais carenciadas não precisam de bairros isolados, mas sim de possibilidades de acesso à cul-

### (III) AS CAUSAS DA CRISE

Quais as razões que levaram a esta situação de crise?

Uma resposta fácil é esta: «não existe uma política habitacional, logo há crise». A resposta é verdadeira, mas pode perguntar-se de novo: «sem que pontos devia incidir essa política?»

Identificar as causas da crise é, pois, lançar os fundamentos para a elaboração de uma política: esta a fun-

ção, que daí tudo virá por acréscimo.

Transportes — O dr. Figueiredo Sequeira e o industrial J. Pimenta apontaram a necessidade de os transportes serem fáceis e baratos. O dr. Figueiredo Sequeira pôs em relação as políticas de habitação e transportes colocando a questão de serem demasiado oneradas pelos municípios as tarifas dos transportes públicos o que — afinal — acaba por redundar em prejuízo dos utentes, e público em geral.

Sem transportes fáceis não há casas boas: isto é, não se pode realizar uma integração cultural conveniente.

ção do Colóquio (mas analisar as causas não basta: depois é preciso querer aplicar o diagnóstico).

As causas principais da crise da casa parecem ser as seguintes: o circuito especulativo, a ineficácia das empresas de construção civil, a descoordenação administrativa e, em certa medida, o financiamento.

### (IV) O CIRCUITO ESPECULATIVO

A especulação domina todo o processo habitacional, desde a compra dos terrenos até à entrega da chave.

Especulação nos terrenos — A especulação começa, evidentemente, pelos terrenos:

«A não existência de uma política de terrenos faz com que neste sector haja uma desenfreada especulação de particulares e autarquias.»

(Eng. Virgílio Preto)

Como vender casas é um grande negócio, há uma verdadeira corrida aos terrenos para construção. Esta corrida faz aumentar ainda mais os preços de venda. Gera-se um círculo vicioso no senti-

do da alta dos preços: como os terrenos são cada vez mais caros, as casas (as vendas aumentam); mas como o negócio continua lucrativo, a procura de terrenos aumenta — para casas mais caras.

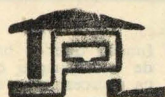
Os municípios pouco fazem para pôr termo a esta especulação, pois beneficiam dela, na medida em que vendem mais caros os terrenos de que são proprietários.

Especulação no financiamento — «Para financiamento dos seus empreendimentos o sector privado socorre-se dos seus próprios capitais e, na maioria dos casos, do crédito hipotecário (a ju-

(Continua na pág. 8)



# NOVA MODALIDADE EM APARTAMENTOS MOBILADOS



só em **J. PIMENTA, S. A. R. L.**

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187\$50 MENSAIS, GARANTIDOS POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS

Administrando directamente pode obter um rendimento mensal de 1.437\$50 (superior a 9%)

## PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

130.000\$00	—	210.000\$00
140.000\$00	—	230.000\$00
155.000\$00	—	240.000\$00
160.000\$00	—	250.000\$00
170.000\$00	—	270.000\$00
180.000\$00	—	280.000\$00
190.000\$00	—	300.000\$00
200.000\$00	—	340.000\$00

## PREÇO DOS ANDARES

3 ASSOALHADAS	220 000\$00
4	» 280 000\$00
5	» 380 000\$00
6	» 440 000\$00
7	» 600 000\$00

## LOCAIS ONDE POSSUÍMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA — AMADORA; CENTRO DA AMADORA; VENDA NOVA — AMADORA (JUNTO A GARAGEM EDUARDO JORGE); PAÇO DE ARCOS (ESPARGAL) — PAREDE (RUA DO LOBITO A QUINTA DO JUNQUEIRO) E CASCAIS

## MORADIAS LUXUOSAS

9 DIVISÕES ASSOALHADAS, 3 CASAS DE BANHO, COZINHA, GARAGEM, QUINTAL E JARDIM.

MAGNIFICA VISTA DE MAR E SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO EM PAÇO D'ARCOS.

### EM CASCAIS:

Apartamentos Mobilados de 300 a 500 contos  
Andares de 3 a 6 assoalhadas de 400 a 800 contos

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

ESCRITÓRIOS: LISBOA — Rua Conde Redondo, 53-4.\* Esq. — Telef. 45843 e 47843; QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 - 95 20 22; AMADORA — Reboleira — Telefone 93 36 70

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO, ESTUDANDO, DECORANDO E VENDENDO AS SUAS PROPRIEDADES

### MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:

#### AZULEJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas. Loças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, novidades em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins, encontra V. Ex.\* aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

# O Estado e a realidade das empresas privadas

(Continuação da pág. 1)

guesas a categoria jurídica de pessoas colectivas de direito público — e nisso reside um dos seus traços característicos — ter-se-á que considerar, como já se disse, a existência de um interlocutor qualificado posto em face do exercício do poder político do Estado».

Vê-se bem como seria in-

compreensível que só um dos interlocutores estivesse apetrechado em pessoal de nível. E, aliás a fusão de interesses dos organismos estatais e privados afirma-se tão grande que nem pode, com precisão, conhecer-se os limites de cada um deles, demais dada a forma por que estão representados estes últimos. Mas parece que aquele

grande industrial não sentia essa comunhão, e continuava vendo só na empresa privada a necessidade de existir pessoal de elevada capacidade de trabalho. Ele não tinha, decerto, vivido a grandeza do problema de que aquela comunicação nos dá conta, e parecia mesmo estar alheio à «tendência para considerar os organismos de coor-

denação os grandes motores da consciência corporativa ao serviço do interesse geral». Aquele grande industrial parecia não conhecer quanto de importante foi dito naquele congresso realizado em 1956; quanta responsabilidade se atribuiu ao Estado no sistema corporativo e, portanto, de quanta qualidade se têm de rodear os seus elementos

directivos, nos vários portadores que o sistema comporta; veja-se o que noutra comunicação é dito — uma comunicação intitulada «O Estado, a Economia e a Corporação»: «O Estado moderno intervém: 1— Planificando a produção; 2— Programando o investimento público e orientando o investimento privado, com vista ao aumento de riqueza e do bem-estar social; 3— Através do sistema tributário, favorecendo uma melhor e mais equitativa distribuição do rendimento nacional; 4— substituindo-se, transitóriamente, à iniciativa privada, quando esta se revela insuficiente ou ineficaz; 5— Controlando os mecanismos económicos e financeiros, para assegurar a suficiência do abastecimento, a melhor distribuição, o justo preço, o nível dos salários e o equilíbrio geral da economia».

Eu fiquei pensando como as realidades não eram vistas pelo meu amigo industrial em concordância com os pontos da doutrina. Ele só via inércia e irresponsabilidade fora das empresas. Não via que os organismos corporativos e de coordenação económica colaboram com os do Estado — sejam de Educação, de Economia, de Finanças, de Transportes — na preparação das condições que

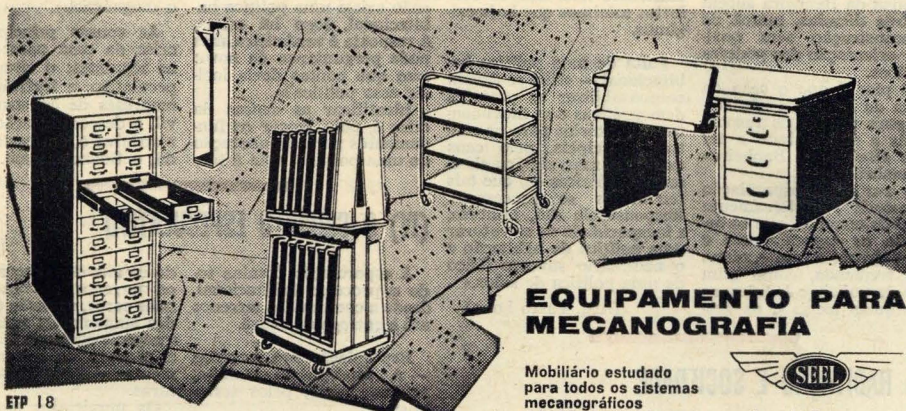
possibilitam às empresas desenvolver a sua actividade, produzindo, exportando. O meu amigo industrial não via que o preço de custos dos seus produtos lhe ficava mais baixo exactamente porque aqueles organismos se afanam em facilitar-lhe uma actividade acelerada no melhor aproveitamento dos meios. Sem esse trabalho de base, sem esses quadros de gente de «élite», a sua produção não poderia concorrer no mercado mundial, nem os seus produtos seriam conhecidos nesse mercado.

E ele ia abanando a cabeça em clara manifestação de descrença; eu fiquei pensando como há pessoas a quem a vida diária tira a capacidade para as coisas do espirito...

A. SEBASTIAO GONÇALVES

## DIRIGENTES DE EMPRESAS

Só no próximo número nos é possível publicar a conclusão do interessante artigo do eng. E. Mesquita de Abreu intitulado «Dirigentes de Empresas» e cujo começo saiu neste suplemento da semana passada.



### EQUIPAMENTO PARA MECANOGRRAFIA

Mobiliário estudado para todos os sistemas mecanográficos Adaptável a qualquer marca de máquinas



**SELDEX** SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO SARL

EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. DA LIBERDADE, 127-129 — LISBOA 2 — TELEFS. 32 49 86 - 32 86 71 - 32 70 22  
ESCRITÓRIO E FÁBRICA: EST. DE BARCARENA — QUELUZ DE BAIXO — TELEFS. 95 01 72 - 95 21 07/8/9



# INFORMAÇÃO E TÉCNICA FISCAL

## INFORMAÇÕES

### Horário dos serviços

**Serviço de Informações Fiscais** — Dias úteis, das 9 às 12.30 horas e das 14.30 às 17.30 horas; sábados, das 9 às 12.30 horas.

**Repartições de Finanças de Lisboa e Porto** — Dias úteis, das 9 às 12 horas e das 14 às 17.30 horas; sábados, das 9 às 12.30 horas.

**Repartições de Finanças dos restantes concelhos** — Dias úteis, das 9.30 horas às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas; sábados, das 9.30 às 13 horas.

**Tesourarias da Fazenda Pública de Lisboa e Porto** — Dias úteis, das 9 às 12 horas e das 14 às 16.30 horas; sábados, das 9 às 12 horas.

**Tesourarias da Fazenda Pública dos restantes concelhos** — Dias úteis, das 9.30 às 12.30 horas e das 14 às 16.30 horas; sábados, das 9.30 às 12.30 horas.

### Execuções fiscais

«Nos casos em que tenha de usar-se o procedimento executivo para a cobrança de contribuições e impostos, em que — por culpa dos serviços da Administração Fiscal — tenha havido nos conhecimentos e certidões de relaxe deturpação de nome, erro ou omissão de morada do contribuinte, este — desde que efectue o pagamento da dívida nos dez dias posteriores à citação — não deve ser onerado com o acrescimento de selos, custos e juros de mora.»

### Obrigações do mês

**IMPOSTO COMPLEMENTAR — Declaração modelo 1** — Como já informámos, até ao fim de Julho deverá ser entregue na respectiva repartição de finanças a declaração dos contribuintes em nome individual, a qual deverá ser correctamente preenchida para evitar os incómodos e as perturbações de vária ordem que tem caracterizado a liquidação deste imposto censual do Estado. Inserimos alguns esclarecimentos e regras para um preenchimento correcto do impresso.

### a) Sujeição à sua apresentação

As pessoas singulares que sejam titulares de rendimentos provenientes de: — Prédios rústicos ou urbanos;

— Actividade comercial ou industrial;

— Trabalho, incluindo os abonos e pensões relativos à situação de reserva, aposentação ou reforma;

— Aplicação de capitais; ou — Pensões ou rendas temporárias ou vitalícias, desde que tais rendimentos — apurados de harmonia com o disposto nos artigos 15.º e 17.º do Código do Imposto Complementar e excluídos os isentos deste

imposto —, excedam no total os seguintes quantitativos:

1.º — Tratando-se de contribuintes com residência no território do continente e ilhas adjacentes: a) 60 000\$00, sendo solteiros, viúvos, divorciados ou separados judicialmente de pessoas e bens; b) 80 000\$00, sendo casados e não separados judicialmente de pessoas e bens.

2.º — Tratando-se de contribuintes com residência fora daquele território — 40 000\$00.

Existindo agregado familiar, deverá a declaração ser feita pelo respectivo chefe e abrangerá os rendimentos comuns do casal, os próprios do outro cônjuge não separado judicialmente de pessoas e bens, e os dos filhos e enteados menores não emancipados de que seja administrador o chefe da família ou o outro cônjuge não separado judicialmente de pessoas e bens.

mília ou o outro cônjuge não separado judicialmente de pessoas e bens.

### b) Local de apresentação

Na repartição de finanças do concelho ou bairro da residência do contribuinte ou, residindo fora do continente ou ilhas adjacentes, na repartição de finanças do 3.º bairro fiscal de Lisboa.

Se o contribuinte tiver mudado a sua residência para um concelho ou bairro diferente, participará esse facto durante o mês de Julho, em papel comum de 25 linhas, à Repartição de Finanças do concelho ou bairro correspondente à residência anterior, sem prejuízo da declaração modelo n.º 1 a apresentar na repartição de finanças da área da nova residência.

### c) Quando deve ser apresentada ou renovada

Durante o mês de Julho. Uma vez apresentada, o contribuinte só terá de renová-la nos anos em que se verificar alteração em alguns dos seus elementos, desde que o total dos rendimentos continue a ser superior aos correspondentes limites indicados nos n.ºs 1.º e 2.º da anterior rubrica.

### d) «Quem fica sujeito à sua apresentação?»

Embora não tenha havido alteração nos elementos declarados, será sempre obrigatória a apresentação da declaração no ano seguinte àquele em que houver aumento dos rendimentos para além dos limites indicados quando no ano anterior a este último os rendimentos não tenham atingido tais limites.

# INFORMAÇÃO JURÍDICA

A doação é um instituto jurídico muito em voga, e daí nos ter parecido que seria útil indicar, sumariamente, algumas normas essenciais para a sua compreensão.

A doação é um contrato pelo qual uma pessoa dispõe gratuitamente de coisa sua, ou de um direito, ou assume uma obrigação em benefício de terceiro. Pode ela ser remuneratória para compensação de serviços prestados ao doador que não tenham natureza de uma dívida; não pode abranger bens futuros, pode ser por prestações periódicas, mas neste caso extingue-se por morte do doador. Do mesmo modo se pode doar a várias pessoas conjuntamente, em partes iguais, bens de raízes ou usufrutos, e também é proibida a doação por morte.

A doação caduca se não for aceite em vida do doador e, se a coisa móvel dada passar para o donatário, em qualquer momento, a doação é havida como aceite. Ainda quanto à aceitação é conveniente saber-se que a doação de imóveis só é válida através de uma escritura pública, e

quanto aos móveis não depende de qualquer formalidade quando a entrega se efectue imediatamente, mas caso contrário só pode ser feita por escrito.

Podem fazer doações todos os que podem contratar e dispor dos seus bens; podem receber doações os que não estão especialmente inibidos de as aceitar por disposição de Lei, ainda com a restrição de que os representantes legais dos incapazes não podem fazer doações em nome destes, sendo de notar quanto àqueles que as doações que forem aceites a seu favor com encargos só podem ser aceites pelos representantes legais, mas quanto às outras é livre a aceitação. Se se trata de nascituros podem receber doações, com reserva do usufruto, até ao nascimento do donatário.

Há casos em que são nulas as doações, isto é, quando forem feitas por menores não emancipados, por interdito ou inabilitado, a favor de seu tutor, curador ou administrador legal de bens, para o tutor (a não ser que se trate de descendentes, ascendentes, colaterais até ao terceiro grau, ou cônjuge do testador), médicos, enfermeiros, sacerdotes, no caso de assistência clínica ou espiritual. Mas são possíveis tais legados como remuneração de serviços prestados; também se não pode doar a favor de notário, da pessoa que escreveu a doação, testemunhas, abonadores e intérpretes e ainda por interpostas pessoas.

Por via da doação, a propriedade da coisa transmite-se como se transmite a obrigação de entregar a coisa ou o dever de cumprir a obrigação. Com as doações se integram os frutos pendentes e os documentos relativos à coisa ou ao direito, não se podendo doar bens alheios.

O doador tem a faculdade de reservar para si ou para terceiros o usufruto dos bens dados para uma ou mais pessoas simultânea ou sucessivamente, podendo ainda o mesmo doador reservar para si o direito de dispor, por morte ou por acto entre vivos, de alguma ou algumas coisas, compreendidas na doação que deverá ser registada se se tratar de imóveis ou móveis sujeitos a registo.

Há ainda um ponto importante que é este: o doador

pode estipular que no caso de ele sobreviver ao donatário, ou a este e a todos os seus descendentes, pode reaver a coisa doada, se não houver qualquer estipulação em contrário, mas esta cláusula de reversão carece de ser registada, também para os imóveis ou móveis sujeitos a registo.

Quando as doações incluem encargos o donatário está obrigado a prestar alimentos ao doador, e aquele só cumprirá os encargos dentro dos limites do valor da coisa ou do direito doado; mas se se tratar de dívidas do doador, se não houver declaração em contrário, a obrigação de pagamento refere-se àqueles dívidas que existirem ao tempo da doação, salvo ainda, e no que concerne a dívidas futuras, que elas sejam determinadas no acto da doação.

A doação, se não forem cumpridos os encargos, pode ser, se esse direito lhe for conferido pelo contrato, anulada.

Finalmente importa conhecer que as doações podem ser revogadas nos seguintes casos:

a) Enquanto não for aceite.

b) Por superveniência de filhos legítimos, sendo o doador casado ao tempo da doação.

c) Por ingratidão do donatário.

Considera-se como superveniente o filho já concebido ao tempo da declaração do contrato de doação, e não se considera superveniente o filho legitimado depois da doação.

Acresce que a doação não é revogável por superveniência de filhos se o doador já tinha algum filho ou descendente legítimo, viúvo ao tempo da doação ou sendo esta feita para casamento ou remuneratória; mas se se tratar de doação de terceiros ao esposado, o doador pode reservar para si, no acto da doação, a faculdade de a revogar por superveniência de filhos.

Por ingratidão entende-se a incapacidade do donatário, por indignidade de suceder ao doador ou quando se verificarem algumas das ocorrências que verificam a deserção, com exclusão das que forem feitas para casamento ou remuneratórias, acrescendo que não há exclusão, com este fundamento quando o doador houver perdoado ao donatário.

Para a revogação é necessária a propositura da acção competente, dentro de dois anos, no caso de superveniência de filhos legítimos a contar do nascimento do primeiro filho, no caso de ingratidão no prazo de um ano, podendo

também os herdeiros usar deste direito, e só neste caso, se o donatário tiver cometido crime de homicídio, acção que também tem que ser proposta dentro do mesmo prazo, ou ainda por qualquer causa que tiver impedido o doador de revogar a doação.

Por aqui se vê que fazer uma doação é um acto que pode trazer consequências graves, pois, começando por ser uma autêntica alienação, embora com a possível reserva de usufruto, a sua revogação é por vezes difícil. E daí os profissionais do foro aconselharem os testamentos de preferência, porque estes podem ser revogados a todo o tempo, e de uma maneira geral, porque o seguro morreu de velho, e segundo parece deixou de aprender muita coisa...

V. G. F.

**CAIXAS REGISTRADORAS**

## Valentini

**PARA UM CONTROLE EFICIENTE, RÁPIDO E SEGURO**



A FAMOSA MARCA ALEMÃ

### Valentini

POSSUI AGORA GRANDE VARIEDADE DE NOVOS MODELOS ENTRE OS QUAIS, SEM DÚVIDA, ENCONTRARÁ A REGISTRADORA DIGNA DO SEU ESTABELECIMENTO.

Valentini FARÁ AUMENTAR OS SEUS LUCROS MELHORANDO O SEU CONTROLE

DEMONSTRAÇÕES, ESTUDOS E PLANIFICAÇÕES DE CONTROLE SEM COMPROMISSO

DISTRIBUIDORES:

SOC. DE REP. SIDA-SUEGA limitada

R. DE S. NICOLAU, 15/17 • TELEF. 369331 • LISBOA

**A CAPITAL**

vende-se em MAFRA no Café Cervejaria UNIDOS



eu sou

# CAFÉ PURO

SÓ O GRÃO DO CAFÉ GARANTE A VERDADE DO CAFÉ PURO!

*puro na plantação! puro na chavena!*

## CAFÉ UNIL

*beba café puro! exclusivamente!*

---

**DEFENDA-SE DO CALOR E DAS ALERGIAS**

COMPRANDO MEIAS E ROUPAS INTERIORES ANTIALÉRGICAS E MALHAS DE SEDA INTERIORES

NA

### MEIA DE VIDRO

RUA AUGUSTA, 158 + A casa das «Meias Descanso»

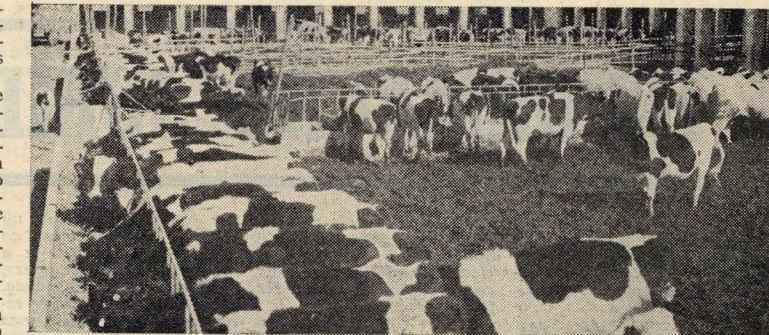


# CALIFÓRNIA «VERSUS» ALENTEJO

# UMA NOVA CALIFÓNIA

Em artigo anterior procedemos à confrontação das características fisiográficas e climáticas da Califórnia e do Alentejo e analisámos o problema do dimensionamento das propriedades com vista à sua exploração em termos da maior produtividade e rentabilidade.

Em face de tudo o que foi dito parece finalmente ter chegado o momento de nos voltarmos decididamente para o Alentejo e subjettá-lo a uma série de quesitos que nos digam se na verdade estamos ou não em presença de uma terra capaz de fornecer mais e melhores alimentos para todos os portugueses, aliás objectivo último de todo este já longo arrazoado.



No Alentejo já existem grandes unidades produtoras de leite, com características industriais. É o caso desta exploração, situada em Ferreira do Alentejo, que possui um efectivo superior a mil bovinos leiteiros, sustentados com forragens obtidas unicamente em regime de cultura de sequeiro

O problema que se deve pôr é saber se o Alentejo tem ou não condições para abastecer o País com as variedades vegetais de que cada vez havemos de estar mais carecidos, pois é já fenómeno saliente e incontroverso a insuficiência das fontes naturais de abastecimento do País, principalmente de Lisboa, em hortaliças e legumes.

O problema que se põe é saber se o Alentejo oferece ou não boas condições para a prática da fruticultura e da viticultura, da produção de leite e de carne.

O que em suma precisamos de saber é se o País pode ou não ser abastecido através do Alentejo, com alfices que não custem 5000 a unidade, com couves que não importem em 600 cada, com peros que não custem 16000 o quilo ou laranjas que atinjam os 600 em qualquer modesto restaurante.

O que o País precisa de saber é se existem ou não possibilidades de levar diariamente um pedaço de fruta a cada português, 2,5 decilitros de leite a cada criança do milhão que frequenta as escolas primárias e um bife, uma ou duas vezes por semana, a cada um dos membros da numerosa família portuguesa.

O que, enfim, o País precisa que lhe digam é se se têm feito todos os esforços no sentido de transformar a terra alentejana naquilo em que ela precisa de ser transformada, a mais válida parcela do território continental para a produção dos alimentos de que os portugueses estão necessitados, pelos preços que eles sejam capazes de pagar.

Acaso as saborosas laranjas, pêsegos e uvas de mesa, os extraordinários vinhos da Vidigueira, Redondo, Reguengos e de Borba, os aromáticos melões e os suculentos tomates e pimentões que se estão produzindo no Alentejo, não serão tudo isso indicações precisas acerca das possibilidades daquela província para a produção de frutos e de vegetais de alta qualidade, com inegável vantagem de em relação a certas variedades, o poder fazer em épocas do ano em que os outros países não as podem produzir?

Poderá alguém acreditar que populações dispostas a adquirir cada vez maior, pelo menos em certas camadas, possam ser abastecidas por produtos vegetais produzidos em pequenas hortas e quintais, precisamente em zonas do País onde a terra é mais cara, a mão-de-obra é mais valorizada e o intermediarismo mais exuberante?

E será válida a argumentação de que o País não tem poder de compra para a aquisição desses produtos?

Não será precisamente por haver muita gente à procura das alfices, das couves e dos grelos que estes atinjam um preço que não corresponde ao valor real que na verdade possuem, condu-

zindo a um regime de inflação de que já estamos sentindo os efeitos e cujas consequências não são difíceis de avaliar?

Não será principalmente por ser baixa a nossa produtividade agrícola em géneros essenciais, que a nossa expansão económica vem sofrendo um afrouxamento que não poderá vir a encontrar contrapartida suficiente no desenvolvimento industrial, na expansão do turismo ou na entrada de invíveis provenientes da emigração? Não será a estabilização do Produto Agrícola Bruto (P. A. B.) que se vem notando nestes últimos anos, um sinal clarividente da estagnação dos nossos métodos culturais e da nossa baixa produtividade no sector agrícola?

Os nossos problemas teremos que ser nós a resolvê-los com os meios de que dispomos, que são a nossa inteligência, a nossa capacidade de trabalho e o nosso amor à terra que nos viu nascer. As riquezas que vêm dos outros terão que vir sempre por acréscimo, nunca por substituição das nossas próprias virtualidades racionais e capacidades produtivas.

Para a criação deste estado de coisas, naturalmente que todos temos a culpa, os que têm a terra e os que a não têm, porque a uns cabe administrá-la, a outros cabe explicar como se administra; a uns cabe informar o que de melhor se deve produzir, como, onde

e por quanto se deve produzir; a outros cabe determinar onde, como e a que preços se deve vender! Aceitamos que tem sido quase sempre frouxa e pouco produtiva a acção governamental em relação à política agrícola do Alentejo, da mesma maneira que aceitamos que, em regra, o lavrador alentejano é conservador, com nítida propensão para a rotina e de uma maneira geral falho de iniciativa.

Mas o que é certo é que quando surge um lavrador mais empreendedor que saiba aliar o trabalho à organização e à iniciativa, que devolva à terra a maior parte do dinheiro que ela o fez ganhar, que procure ligações

que assegurem a colocação dos produtos obtidos, que, numa palavra, invista na terra tudo o que de melhor em si alberga, então, sempre que isso sucede, há criação de riquezas no Alentejo a fazermos-nos acreditar que «o solo só vale em função do homem que o rega de suor para depois lhe colher os frutos». E só isso explica que se criem fortunas em terras que levaram os proprietários à falência; só isso explica que o feitor substitua o patrão na posse de terras que este não soube administrar levando para fora delas o dinheiro que lá havia ganho!!!

O Alentejo estará carecido de muitas coisas para que venha a ter a validade de

que o seu potencial é capaz, mas para nós, que conhecemos muitos e variados povos nas mais diversas latitudes, que temos procurado indagar da forma como têm sido criadas riquezas nesses países, que temos apertado as mãos calosas de muitos lavradores estrangeiros, alguns deles diplomados, uns com mais, outros com menos possibilidades do que os lavradores alentejanos, mas quase todos com mais espírito associativo e com menos regime proteccionista, aquilo que honesta e sinceramente sentimos é que no Alentejo se trabalha menos do que se deve; é que vivemos num País que aproveita malhas em regiões liliptianas e despreza bens inteiros em condados imensos; é que tem havido quase sempre falta de determinação em quem manda e alheamento das realidades agrárias a quem cabe aproveitar a terra; é, enfim, o sentimento de que, no sector agrícola, estamos utilizando uma passada que não é dos nossos dias nem satisfaz as nossas aspirações para uma vida mais farta, mais feliz e sobretudo mais igual à de povos que nada justifica nos dêem lições de produtividade, de bem-estar e de civilização.

Mas não há dúvida que para esse aumento de produtividade, para esse bem-estar que se deseja, torna-se igualmente indispensável que o Estado crie as infra-estruturas que permitam ao lavrador deslocar-se às herdades e retirar de lá os seus produtos a tempo e horas, qualquer que seja o estado do tempo ou a época do ano; que a electrificação dos «montes» seja considerada como uma das mais poderosas alavancas do progresso e modernização da agricultura alentejana, para o que se devem conceder todas as facilidades com vista à satisfação desse objectivo; que o telefone faça parte da mobília da casa como instrumento tão indispensável à vida do campo como o é para a da cidade; que enfim, se criem todas as condições para que as populações que habitam nas herdades e que às vezes ultrapassam a centena, disponham de todas as condições indispensáveis à sua fixação

pele DR. RENANOENRIQUES

em termos de trabalho certo e agradável. Por outro lado, torna-se igualmente indispensável que lavradores alentejanos possam aparecer nas sociedades dos técnicos (Continua na pág. 6)

# O PROGRAMA DE EXECUÇÃO DO PLANO DE FOMENTO

Assinado pelo sr. dr. Nuno Morgado, director-geral do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, recebemos a carta que a seguir reproduzimos na íntegra:

«Sr. director do jornal «A Capital»: — Cumpre-nos em primeiro lugar agradecer a V. a atenção que o jornal que tão distintamente dirige mais uma vez consagrou à problemática dos planos de fomento e à acção do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, como órgão central coordenador, nomeadamente, dos trabalhos relativos à preparação e ao acompanhamento da execução dos respectivos programas anuais. Essa atenção é-me particularmente grata por vir ao encontro do que tem sido constante preocupação deste serviço: ver amplamente debatidos pela opinião pública os problemas que envolve a consecução de um desenvolvimento acelerado e quanto possível concertado dos diferentes sectores da actividade económica. Julgo ser a generalização desse debate e a consequente consciencialização das dificuldades a vencer e das opções a tomar uma das condições de base para a mobilização e polarização de todos os agentes que intervêm no processo de desenvolvimento — afinal, toda a população activa do País.

O artigo publicado no suplemento «Economia & Técnica» de 3 de Julho p. p., de par com manifesta compreensão de algumas importantes dificuldades que ao Secretariado Técnico se deparam no desenvolvimento das suas funções e com o conhecimento do esforço feito para assegurar a qualidade técnica indispensável aos trabalhos de planeamento, sublinha justamente algumas das preocupações manifestadas no Programa de Execução para 1969 quanto ao cumprimento das metas do III Plano de Fomento. Com efeito, a situação conjuntural que sobreviu à preparação do Plano e se prolongou pelo seu primeiro ano de execução justifica, pois preocupações, que se farão reflectir não só no Programa de Execução para 1970, como o articulista prevê, mas também, e sobretudo,

## Esclarecimento do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho

das acções a programar no último triénio do Plano em âmbito da revisão do plano anunciada e que já iniciou.

porém, evidente, que tratando a parte mais activa da nossa actividade económica, do ponto de vista das contribuições para o crescimento da iniciativa das entidades privadas, tem de entender prudentemente o sinal das previsões incluídas nos Planos, altamente generáveis como são a conjuntura e em especial, aos factores exógenos que a condicionam.

Em um ponto específico permito ainda solicitar a atenção de V., por que os reparos feitos, consentíveis a partir das condições de que o artigo terá podido dispor, não respondem no entanto à realidade dos factos. Relembro à aludida distribuição em «meados de Maio» do Programa de Execução para 1969 do III Plano de Fomento, e aos comentários que se lhe seguiram. Ora a verdade é que o objecto do Programa está concluído no fim de 1968, logo que aprovado pelo Conselho de Ministros e pelos Assuntos Económicos foi comunicado, em «esta», é certo, a todos os organismos públicos e empresas privadas com empenhamentos inscritos no Plano, bem como aos organismos corporativos representados na orgânica de planeamento. O atraso verificou-se, portanto, na divulgação do texto sob forma de imprensa o que, sendo ciente de lamentar, não acionou consequências ineficazes pelo articulista, tantas que para o corrente não foi possível assegurar efectiva articulação entre o Orçamento Geral do Estado, na parte respeitante ao financiamento do III Plano de Fomento e o corrente Programa de Execução. Isto significa que, não se refere a investimentos públicos, este Programa se tornou operacional logo no começo do ano», até porque no passado, nem sempre foi cumprido o programado — pelos próprios órgãos do Estado, para os quais o plano é vinculativo.

A ideia de distribuir o Programa de Execução «stencilado» (copiografado) parece excelente, mas quatro meses e meio para compor tipograficamente um livro, pequeno — como é o Programa de Execução — parece excessivo.

4. Registámos que o dr. Nuno Morgado assinale a «manifestação de compreensão de algumas dificuldades que ao Secretariado Técnico se deparam no desenvolvimento das suas funções e esperamos que sejam tomadas disposições positivas para eliminar essas dificuldades — relativas à estatística, essencialmente.

5. Gostáramos de sublinhar que, passados mais de seis meses sobre a elaboração do Programa de Execução, para 1969, se mantém as preocupações conjunturais que dominaram aquela elaboração. Esta situação é, todavia, constatada pelo dr. Nuno Morgado. — L. S. M.

1. Agradecemos a resposta do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho. Estamos certos de que o diálogo entre os órgãos da Administração e os jornais só pode ser benéfico — tanto para a própria Administração como para a opinião pública, apesar dos condicionamentos existentes.

2. Refere o dr. Nuno Morgado que, repousando o planeamento nas actividades privadas, «tem de entender-se prudentemente o significado das pressões incluídas no Plano...» Parece-nos que seria de fundamental importância que o próprio Plano previasse as formas de reconduzir as actividades privadas ao que foi planeado — f o r m a s voluntárias, mas nem por isso menos eficazes. As técnicas modernas de gestão das economias capitalistas evoluídas — a França, a Alemanha sobretudo — poderiam dar-nos indicações preciosas:

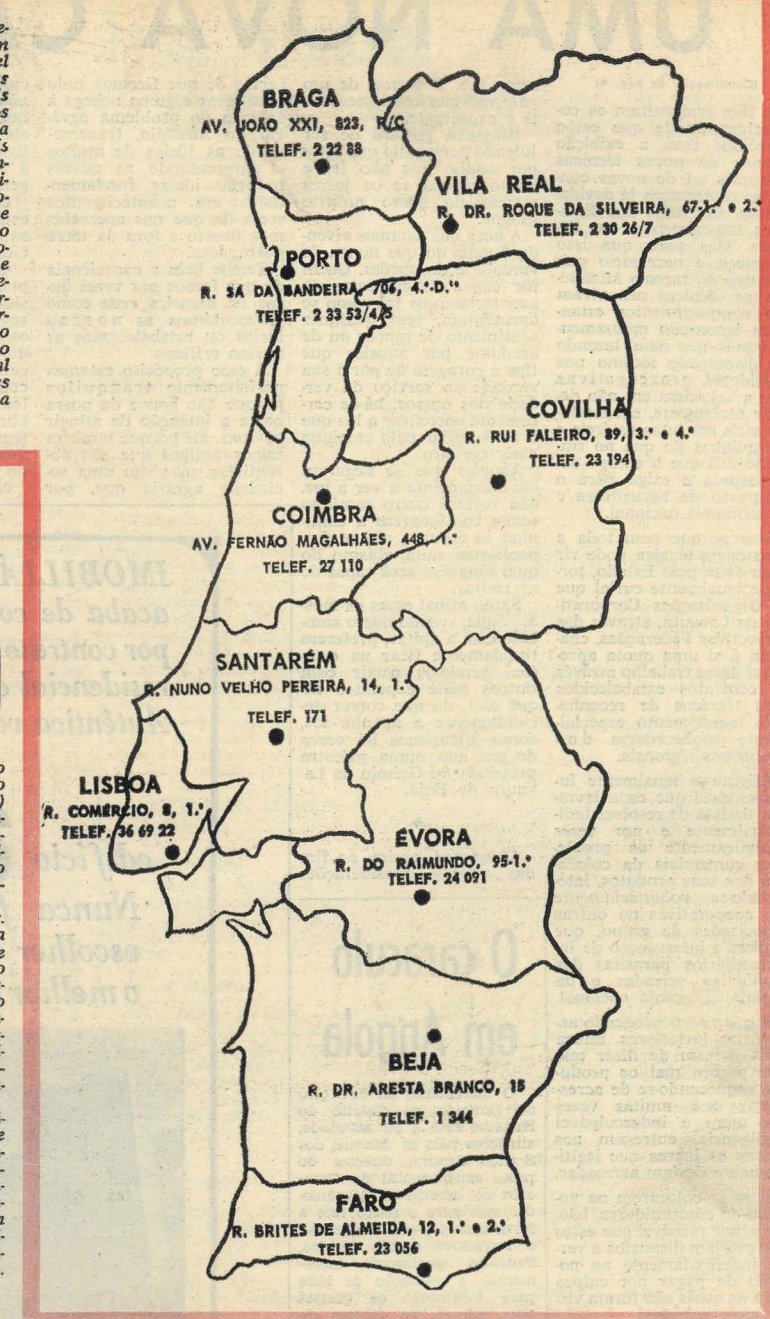
3. O articulista regozija-se com o facto de «no que se refere a investimentos públicos, este Programa se tornou operacional logo no começo do ano», até porque no passado, nem sempre foi cumprido o programado — pelos próprios órgãos do Estado, para os quais o plano é vinculativo.

Renovando os meus agradecimentos pela atenção dedicada pelo «A Capital» à difusão e debate da problemática mais destacada do III Plano de Fomento, para assegurar o interesse e a adesão de todos, apresento a V. sr. director, os meus mais respeitosos cumprimentos. A bem da Nação, o director-geral, a) Nuno Morgado.»

# Possibilidades de exportação para a Bélgica

A Bélgica possui actualmente uma indústria de conservas de frutas e legumes altamente especializada e com uma tradição já instituída de qualidade que torna difícil a concorrência estrangeira no seu mercado. Segundo informação divulgada no boletim da Câmara de Comércio Belga em Portugal, existem actualmente naquele país 25 empresas produtoras de conservas de legumes, empregando 3928 operários. Doze firmas empregam 100 pessoas e mais sete ocupam de 20 a 99 pessoas e seis empregam menos de 20 operários.

As matérias-primas utilizadas são principalmente: ervilhas (35 303 toneladas por ano, ou seja 185 456 francos belgas), cenouras (26 470 t ou seja 87 116 F.B.), feijões (23 319 t por ano ou seja 109 002 F.B.) aipo (11 170 t ou seja 113 710 F.B.) o que dá como produção destinada à Bélgica e ao estrangeiro: Ervilhas: 30 813 t, ou seja 477 766 F.B.



PRODUTOS	Exportações totais portuguesas (em tons.)	Total das importações belgas (em tons.)	Principais fornecedores para a Bélgica (em tons.)	Exportações portuguesas para a Bélgica (em tons.)
Castanhas .....	5 120	928	Itália	38
Figos .....	4 200	1 245	Turquia	42
Amêndoas .....	7 500	1 730	Itália	335
Ananases .....	1 376	573	França	66
Tomates preparados e sumos .....	116 761	14 000	Itália	1 200

Fructa, etc.), que transformam quantidades consideráveis de matérias-primas em produtos de consumo, tais como: frutas em xarope, em calda, em compotas, em mistura, em pasta, em álcool e ao natural. Se é verdade que a exportação belga de tais produtos é superior ao consumo interno (citamos as vendas de conservas de legumes belgas no estrangeiro que atingem 2 207 217 F.B., cifra superior à das vendas no mercado interno que é de 678 763 F.B.), constatamos que é difícil para Portugal exportar produtos semelhantes para a Bélgica.

No entanto, no domínio das matérias-primas necessárias à indústria de conservas de frutos e legumes constatamos que Portugal tem francas possibilidades de aumentar o volume das suas exportações nesse sector para a Bélgica. De facto as importações belgas durante 1967 elevaram-se a 100 000 toneladas de legumes e de frutas, em proveniência não só do Mercado Comum mas também dos Estados Unidos, da África do Sul, de Marrocos, da Espanha e de Portugal. Se examinarmos o quadro seguinte, constatamos que as possibilidades de exportação de matérias-primas para a Bélgica são interessantes.



# UMA NOVA CALIFÓRNIA

(Continuação da pág. 4)

que lhes transmitam os conhecimentos de que estão carecidos com a exibição prática de novas técnicas culturais ou de novas condutas zootécnicas já devidamente ensaiadas nas Estações Experimentais do Estado. Mas para que isso aconteça é necessário que dentro do mesmo Ministério os técnicos não vivam em compartimentos estanques ignorando mutuamente aquilo que estão fazendo ou disputando mesmo nos bastidores, prerrogativas que a Lei teima em não definir claramente, ocupando-se mais em lutas estereis e mesquinhas do que no trabalho útil que o campo deles espera e exige para o progresso da agricultura e da economia nacional.

Mas porque nem toda a assistência técnica pode vir a ser feita pelo Estado, torna-se igualmente curial que as Organizações Corporativas da Lavoura, através das respectivas Federações, chamem a si uma quota apreciável desse trabalho através de contratos estabelecidos com técnicos de reconhecido merecimento especialmente conhecedores dos problemas regionais.

Afigura-se igualmente indispensável que cada lavrador desista de resolver individualmente e por vezes egoisticamente os problemas comerciais da colocação dos seus produtos, integrando-se voluntariamente em cooperativas ou outras associações de grupo, que anulem a intervenção de intermediários parasitas das economias privadas e da própria economia nacional.

E que não procedendo assim, os lavradores nunca mais deixam de dizer que lhes pagam mal os produtos, esquecendo-se de acrescentar que, muitas vezes por mera e indesculpável negligência, entregam aos outros os lucros que legitimamente deviam arrecadar.

E se se colocarem na posição de consumidores, não de achar razoável que estes não estejam dispostos a ver-se indefinidamente na posição de pagar por culpas para as quais não foram vistos nem achados!

Impõe-se, enfim, que cada lavrador procure aumentar os seus conhecimentos e a sua capacidade profissional através de leituras mais frequentes, de simpósios, colóquios, mesas-redondas, etc., de maiores contactos com os seus colegas portugueses e estrangeiros, de uma maior abertura e receptividade às ideias renovadoras que por vezes existem dentro das próprias paredes onde habitam, mais que não

seja, sob a forma de um paternalismo condescendente e expectante.

Ninguém gostará de ser julgado por aquilo que fez e por aquilo que não fez e muito menos se os juizes vierem do nosso próprio sangue.

A hora que estamos vivendo é mais do que nunca de verdade e de opções. Quem for capaz de enfrentar os acontecimentos tal como se apresentam, sem qualquer sentimento de rancor ou de azedume por aqueles que têm a coragem de pôr a sua verdade ao serviço da verdade dos outros, há-de certamente encontrar a luz que o há-de guiar pelo caminho mais certo.

Aqueles que se negaram obstinadamente a ver a luz, não restará outro caminho senão continuarem a caminhar às escuras, até se despenharem num abismo do qual ninguém será capaz de retirar.

Serão afinal esses os mesmos que, «vendo que o comboio está a apitar, preferem timidamente ficar na estação, vendo-os partir com outros mais expeditos do que eles, do que correr decididamente a apanhá-los», como afirmámos há cerca de um ano numa palestra proferida no Grémio da Lavoura de Beja.

Chegámos, assim, ao fim das nossas considerações

## O caraculo em Angola

O incremento da criação do caraculo no distrito do Huambo está a ser estudado, «in loco» pelo dr. Manuel dos Santos Pereira, director do posto experimental do Curaculo no deserto de Moçamedes, que para o efeito veio a Nova Lisboa e está a elaborar o respectivo estudo técnico. Pensa-se, igualmente, incrementar a produção de leite para fabricação de queijos «tipo serra», na fábrica de lactínio do Huambo, bem como o aproveitamento da lã, a utilizar em qualquer indústria que venha a ser montada em Nova Lisboa. O esquema previsto poderá beneficiar um considerável número de pequenos criadores de ovinos, devido à alta produtividade dos animais da raça caraculo, que se pensa introduzir no distrito e cujas exigências de manutenção e manejo não são consideradas exageradas. — (ANT).

certos de que fizemos tudo para levar alguma ajuda à solução do problema agrário do Alentejo, transcrevendo as ideias de muitos e apresentando as nossas próprias ideias, fundamentadas em acontecimentos reais de que nos apercebemos dentro e fora da terra portuguesa.

Temos bem a consciência de que fomos por vezes duros na maneira crua como apresentámos as nossas ideias ou estabelecemos as nossas críticas.

A esse propósito estamos perfeitamente tranquilos porque não houve da nossa parte a intenção de atingir pessoas, até porque também temos amigos que são absentistas, mas sim uma sociedade agrária que, por

culpas próprias e alheias, não está tirando da terra que possui a riqueza que ela é capaz de dar aos usufrutuários em particular, e a todos os portugueses em geral.

O assunto está longe de estar esgotado e certamente as nossas palavras irão suscitar diálogo.

Que venha em boa hora, pois o País está bem necessitado de que os portugueses comuniquem uns com os outros, sobretudo quando se trata de indivíduos com as mãos limpas e a consciência de que tudo têm feito para cumprir as suas obrigações como homens integrados numa sociedade que desejam defender a todo o transe.

Nesta cruzada que resol-

vemos encetar, os grandes juizes serão a terra, o que nela está sendo feito e como empregam o tempo os homens que lá estão vivendo.

E do que não puder ser julgado no presente, que seja o futuro a julgá-lo quando todos tivermos dado a alma ao Criador e o facto histórico possa ser analisado com a fria e objectiva imparcialidade que só as gerações futuras poderão adoptar em relação a factos para cuja génese não contribuíram mas de que virão a conhecer e a sofrer os efeitos.

Talvez que venhamos um dia a ser julgados fora da razão, mas se a cada homem é legítimo bater-se por um ideal e expressá-lo livremente em relação seja ao

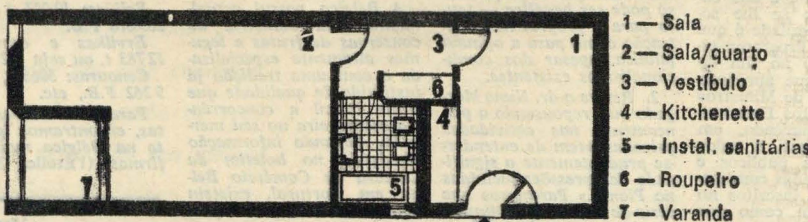
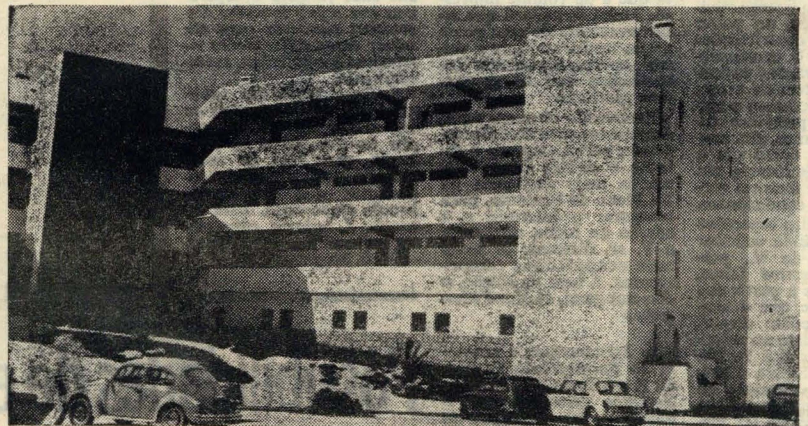
que for, sem enjeitar nos seus desejos, então a neste momento, cabe a afirmação de que, sendo nossa terra a nossa Pátria, é cultivando-a que a sabemos merecer e defender dos inimigos de fora e de dentro, porque os há em ambos os lados!!!

Própriamente em relação à terra alentejana, nos anseios e nossa esperança, vamos na água que lhe corre nas veias e lhe nutre o corpo, no sol que a acalenta, faz frutificar e naquilo que o homem tem de mais valioso para vender — o trabalho — a triologia que há de fazer do Alentejo «uma terra de promessa, uma nova Califórnia».

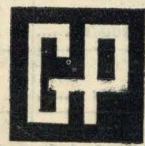
RENANO HENRIQUES

**IMOBILIÁRIA CONSTRUTORA GRÃO-PARÁ,**  
acaba de colocar à venda, com rendimento assegurado por contrato o mais funcional e bem localizado conjunto residencial de Albufeira, no Algarve.  
Autêntica varanda panorâmica sobre o mar

edifício **albufeira**  
Nunca foi tão fácil escolher no Algarve o melhor apartamento **praia**



- ★ Contrato de aluguer com 8% líquido de rentabilidade
- ★ Todos os apartamentos com kitchenette, exaustor, frigorífico e esquentador
- ★ Mobiliário e decoração adaptados a férias
- ★ Lavandaria automática no edifício para os inquilinos
- ★ Todos os apartamentos com varanda panorâmica sobre o mar
- ★ Localização excepcional a 500 metros da praia

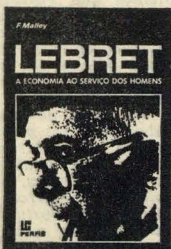


PARA INFORMAÇÕES, SOBRE VENDAS OU RESERVAS:

No edifício "Albufeira-Prata", em Albufeira, pelo vendedor de serviço permanente-Telefone 167 Em Lisboa, na Imobiliária Construtora Grão-Pará Av. Infante Santo, 56-A-Telef.: 66 1036-66 1069 e 67 2953

LG

uma editora em renovação



**Colecção Perfis**

**LEBRET**  
— A economia ao serviço dos homens

de F. Malley..... 45\$00

UNIAO GRÁFICA — R. de Santa Marta, 48 — Lisboa-2



# BOLSA DE TÍTULOS

A trajectória da Bolsa no decorrer da passada semana foi um tanto irregular, havendo de notar um ambiente de interesse nos bancários, decida nas acções das Companhias, com uma ou outra alta solitária, outro tanto sucedendo nos papéis ultramarinos.

Os títulos de juro estiveram pouco movimentados, cedendo nos Consolidados o 3% de 1942 para 540\$ e os Centenários de 4% de 1940 para 1490\$00, tendo melhorado nos Externos, a 1.ª série — Carimbada, para 830\$ e a 3.ª — Carimbada, para 900\$.

Nos empréstimos com Aval do Estado houve subida de 10\$, em Águas de Lisboa 6%, para 1010\$, e declínio de 5\$, no Metropolitano 5 3/4%, para 1000\$, tendo permanecido as obrigações C. P. 5.5% a 1000\$. Nas obrigações industriais o mercado não alterou, à excepção do Douro 6%, cotado em último preço, a 999\$, e da União Fabril 6% de 1968, a 1000\$, tendo sido descontado o cupão do juro vencido em 15 do corrente.

No mercado de acções das Companhias metropolitanas a inegociação esteve diversificada operando-se em Cimentos, de novo em alta, com destaque na subida de 200\$, em Leiria e 150\$ em Tejo. Operaram estáveis os Fornos Eléctricos, Portugal e Colónias e a Nacional de Navegação e com pequeno ganho a Portuguesa de Tabacos que, para o final do ciclo, abandonaram o avanço da sessão de abertura. Dos restantes valores da indústria do fumo, os Tabacos velhos não interessaram os operadores e a Tabaqueira alijou 400\$ dos 1900\$ apurados na semana anterior.

Estiveram mais fracas as acções União Fabril, com fecho a 1240\$ e as Fabril do Azoto que, na última sessão, retomaram as perdas anteriores.

O movimento nas acções das empresas de electricidade foi em geral recetivo, e com alterações seguintes:

Beiras .....	25\$
Gás e Electricidade .....	5\$
H. E. Alto Alentejo .....	5\$
H. E. do Cávado .....	12\$
H. E. do Douro .....	4\$
H. E. do Zêzere .....	19\$
Nac. de Electricidade .....	45\$
Termoeléctrica .....	29\$

União Eléctrica e H. E. da Serra da Estrela mantiveram os preços anteriores.

O processamento das operações no departamento das acções dos bancos voltou a ser efectuado como antes, isto é, toda e qualquer operação foi objecto de licitação oral, o que deu clareza à negociação e vida ao sector.

A movimentação neste agrupamento esteve com bastante interesse nas acções Lisboa & Açores e no Totta-Alliança em presença do conhecimento das próximas realizações das assembleias gerais dos accionistas para se ocuparem da fusão destas duas importantes instituições de crédito.

As acções Totta-Alliança abriram a semana a 6950\$, e com tendência firme, chegando a tocar a cotação 7040\$, para flectir nas jornadas seguintes e terminar a 6800\$, a comparar com 6900\$, no fecho da

semana anterior. As acções Lisboa & Açores, pelo contrário, cotaram-se em alta de 600\$, na abertura da semana e encerraram a 7300\$, depois de tocar a cotação «record» de 7350\$.

A linha dos preços nos restantes títulos deste agrupamento careceu de uniformidade de movimento, anotando-se as variantes seguintes: Agricultura (+15\$); Alentejo (-5\$); Angola (+150\$); Crédito Predial (+10); Nacional Ultramarino (-40\$ no nominativo e -60\$ no de cupão). Em seguros operou com destaque a Soberana que teve alta de 230\$, passando para 1200\$. Mundial mais fraca, cotou 500\$ (-10\$).

Nos ultramarinos a jornada de abertura da semana foi de resistência em preços por par-

te das Diamantes, Revuê, Agrícola Ultramarina e Cassequel, tendo-se registado avanços que se mantiveram até final do período e com destaque nos 35\$ de ganho em Diamantes de Angola e 30\$ em Agrícola Ultramarina. Como contraste fraquejaram em 20\$ as Lobitos, 9\$ Sonefe, 4\$ Buzi e 2\$50 as acções Moçambique.

A. F.

Durante a semana apuraram-se as cotações mais altas do ano em curso as acções a seguir referidas:

Banco Lisboa & Açores	7350\$
Águas de Lisboa-Antigas	412\$
Cimentos de Leiria ...	4400\$
Diamantes de Angola ...	1690\$

ACÇÕES	Cotação 30/6/69	Cotação 11/7/69	Cotação 18/7/69
<b>Bancos</b>			
Agricultura .....	1 300\$	1 260\$	1 275\$
Alentejo .....	749\$	770\$	765\$
Angola .....	2 600\$	2 300\$	2 450\$
Crédito Predial .....	2 870\$	2 800\$	2 810\$
Esp. Santo e Com. de Lisboa	13 700\$	13 700\$	13 700\$
Fomento Nacional .....	1 350\$	1 300\$	1 300\$
Fonsecas & Burnay .....	20 000\$	20 000\$	20 000\$
Lisboa & Açores .....	5 850\$	6 200\$	7 300\$
Nacional Ultramar. — Nom.	(*) 2 380\$	2 340\$	2 300\$
Nacional Ultramar. — Cupão	(*) 2 800\$	2 640\$	2 580\$
Portugal — Portador .....	3 850\$	3 500\$	3 500\$
Totta-Alliança .....	7 000\$	6 900\$	6 800\$
<b>Seguros</b>			
Bonaça .....	3 260\$	3 260\$	3 260\$
Mundial .....	535\$	510\$	500\$
Nacional .....	1 900\$	1 900\$	1 900\$
Soberana .....	970\$	970\$	1 200\$
Tagus .....	3 800\$	3 800\$	3 800\$
Tranquilidade .....	44 000\$	44 000\$	44 000\$
Ultramarina .....	7 500\$	7 500\$	7 500\$
<b>Diversas — Metropolitanas</b>			
Águas de Lisboa — Pt. ....	410\$	410\$	410\$
Águas de Lisboa — 1934 — Pt.	415\$	415\$	390\$
Águas de Lisboa — 1936 .....	390\$	390\$	390\$
Celulosos do Guadiana .....	3 900\$	3 900\$	3 900\$
Cidra .....	7 650\$	7 400\$	7 250\$
Cimento Tejo — Pt. ....	6 050\$	6 100\$	6 250\$
Cimentos de Leiria — Pt. ...	3 750\$	3 800\$	4 000\$
Empor .....	370\$	370\$	370\$
F. Ramada .....	(*) 1 160\$	1 160\$	1 100\$
Fornos Eléctricos .....	121\$	120\$	120\$
Industrial Aliança .....	550\$	550\$	550\$
Ind. Portugal e Colónias .....	1 649\$	1 620\$	1 620\$
Nac. de Navegação — Pt. ...	3 190\$	3 150\$	3 150\$
Colonial de Navegação .....	(*) 1 040\$	1 000\$	1 000\$
Nitratos de Portugal .....	1 630\$	1 620\$	1 620\$
Petroquímica .....	2 270\$	2 220\$	2 120\$
Portuguesa de Celulose .....	4 050\$	4 040\$	4 000\$
Portuguesa de Pesca .....	1 230\$	1 100\$	1 050\$
Sacor — Pt. ....	5 300\$	5 100\$	4 760\$
Siderurgia Nacional — Pt. ...	1 440\$	1 380\$	1 340\$
Socel .....	2 940\$	2 880\$	2 850\$
Portuguesa de Tabacos .....	700\$	645\$	650\$
Tabacos de Portugal .....	1 150\$	1 150\$	1 150\$
Tabaqueira .....	12 500\$	14 000\$	14 000\$
União Fabril .....	1 300\$	1 270\$	1 240\$
U. F. do Azoto .....	777\$	781\$	778\$
<b>Indústrias Eléctricas</b>			
Eléctrica das Beiras .....	1 610\$	1 580\$	1 555\$
Gás e Electricidade .....	4195\$	411\$	4105\$
Hidro-Eléctrica Alto Alent. ...	1615\$	158\$	1575\$
Hidro-Eléctrica do Cávado ...	1 280\$	1 260\$	1 248\$
Hidro-Eléctrica do Douro ...	1 285\$	1 254\$	1 250\$
H. E. Norte de Portugal .....	305\$	305\$	305\$
H. E. Serra da Estrela .....	1 750\$	1 750\$	1 750\$
H. E. do Zêzere .....	1 350\$	1 349\$	1 330\$
Nacional de Electricidade ...	1 380\$	1 380\$	1 335\$
Termoeléctrica .....	1 370\$	1 370\$	1 341\$
União Eléctrica Portuguesa ...	198\$	195\$	195\$
<b>Ultramarinas</b>			
Agr. do Cassequel .....	695\$	725\$	730\$
Agr. do Incomati .....	1 300\$	1 300\$	1 300\$
Agr. S. Tomé e Príncipe .....	330\$	330\$	330\$
Angolana de Agricultura ...	1 155\$	1 140\$	1 140\$
Apúcar do Angola .....	770\$	750\$	750\$
Boror .....	220\$	220\$	220\$
Boror Comercial .....	100\$	100\$	100\$
Buzi .....	79\$	79\$	75\$
Cabinda .....	205\$	195\$	195\$
Combustíveis do Lobito .....	850\$	825\$	805\$
Diam. de Angola (T. 100) ...	1 530\$	1 645\$	1 680\$
Hidro-Eléctrica do Revuê ...	630\$	640\$	645\$
Ilha do Príncipe .....	1 000\$	1 000\$	1 000\$
Moçambique .....	114\$	1225\$	120\$
Sonefe — Portador .....	380\$	379\$	370\$
Zambézia .....	76\$	76\$	75\$

(\*) As cotações referem-se aos últimos preços efectuados na Bolsa.

(\*) Com dividendo.

(\*) Ex-dividendo.

# A VIDA DAS SOCIEDADES

## COMUNICAÇÕES OBRI-GATÓRIAS

Atlântico — Interplano — Empreendimentos e Investimentos Ultramarinos — O Decreto n.º 49 121, recém-publicado, autoriza o ministro do Ultramar, em nome da província de Cabo Verde, a celebrar contrato com uma sociedade a constituir-se sob a denominação Atlântico — Interplano — Empreendimentos e Investimentos Ultramarinos, S. A. R. L., para a construção de vários empreendimentos turísticos na ilha da Boa Vista, nos termos estabelecidos no presente decreto.

Companhia Nacional de Diamantes — O Decreto n.º 49 131, recém-publicado, autoriza o ministro do Ultramar a celebrar, em nome do Estado e em representação da província de Angola, um contrato de concessão com esta entidade, denominada Companhia Nacional de Diamantes, S. A. R. L. (Dniaco), para pesquisa de pedras preciosas em regime exclusivo e subsequente exploração em determinada área daquela província, em conformidade com as bases anexas a este decreto.

## ASSEMBLEIAS CONVOCADAS

26 DE JULHO  
A Têxtil da Maia — A. G. Ext., às 9 horas, em Pedras Rubras, para tratar do aumento de capital (art. 6.º e 7.º dos estatutos).

28 DE JULHO  
FII — Fiação do Leça — A. G. Ext., às 16 horas, na Rua de Santos Dias, 111, São Mamede de Infesta, para deliberar sobre aumento de capital social.

Lusagro — Empresa Agrícola Exportadora — A. G. Ord., às 15 horas, na Rua de Câmara Pestana, 6, 1.º, no Funchal.

30 DE JULHO  
Comportur — Companhia Portuguesa de Urbanização e Turismo — A. G. Ext., às 17 horas, na Avenida do Infante Santo, 56-D.

SIEMENS — Companhia de Electricidade — A. G. Ext., às 11 horas, na Avenida Almirante Reis, 65, para autorizar o conselho de administração a proceder à abertura de uma nova fábrica e aquisição de um terreno.

31 DE JULHO  
Carvalho & Sobrinho — Comércio e Indústria — A. G. Ext., em Coimbra, na sede social.

S. I. A. — Sociedade Imobiliária do Atlântico — A. G. Ord., às 15 horas, na Rua de Alexandre Herculano, 12, 1.º.

## RELATÓRIOS

A. A. Silva — Imóveis, Comércio e Indústria — Apurou em 1968 um lucro líquido de 1 302 336\$16 que inclui 100 758\$88 de saldo do exercício anterior.

Acumuladores Autosil — Em 1968 apurou em Ganhos e Perdas um lucro líquido de 2 765 047\$52.

O dividendo é de 5 por cento. Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela — O saldo apurado em Ganhos e Perdas foi de 14 547 499\$25, incluindo 168 060\$81 de saldo do ano de 1967.

O dividendo é de 9 por cento. Philips Portuguesa — Em Ganhos e Perdas apurou em 1968 um lucro líquido de 27 677 403\$09, que inclui 103 274\$42 de saldo do ano anterior.

O dividendo é de 12 por cento. SAPLA — Sociedade dos Ar-

madores da Pesca da Lagosta — Em 1968 apurou um prejuízo de 712 417\$80 que, adicionado a 1 097 176\$75 de saldo de exercícios anteriores elevou a 1 809 594\$55 os prejuízos acumulados.

Sociedade de Construções Soares da Costa — Em 1968 apurou um saldo positivo de 3 152 827\$10.

Para dividendo foi disposta a quantia de 2835 contos.

Sociedade Imobiliária Irmãos Benito — Em 1968 apurou em Ganhos e Perdas 16 678\$17.

Não foi proposto dividendo. Sociedade Industrial Vitória — O resultado do exercício de

1968, de 514 117\$26, adicionado ao saldo do exercício anterior, elevou a 47 102\$84 os resultados apurados.

Para dividendo foi disposta a quantia de 445 500\$00. União Eléctrica Portuguesa — Em 1968 a conta «Resultados Gerais» apresentou um saldo de 47 280 016\$33.

O dividendo a distribuir é de capital de 450 mil contos e de 38 475 contos.

União Industrial Campomaiorense — Em Ganhos e Perdas apurou em 1968 um saldo positivo de 126 000\$00. Para dividendo foi disposta a quantia de 96 000\$00.

## Uma anotação de conjuntura sobre comércio externo, turismo e remessas de emigrantes

Em comentário de abertura na edição de Junho do boletim informativo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa acentua-se que, ao analisar a evolução da balança de pagamentos, interessa separar o comportamento da balança comercial do da balança de invisíveis correntes, porquanto aquele é deficitário e, este último, largamente excedentário.

Apesar do seu carácter deficitário a balança comercial apresenta perspectivas favoráveis visto que nos dois últimos anos, as exportações registaram maiores acréscimos que as importações.

A expansão verificada nas exportações parece resultar mais da industrialização que se está a verificar no País do que do acréscimo da procura externa dos produtos tradicionalmente exportados por Portugal (cortiça, vinho do Porto, conservas de peixe).

As mercadorias exportadas aumentaram 12 por cento em 1967 e 6 por cento em 1968 enquanto que as importações atingiram, nos mesmos anos, taxas da ordem dos 7 e 3 por cento.

O saldo negativo da balança comercial tem sido compensado pelo movimento dos invisíveis correntes e pelas operações de capitais.

Em 1968 o valor das importações excedeu o das exportações em 10 455 milhões de escudos (10 881 milhões de escudos em 1967), tendo o saldo dos invisíveis correntes atingido 14 221 milhões de escudos (14 167 milhões de escudos em 1967). As maiores receitas da balança de invisíveis correntes provêm do turismo e atingiram, em 1968,

6124 milhões de escudos (7751 milhões de escudos no ano anterior), e das remessas de emigrantes com um valor, em 1968, da ordem dos 8016 milhões de escudos (6047 milhões de escudos, no ano anterior).

A ligeira recessão verificada no crescimento das exportações e no aumento das receitas de turismo resultou, sobretudo, das desvalorizações monetárias verificadas ultimamente.

Parece oportuno dedicar mais atenção à evolução verificada nas receitas dos emigrantes. Com efeito, dadas as restrições, impostas nos países da Europa Central, para admissão de novos trabalhadores estrangeiros, restrições estas que resultam da necessidade de garantir emprego às populações locais, pareceria lógico que a balança de pagamentos dissesse ressonância. Tal não aconteceu e é precisamente esta rubrica que vem compensar a menor receita obtida com o turismo.

O trabalhador português, porque não discute o tipo de trabalho que executa e porque possui uma grande adaptabilidade e precisão nas tarefas que lhe são confiadas, não é dispensado nos países para onde se dirige.

Por outro lado, o trabalhador português não se integra nas colectividades estrangeiras onde presta o seu trabalho. Ele apenas procura garantir um pequeno lucro que lhe permita a melhor vida na sua terra natal.

Estas características do trabalhador português parecem garantir a continuidade da entrada de divisas sob a forma de remessas de emigrantes.

Quando ao turismo que, em 1968, registou valores inferiores aos do ano anterior, apresentará, nos tempos vindouros, uma expansão irreversível, consequência de melhoria de nível de vida das populações europeias e da saturação da Côte d'Azur e da Costa Brava.

Parece portanto assegurada, no futuro, a entrada de divisas sob a forma de receitas de turismo e remessas de emigrantes. A evolução favorável da balança comercial aliada a aqueles factores constitui, mais uma garantia, nos anos vindouros, de uma balança de pagamentos excedentária.

## A ESPANHA AJUDA OS SUBDESENVOLVIDOS

A Espanha concedeu à Tunísia um crédito no valor de 10 milhões de dólares. Este montante será aplicado na aquisição de barcos construídos em Espanha e no financiamento de alguns projectos do plano de desenvolvimento tunisino.

## Sociedade «ESTORIL»

### COMBOIOS DO CAIS DO SODRÉ AOS DOMINGOS

Viaja menos apertado a partir das 11 horas. Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.



# SITUAÇÃO HABITACIONAL PORTUGUESA

ros elevados). A multiplicidade de empresas particulares que se dedicam ao empréstimo hipotecário são uma prova evidente da rentabilidade de tal negócio.

«No final do circuito aparecem os adquirentes, que compram os imóveis construídos, pagando não raras vezes, o dobro do seu custo real (terreno e construção).

«De alguns anos para cá, tomou entre nós grande incremento a «venda por andares» a preços especulativos 4000\$00 por metro quadrado, socorrendo-se frequentemente os compradores de empréstimos das Caixas de Previdência para essas aquisições.»

(Eng. Virgílio Preto)

Como o negócio é choru-

## (V) INEFICÁCIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL

«Apesar da relativa similitude dos meios utilizados, é muito diferente a estrutura das empresas de construção civil e de obras públicas.

«A construção civil emprega, ainda, fundamentalmente, métodos tradicionais baseados na mão-de-obra «sendo muito reduzida a parte dos equipamentos, embora se notem tendências de melhoria».

«A grande maioria destas empresas é de pequena dimensão e não possui organização, capacidade financeira ou meios de estudo suficientes para assumir, com eficiência, a responsabilidade

de construção e execução das obras de maior envergadura.»

(Eng. Virgílio Preto)

de de construção e execução das obras de maior envergadura.»

(Eng. Virgílio Preto)

Em relação aos construtores de obras públicas, o Estado soube promover uma concentração de empresas que teve como resultado o aumento da produtividade. Mas entre os construtores civis prolifera a anarquia: entre o trigo há muito joio, ou melhor: entre o joio há algum trigo.

No n.º VII, quando tratarmos do financiamento, veremos melhor a ineficácia da construção civil portuguesa.

## (VI) DESCOORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

8 Ministérios — «Para executar pouco mais de 5 por cento das habitações construídas anualmente, dispõe o País de abundantíssimos diplomatas (90, publicados entre 1928 a 1964) e da intervenção de oito Ministérios, com vinte serviços e organismos diferentes que fazem estudos, estabelecem programas, realizam empreendimentos e promulgam normas e regulamentos no campo da habitação e do urbanismo, de modo geral sem qualquer coordenação entre si.

Este estado de coisas tem como consequência:

— a multiplicidade dos serviços e organismos;

— a sobreposição de competências e duplicações no mesmo campo de actividade;

— graves lacunas e uma generalizada descoordenação a todos os níveis.

(Eng. Virgílio Preto)

Estes oito Ministérios e vinte serviços coordenam a construção de habitações financiada pelo Estado (cerca de 5 por cento do total). Mas note-se que nenhum serviço público tem a seu cargo a definição de uma política de

habitação que oriente o sector privado e a Previdência.

1 Ministério — «Enquanto se não criar a Secretaria de Estado da Habitação, o ministro das Obras Públicas e o Governo da Nação determinem que o cargo de subsecretário de Estado das Obras Públicas se denomine subsecretário de Estado das Obras Públicas e da Habitação, com a alta missão de coordenação do problema, através da Direcção-Geral para tal criada.»

(Visc. de Almeida Garrett)

## (VII) PROBLEMAS

### DO FINANCIAMENTO

Põem-se aqui dois problemas, que vamos passar a analisar:

1) Teremos mais capitais

para financiar a habitação? A resposta é afirmativa: temos.

«Em 1967 existiam no nosso País 52 milhões de contos em formas líquidas de economia, encontrando-se 30 milhões e 22 milhões, respectivamente, em depósitos à ordem e a prazo.»

(Dr. Alberto Ramalheira)

Grande parte deste dinheiro líquido podia ser aplicado em investimentos produtivos, o que não é feito por razões que agora não é possível analisar.

2) Temos necessidade de mais capitais para financiar a habitação? A resposta é negativa.

«Além de ser a habitação um meio de rentabilidade a prazo longuíssimo, não podia esta ficar sujeita, de modo algum, às leis de um mercado.»

(Dr. Alberto Ramalheira)

Pelo contrário existe até uma excessiva propensão do investidor privado para comprar prédios.

O eng. Virgílio Preto acrescentou:

«Por muito estranho que pareça, a verdade é que uma parte importante do produto nacional bruto tem sido aplicado em alojamentos, 19,2 por cento, em média, no decénio de 1953 a 1962.

Não se antevê a possibilidade de, sem prejuízo dos interesses, igualmente inadiváveis, do desenvolvimento económico nacional, distrair do investimento reprodutivo para o sector da habitação maior proporção de capitais. O que não pode nem deve consentir-se é que se continue a aplicar uma parte assaz importante P. N. B. em habitações de luxo, quando perto de 2 000 000 de portugueses vivem em condições muito precárias no que diz respeito a alojamento.»

Estes números mostram bem o que se está a passar. Não existe falta de habitação por os financiamentos serem insuficientes.

As causas são outras: a) o circuito especulativo tem como consequência que se produzam sobretudo habitações de luxo — porque são estas as que dão lucros mais elevados; b) a maioria dos países europeus aplica à construção uma percentagem do produto nacional bruto semelhante à portuguesa: à volta de 20 por cento do P. N. B. Por que razão é a nossa crise mais grave? Porque a nossa construção civil é muito menos produtiva.

## (VIII) PROPOSTAS DE SOLUÇÃO

Não vamos aqui enumerar todas as propostas que foram adiantadas: algumas já ficaram no texto, como por exemplo: a centralização num só ministério de toda a política habitacional.

De resto teremos que aguardar que a comissão organizadora do colóquio faça a sua síntese — esperamos que dentro em breve.

Mas parece-nos que a política de terrenos preendeu sobremaneira os participantes.

Foram propostos dois tipos de solução: as que recorrem a métodos da economia de mercado e todas as outras.

Métodos de economia de mercado — Procurou-se sobretudo moralizar o estatuto do construtor civil. O eng. Virgílio Preto propõe que se crie uma nova classe: os promotores.

«Definidas as linhas de rumo, competirá aos promotores (que poderão ser organismos públicos, semi-públicos e privados) a execução dos programas estabelecidos.

Convém desde já definir o que se convencionou chamar promotores.

Os promotores serão entidades que, enquadradas num estatuto jurídico a estabelecer, se dedicarão à efectivação de programas de construção, garantindo através dos seus serviços, ou contratando com terceiros os estudos económicos e técnicos dos projectos e, posteriormente, o financiamento e execução.

Os promotores que se dedicassem à construção de carácter social beneficiariam de:

- a) empréstimos das instituições financeiras públicas e semipúblicas, em condições mais favoráveis de prazos e de taxas de juro dos que concedidos para outras modalidades de construção;
- b) condições mais favoráveis na aquisição de terrenos urbanizados ou a urbanizar;
- c) isenção de contribuições, impostos e taxas

por período suficientemente amplo;

d) quaisquer outros auxílios, incluindo os de carácter técnico que vierem a ser estabelecidos.

As habitações construídas por iniciativa de organismos promotores a criar obedeceriam a normas mínimas dimensionais e qualitativas compatíveis com a finalidade social a que se destinam e o seu custo traduziria uma preocupação constante de produtividade dos recursos utilizados.»

(Eng. Virgílio Preto)

Cooperativas — O recurso ao cooperativismo foi proposto pelo sr. Emilio Santana, presidente da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, que afirmou: «Se no estrangeiro o cooperativismo tem dado resultado, porque não acontece o mesmo em Portugal, se não somos feitos de matéria diferente?»

Nacionalização dos terrenos — Proposta do arquitecto Nuno Portas, a exemplo de alguns municípios ingleses e escandinavos.

## Conjuntura brasileira

### A ECONOMIA LATINO-AMERICANA

Depois de exposições e debates entre a cúpula administrativa do Brasil e a Missão Rockefeller, as autoridades económicas ofereceram, entre outras, esse conjunto de sugestões que registamos aqui: 1) A instituição de um fundo de redução e nivelamento das taxas de juros (esquema Horiwitz), mediante subsídio aos organismos multilaterais de financiamento; 2) A desvinculação parcial da ajuda, estendendo-se a possibilidade de aquisição aos demais países do hemisfério; 3) O apoio à política brasileira de expansão da Marinha Mercante e de maior participação da bandeira brasileira no transporte das nossas importações e exportações; 4) A possibilidade de vincular-se à assistência financeira latino-americana, ainda de forma indirecta, uma parte dos recursos adicionais que os E. U. A. vieram a obter no F. M. L. através do mecanismo de «direitos especiais de saque».

amparados (energia eléctrica, transportes, etc.), seja apoiado o esforço nacional no campo do desenvolvimento social, cujo principal objectivo é valorizar e capacitar o homem brasileiro e promover o aumento do mercado interno, através da progressiva incorporação de populações rurais marginalizadas e desassistidas.

FORTALECIMENTO DA EMPRESA NACIONAL — Grandemente conveniente nos parece o exame e implantação de um esquema de financiamento externo destinado especificamente ao fortalecimento da empresa nacional, com o objectivo de proporcionar-lhe melhores condições de expansão e competição, sobretudo através da redução de sua importância com relação às grandes empresas internacionais, que geralmente contam com maiores recursos de giro, tecnologia e escala de produção.

A experiência tem demonstrado que, por falta de capital de giro, as empresas nacionais têm sido as mais afectadas pelos programas de estabilização.

Um esquema de fortalecimento do empresário nacional, conjugado com uma razoável definição das regras do jogo, teria repercussões extremamente favoráveis, permitindo-se harmonizar, de forma simpática, a intensificação da participação privada estrangeira (que parece estar nas intenções do actual Governo norte-americano) com a preservação do comando nacional do processo de desenvolvimento.

O esquema poderá incluir: a) financiamento de capital de giro, em condições favoráveis de prazos e juros; b) financiamento de capital accionário ao empresário nacional que desejar associar-se a organizações estrangeiras para fins de aquisição de tecnologia ou aumento de escala de produção; c) financiamento para realização de pesquisas de adaptação ou criação de tecnologia no país; d) financiamento para aumento de produtividade; e) financiamento de capital fixo.

#### • Síntese dos factos

Informou o Ministério da Fazenda que já está pronto o projecto de lançamento de Títulos da Dívida Pública Brasileira no Exterior.

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que tem sede no Recife, aprovou a instalação de uma fábrica de redução de alumínio no Centro Industrial de Aratu, na Bahia, com capacidade de 10 mil toneladas anuais.



# OS DOMADORES DE DESENHOS SELVAGENS

Desde aquele dia de 1950, em que os desenhadores da revista satírica «Kerempuh» se reuniram no apartamento de Nikola Kostelac para tentar dar início a um cinema de animação nacional, desde aquele dia em que inocentemente escreveram a Walt Disney para lhe perguntar como é que se fazia, desde aquele dia em que o mestre respondeu que não havia manual para isso e lhes desejava boa sorte, desde aquele dia em que nasceu o primeiro desenho animado jugoslavo, «O Grande Encontro», que apresentava a ruptura Moscovo-Belgrado, desde aquele dia em que o cavaleiro da Zagreb-Film apareceu no primeiro filme, «O Autómato Turbulento», assinado por Dusan Vukotic — passaram-se muitas coisas na Croácia!

Evoquemos o que foi a ex-

plosão: inesperadamente surgiu de uma terra inverosimilmente longínqua um grupo de homens preocupados em dar ao pequeno mundo da animação uma lição — muito involuntária — de cultura, de dignidade, de originalidade gráfica! Era necessário admitir imediatamente no clube dos «Grandes» estes homens, com nomes tão bárbaros, que tinham a audácia de desbravar o caminho, varrendo a casa de todas as imundícias provocadas por ratos e gatos que jamais alguém sonhara limpar! Eles anexavam Tchekov, Kafka, Balzac e alguns outros! Que selvagens!

Torceu-se um pouco o nariz mas depois criou-se o hábito de pronunciar Mimitza (em vez de Mimica) ou Vukotiche (em vez de Vukotic). E em cada festival surgia a oportunidade de desco-

brir aquilo que fora imaginado por esses malditos cineastas de Zagreb.

Apareceram «O Vingador», «Sòzinho», «No Fotógrafo», «O Inspector Regressa a Casa», «Concerto para Metralhadora», «A Pele de Chagrá», «Pequena Crónica», «O Roubo do Diamante», «Piccolo»,

grafismo de elevada qualidade: «O Aprendiz de Ferreiro, D. Quixote».

E depois começámos a ver Zagreb com outros olhos. Soube que Mimica se converteu no Prometeu das angústias revolucionárias e dos cine-romances monumentais, que Vukotic se desdobrava em

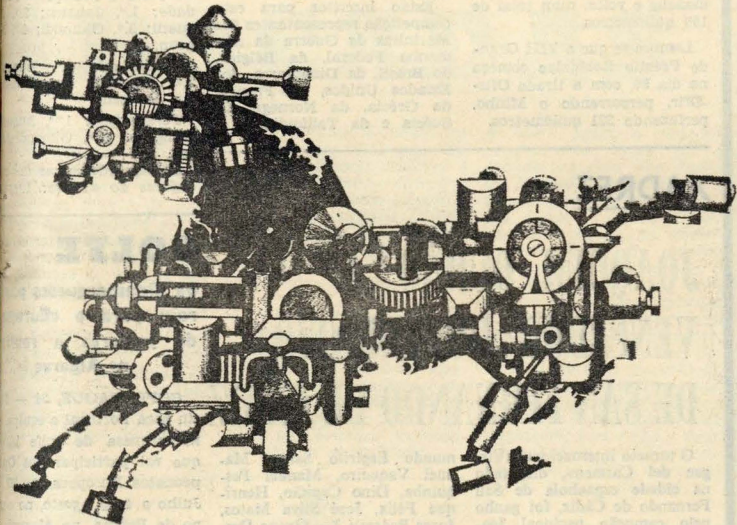
por PIERRE PHILIPPE  
(Exclusivo «Journées du Cinéma»)

«Fim Feliz» e outros que deixam de citar, mas não esqueço essa torrente de que mal se viam todas as cambiantes e de que tremíamos só por pensar que um dia talvez deixasse de escoar lenta e gravemente, esmaltada com frequência por um brilho esquisito, por uma jóia filigranada ou por um

combinções, mais ou menos aberrantes, de creches infantis e de animação «moderna». E houve um silêncio, e neste silêncio surgiu uma revelação: Zlatko Burck e o esplendor satírico do seu filme «Nevoeiro e Lama», que afirmava nada ter acabado e que a campainha a anunciar o fim do intervalo ia soar imediatamente.

Annecy 1967 marcou o fim desse intervalo. Vimos chegar um grupo constituído por pessoas de aspecto tímido, à primeira vista, mas que rapidamente soubemos classificar como individualidades originais, vibrantes, afáveis ou sarcásticas, e sempre atraentes. Eram os discípulos, pouco submissos, dos campeões de ontem. Diziam: «No tempo de Vukotic...», mas nada de abandonar as antigas conquistas. Estavam na barra e aguentavam-se bem. Mantinham-se alerta, a mão ligeira e o espírito desempoeirado. Recusavam calmamente as receitas e as modas. Queriam aprender — ainda — a dominar as manchas e os traços rebeldes, contraditórios, agressivos, que uma alta escola demasiado estrita conduz frequentemente a fazer andar à roda como se fossem cavaleiros de circo. Pretendiam ser domadores de desenhos selvagens.

E nós também temos de aprender a não nos enganarmos na pronúncia dos ts, dos tch, dos grg. Temos de estar vigilantes com a floração da planta croata.



Conseguirá o homem dominar o animal de aço e de fogo? Sim, com a condição de não utilizar a violência. Tal é o tema de «O Domador de Cavalos Selvagens», realizado pelo jovem cineasta jugoslavo Nedeljko Dragic

## AULAS SEMANAIS DE DESENHO NO 3.º CICLO LICEAL

Parecer da 4.ª Secção da Junta Nacional da Educação, de 21 de Novembro de 1968, homologado por despacho ministerial de 23 do mesmo mês:

«Em oficinas com a mesma data, 14 de Outubro de 1968, o reitor do Liceu Passos Manuel e a reitora do Liceu Rainha D. Leonor chamam a atenção para a situação anómala criada pelo Decreto-Lei n.º 48038, de 19 de Novembro de 1967, que reduziu um tempo de aula semanal à disciplina de Desenho do 3.º ciclo, sem alteração do respectivo programa.

Parece que a questão podia ter sido evitada de uma forma simples: acrescentar uma hora à disciplina de Matemática clássica sem diminuir o tempo da prática escolar do Desenho, que tem especial importância para os alunos que se destinam ao Instituto Superior Técnico e ao Curso Superior de Arquitectura. Mas, se esta solução já não é possível, impõe-se encontrar outra que não pode deixar de ser

acomodática e provisória. Uma solução de emergência, digamos, aceitável a p e n a s porque estamos certos de que é premente renovar e adaptar os programas liceais, e que, por conseguinte, qualquer solução sugerida não é o reconhecimento de matérias inúteis, mas a adaptação forçada a uma situação transitória.

Em face das realidades, cremos que da matéria programada aquela cuja supressão menos afectará a actual estrutura da disciplina — ensino e exame — é a rubrica *Desenho à Vista*. Parece um absurdo, na realidade, optar pela supressão da parte mais específica da disciplina. Mas é esta, infelizmente, a mais desajustada e mais irregularmente praticada. Prefere-se manter os conhecimentos que educam

a capacidade de visualizar e fundamentam a teoria e a prática do desenho técnico.

Salienta-se, ainda, que a consciência profissional dos professores de Desenho está conturbada por ser possível, por causa de uma anterior e semelhante «transferência» de horas, haver alunos, por vezes do mesmo professor, que se destinam ao mesmo curso superior e, contudo, adquirindo conhecimentos e prática de desenhar muito desiguais. Uns, podem ter apenas o Desenho do 6.º ano, leccionado em dois anos; e outros, o Desenho dos 6.º e 7.º anos.

Pergunta-se: não seria possível conceder, ainda no presente ano lectivo, mais uma hora ao Desenho dos alunos da Matemática Moderna? Com este pequeno acré-

mo e as restrições que a seguir se propõem, igualávamos a situação de todos os estudantes de Desenho do 3.º ciclo.

Em face do exposto são os membros da 4.ª secção da Junta Nacional da Educação de parecer que, para o actual ano lectivo, as matérias dos programas de Desenho do 3.º ciclo sejam leccionadas com as seguintes eliminações e restrições:

6.º ANO: Eliminar a rubrica *Desenho à Vista* e realizar um ensino de Desenho Geométrico sem explanações e com uma prática mais limitada.

7.º ANO: Eliminar o *Desenho à Vista* e ensinar de uma forma sucinta a parte final do programa de Desenho Geométrico referente à determinação de sombras de sólidos sobrepostos.»

A CAPITAL  
suplemento diário

# EXTRA

5.ª-FEIRA, 24 DE JULHO DE 1969



A actriz Shirley Jones, detentora de um «Oscar» como melhor actriz secundária no filme «Elmer Gantry», foi agora contratada pela N. C. P. para contracenar com James Stewart e Henry Fonda em «The Cheyenne Social Club», película que será realizada pelo actor Gene Kelly

LER MAIS:

- CRITICAS DE ESPECTÁCULOS
- DESPORTO
- AMORES CÉLEBRES
- GUIA DO LEITOR

QUEIRA DESTACAR  
O CONJUNTO  
DAS PÁGINAS  
DESTE SUPLEMENTO



# NOTAS CRÍTICAS DE ESPECTÁCULOS

## TELEVISÃO: VER E CONTAR

1 Ana Maria e a simplicidade

Ana Maria Botelho explica por que aceitou colaborar em «Nós, as Mulheres», previne que só será capaz de usar «palavras simples». Não tem que pedir desculpa: são as palavras simples as únicas televisivas, as capazes de estabelecer a comunicação que Ana Maria Botelho deseja. Apenas terá de lembrar que a simplicidade das palavras exige, como complemento, ideias claras e uma informação arrumada. Há os que confundem a palavra simples com a renúncia a bem se explicarem, a bem se entenderem, a si próprios, como se a confusão não fosse inimiga da simplicidade. Ana Maria Botelho não há de ser desses, esperamo-lo.

A sua apressada reportagem no Centro Social do Bairro de Santa Cruz foi, por agora, mais uma luçada de entusiasmo do que um momento de comunicação com o telespectador. Ana Maria o disse: não tem experiência nenhuma de TV. A circunstância não é grave, mas é uma razão para que reflita previamente em como utilizar o tempo escasso de que parece dispor.

Assinale-se, entretanto, a pobreza das imagens que a vieram apoiar.

Porque nem tudo depende de Ana Maria Botelho: há mãos alheias por detrás das câmaras. Há que exigir-lhes o auxílio e a atenção bastantes.

2 Brincar com o fogo

«Get Smart» é uma série que brinca com os temas de espionagem e da guerra fria. Dentro de uma linha de humor que não aspira ao muito brilho, mal servida por um actor de escassos recursos, acaba por sugerir uma atitude crítica perante a endemia de espionagem que tomou conta do cinema e da TV norte-americanos. As pastas com alarme sonoro, o agente britânico incrivelmente fleumático, todos os cordelinhos habituais levados aos limites do ridículo, podem ser entendidos como uma forma de denunciar a falsidade de um género que criou raízes. Ainda bem. Mas podem também funcionar como uma tentativa para renovar a capacidade de penetração de uma temática que saturou o público.

De qualquer forma, preferimos o riso: entre a mentir

ra impávida e a chalaça divertida, não vemos razões para hesitar longamente. Ficamos, porém, uma boa dose de má consciência. Estão longe de estar esconjurados os perigos de uma guerra geral: vai-se ganhando a batalha da Lua, mas proletando a conquista da paz. E ninguém pode dizer, em boa verdade, do que é que está rindo quando assiste a uma boa pilhéria a propósito da hostilidade Leste-Oeste. Pois, tal como a astronáutica, a guerra nuclear era, há uns vinte anos, um capítulo da «science-fiction». E não é com gargalhadas que se barra o caminho da tragédia.

3 Opera em antologia

Hugo Casais, nome destacado da nossa cena lírica, veio apresentar uma selecção da ópera «O Elixir de Amor». Haverá o que lamentam não ter assistido à transmissão integral da ópera de Donizetti, assim prejudicada na justeza das suas proporções. Parece-nos, porém, que a relativa «infidelidade» foi largamente compensada pela acrescida acessibilidade que se conseguiu. O que vimos ontem foi, sem dúvida, uma excelente adaptação do espectáculo original às conveniências da divulgação da ópera através da TV. A vivacidade do ritmo, a realização arejada, o poder das imagens sempre distantes dos limites do tablado, reforçaram a sedução da música de Donizetti.

Entre todos os méritos da adaptação, porém, foi decisiva a narração de Italo Tajo, bem dobrado por Hugo Casais. A força combinada das palavras e da qualidade de Tajo como actor (melhor diríamos: como interlocutor de uma câmara de Teleteatro) terá sido determinante para captar a atenção do público. Daí que esta adaptação televisiva não tenha sido um sucedâneo menor de «O Elixir de Amor», mas um poderoso estímulo para a audição da ópera completa.

Por outras palavras: tenha sido a prova pública de que a ópera também é um espectáculo vivo, muito capaz de enredar o telespectador na teia de um interesse apaixonado.

CORREIA DA FONSECA



EXCURSÃO DA DOMINGO 27 DE JULHO

LISBOA a COIMBRA, CONDEIXA, CONIMBRIGA, NOSSA SENHORA DA PIADEDE, SERRA DA LOUSÃ e volta

(INCLUINDO O TRANSPORTE POR COMBOIO, ALMOÇO E CIRCUITO TURÍSTICO ROBOVARIANO)

Preço de excursão completa em 1.ª classe..... 260\$00

BILHETES A VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO) E LISBOA (SANTA APOLÓNIA), NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES, RUA DO ARSENAL, 124, NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS E NOS DESPACHOS CENTRAIS DE LISBOA

GERARD SOTTO NO CASINO DA MADEIRA

O cançonetista francês Gerard Sotto, nome muito popular entre o nosso público, partiu para a Madeira, a fim de actuar no casino local. Este artista irá cumprir nessa sala um contrato que terá a duração de 25 dias, regressando depois à Metrópole, para partir em seguida para o Algarve, onde irá trabalhar na «boite» do Hotel Alvor-Praia.

A FAMÍLIA PREMINGER

Ingo Preminger, irmão do realizador Otto Preminger e aluchado de «o Preminger simpático», vai estreiar-se, como produtor, no filme «Mash».

# desporto

Presença ultramarina no Grande Prémio Robbialac

Depois da confirmação da presença do Sport Luanda e Benfica no VIII Grande Prémio Robbialac, através de uma equipa formada por José Aveilino, Pedro Bárbara, Joaquim Santiago, Casimiro Cabrita, Wenceslau Fernandes, Daniel Gomes e António Pires, cuja vinda se prevê para domingo, cabe a vez a um representante de Moçambique estar presente nesta prova velocipedica. Trata-se de José Reis, do Sporting de Lourenço Marques, vencedor da recente Primeira Prova Robbialac, entre Lourenço Marques e Namacacha e volta, num total de 150 quilómetros.

Lembra-se que o VIII Grande Prémio Robbialac começa no dia 30, com a tirada Ofir-Ofir, percorrendo o Minho, perfazendo 221 quilómetros.

## XADREZ

### JOAQUIM DURÃO VENCEDOR DO TORNEIO DE SAN FERNANDO DE CÁDIZ

O torneio internacional «Virgen del Carmen», disputado na cidade espanhola de San Fernando de Cádiz, foi ganho pelo campeão nacional Joaquim Durão, com quatro vitórias e um empate.

A classificação final ficou assim ordenada: 1.º Durão (Portugal), 4,5-0,5 pontos; 2.º António Romero (Espanha), 3,5 pontos; 3.º Baruch Wood (Inglaterra), 3 pontos; 4.º González Séries (Espanha) e Fernando Cebada (Espanha), 1,5 pontos; 6.º Manuel Liñan (Espanha), 1 ponto.

Durão empatou com Romero e venceu os restantes, dos quais se destaca Wood, o director da famosa revista «Chess» e antigo campeão de Inglaterra. Ao mestre português foi, ainda, conferido o prémio de «brilhantismo» pela partida correspondente à última jornada, travada com Liñan.

Disputa-se em Rio Maior a semifinal do Campeonato Nacional de Xadrez

O torneio semifinal do Campeonato Nacional de Xadrez por equipas da 1.ª categoria, será disputado em Rio Maior, com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo, de 25 a 27 do corrente. A ordem determinada pelo sorteio e a formação das equipas são as seguintes: 1.ª Quinas Clube de Desportos, do Barreiro (Alberto Silva, Manuel José Brito, Vitor Margarido, António Eloca, José Areda, Francisco Sim-Sim, Fernando Alves, Aurélio Silva); 2.ª Clube Rio-Maiorense (Manuel Magalhães, Ed-

## O DESPORTO NMUNDO

ATENAS, 24—Mais de 1250 atletas concorrerão aos Jogos Europeus, que se realizam nesta capital de 16 a 21 de Setembro, segundo foi revelado a noite passada.

O Estádio de Karaiskakis, com capacidade para 40 000 espectadores, onde se realizam os Jogos, seria equipado para todas as condições atmosféricas, semelhante à utilizada nas Olimpíadas do ano passado, no México.

A corrida da maratona, que assinalará o fim dos Jogos, seguirá a rota original desde o antigo campo de batalha em Maratona até Atenas. — (R.)

RIO DE JANEIRO, 24 — Será disputada no Rio de Janeiro, de 29 de Julho a 3 de Agosto, a XIV Semana do Mar, promovida este ano pelo Brasil.

Estão inscritos para esta competição representantes das Marlinhas de Guerra da Alemanha Federal, da Bélgica, do Brasil, da Dinamarca, dos Estados Unidos, da França, da Grécia, da Noruega, da Suécia e da Tailândia.

O Brasil, que já ganhou este campeonato mundial em 1967, na categoria de 1.ª, Alcia, não foi feliz no ano passado, na Holanda. — (A.P.)

MADRID, 24 — A Federação Espanhola de Ciclismo pré-seleccionou os seus corredores profissionais para os Campeonatos do Mundo da modalidade: Carlos Evarria, Gabino Erenas, Andrés Gandarias, Antonio G. del Moral, José Antonio González Linares, José María Momena, Luis Ocana, José Pérez Frances, Domingo Perena Ramon Saez e Gregorio San Miguel. — (F. P.)

MOTOCROSS EM MATOSINHOS Realiza-se no domingo, em Matosinhos, a 3.ª prova do I Campeonato de Portugal de Motocross.

Os concorrentes que se inscreverem na sede da Federação até sexta-feira, beneficiarão do transporte gratuito das motocicletas.

REIMS, 24 — Foram conhecidos os resultados obtidos no «critériu» desta cidade.

«Omniu» do vencedor da Volta à França — Vencedor: 1.º, Janssen; 2.º, Anquetil; 3.º, Gimondi; 4.º, Pingeon.

Individual: 1.º, Anquetil; 2.º, Pingeon; 3.º, Gimondi; 4.º, Janssen.

Perseguição: 1.º, Anquetil; 2.º, Pingeon; 3.º, Gimondi; 4.º, Janssen.

Grande «Omniu» dos vencedores do «Tour»: 1.º, Janssen.

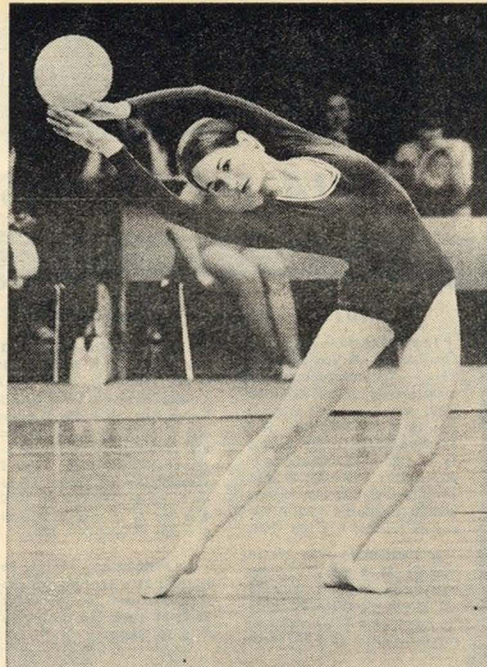
## GOLFE

Os dinamarqueses participaram para o «Europeu» de juniores a realizarem no Algarve

COPENHAGUE, 24 — Participaram para Portugal a equipa dinamarquesa de golfe juniores que vai participar nos Campeonatos Europeus, de 30 de Julho a 4 de Agosto, no campo de Penha, no Algarve.

«Temos hoje uma equipa melhor do que aquela que em 1968 ganhou o título» — afirmou à partida o capitão dos dinamarqueses, Steen Desgaard.

Da equipa fazem parte: John Nielsen, Svend Boerge Jensen, Jens Thomsen, Steen Knud Hansen, Hans Christian Colov e Niels Viktor Ehlers. — (AND.)

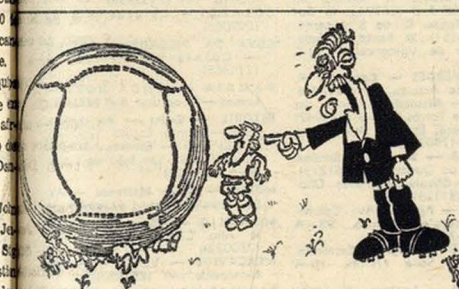


Exercícios com a bola, realizados pela jovem campeã de ginástica, Gisela Hörmann, durante os campeonatos alemães, realizados em Andernach

# BRAÇADAS

As competições nacionais estão previstas para os seguintes locais: seniores e absolutos (Lisboa-Olivais); juniores e juvenis (Evora); torneio de infantis (Coimbra); e Taça de Portugal (Vila Franca). Todos em piscinas de 50 metros, com excepção dos infantis.

E já que falamos em piscinas de 50 metros, aqui vai uma novidade. É possível que, na próxima época, a piscina municipal de Coimbra (a de 33 metros) seja aumentada para 50. Mais um impulso formidável para a modalidade.



—Quero saber quem foi o idiota que encheu a bola...



Mário Almeida, licenciado em Direito, jornalista:

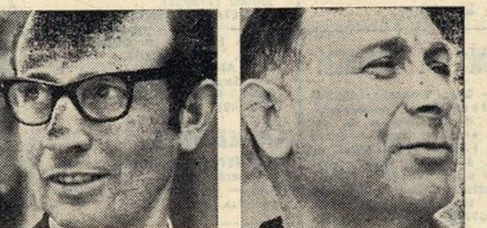
Perguntámos — Acha útil a casa de penhores?

Responderam: Não. São instituições úteis porque, nos momentos críticos da vida, são muitas vezes a única solução. O certo é que ninguém deveria utilizá-las, pois quando se empenhamos um objecto, estamos a comprometer-nos...



António Pereira de Carvalho, empregado de escritório:

— Parecem-me necessárias, porque resolvem, muitas vezes, as nossas dificuldades. Nunca me servi delas, graças a Deus, mas não tenho vergonha de dizer que, em grande dificuldade, recorrerrei aos prestamistas. Por agora, tenho bons amigos e pessoas de família que me auxiliariam em situações graves.



Manuel Rodrigues Campos, pontista da Siderurgia Nacional:

— Se quer que lhe diga, felizmente, nunca precisei das casas de penhores. Penso, contudo, que devem ser úteis para quem as utiliza, embora todos se queixem dos elevados juros que cobram... às vezes, por um simples objecto sem grande valor.

# FILIPE IV E A DUQUESA DE ALBUQUERQUE

AMORES CÉLEBRES

X — O rei de Espanha, Filipe IV, reparou, uma noite, no teatro do Príncipe, numa bonita comediante, «la Calderona».

Na mesma noite, o jovem duque de Medina, rival do rei, e feliz, junto da duquesa de Albuquerque, lançou também os olhos para a Calderona.



Calderona de la Barca, todas as noites, à saída do teatro, acompanhar a Calderona até à porta de casa. Nessa noite, profundamente perturbado com a conversa que tivera com Maria, fugira D. Pedro Calderon do teatro, sem mesmo se importar com a presença do rei na sala. Para isso, pedira a um velho amigo, Barbara Coronel, pa-



ra o substituir junto da Calderona, como corteador.

Foi, portanto, à saída do teatro, o excelente Coronel quem deu o braço a Maria, para a conduzir a casa...

30 De regresso a casa, Maria Calderon, na ausência da sua mãe adoptiva, Maria de Córdova, ficou só com Inés, a sua camarista. Enquanto esta pu-

de substituir junto da Calderona, como corteador.



29 Enquanto a Calderona, escoltada por Coronel, voltava tranquilamente para casa, na direcção da qual o duque de Medina se dirigira, prontamente, o rei Filipe IV, acompanhado pelo seu ministro, o conde-duque de Olivares, marchava também, na noite, e incógnito, direito à Rua de San-Heronismo, onde morava a bonita actriz. Mas o monarca perdera, à partida, alguns minutos. Olivares, só ao findar do espectáculo se lembrou de procurar saber o

# PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 438. HORIZONTALS: 1 — Forma apocópica de Vale. Por baixo de Tal. 2 — Caminhava. Relativo ao Papa. Dente queixal. 3 — Símiolos. 4 — Estoraque. Oprime. 5 — Caminho. Terreno árido onde apenas crescem plantas bravias. 6 — O Sol entre os egípcios. Perceptor. Individual. 7 — Envergado. 8 — Cabelo branco. 9 — Prefixo de oposição. Odeias. Cabelo branco. 10 — Interpretar o que está escrito. Sózimos. Pequena argola. 11 — Fortaleza. VERTICAIS: 1 — Garupa. 2 — Eleve. Acólá. 3 — Rapara. Ulas. 4 — Evadi. Adela. 5 — Agarotar. 6 — Ovo. 7 — Amasseis. 8 — Recuo. 9 — Elar. Selara. 10 — Mocas. O miri. 11 — Asus. Ásaros.



